

Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega

**Maupassant contista traduzido em antologias brasileiras:
Paratextos**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marie-Hélène Torres

Florianópolis – 2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nóbrega, Carmen Verônica de Almeida Ribeiro
Maupassant contista traduzido em antologias
brasileiras: Paratextos / Carmen Verônica de Almeida
Ribeiro Nóbrega ; orientadora, Marie-Hélène Cathérine
Torres - Florianópolis, SC, 2014.
151 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Maupassant. 3. Antologias. 4.
Paratextos. 5. Estudos da Tradução. I. , Marie-Hélène
Cathérine Torres. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
III. Título.

Carmen Verônica de A. R. Nóbrega

**Maupassant contista traduzido em antologias brasileiras:
Paratextos**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 31 de julho de 2014

Prof^a. Dr^a. Andréia Guerini

Coordenador do Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Prof^a. Marie-Hélène Catherine Torres, Dr^a.

Coordenadora do DINTER e Orientadora – UFSC

Prof.^a Andreia Guerini (UFSC), Dr^a.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Julio Monteiro, Dr.

Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Luana Ferreira de Freitas, Dr^a.

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^a. Marta Pragana Dantas, Dr^a.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a. Sinara Branco, Dr^a.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Florianópolis – 2014

Dedicatória

Dedico

A Deus, Senhor da minha vida, que cuida de mim na sombra de Suas asas;

A meu pai, Antonio, (*in memorian*) e à minha mãe, Odete, que me apoiaram em todos os momentos de minha vida;

A Jânio, meu amor, companheiro e amigo, pela amizade, amor e apoio incondicional em todos os momentos;

Às minhas filhas, meu oxigênio, pela companhia constante e amor sem limites;

A Carolina e Daniel John, razão do meu viver, que enchem a minha vida de alegria e de amor;

À minha família sempre presente em minha vida;

Aos meus genros, por cuidarem e amarem minhas filhas;

A D. Dione e Sr Geraldo (*in memorian*), pela amizade e confiança;

A Prof^a. Dr^a. Sinara Branco, que com determinação, amizade e amor, lutou para que eu trilhasse o caminho do Doutorado;

A Prof^a. Dr^a. Marie-Hélène, pelo caminho percorrido juntas, sempre atenta e cuidadosa.

Agradecimentos

A Deus, pela proteção e cuidado;

À Prof^a. Dr^a. Marie-Hélène, pela preciosa orientação durante estes quatro anos, por sua dedicação, incentivo, apoio irrestrito, paciência, cuidado, contribuições e estímulo para que este trabalho se realizasse;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado durante o estágio, o que possibilitou a realização desta pesquisa;

À Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pelo incentivo e apoio a esta pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET – Doutorado Interinstitucional em Estudos da Tradução – DINTER UFSC/UFPB/UFCG;

Às professoras Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC) e Maura Regina da Silva Dourado (UFPB), Coordenadoras do Projeto DINTER – Novas Fronteiras – UFSC/UFPB/UFCG, pela realização deste trabalho;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET – Doutorado Interinstitucional em Estudos da Tradução – DINTER UFSC/UFPB/UFCG, pelo exemplo de compromisso com a academia;

Aos funcionários da PGET, Fernando e Gustavo, pela amizade e ajuda na realização deste trabalho;

À Prof^a Sinara Branco, pelo incentivo, pelo apoio incondicional e pela amizade tão preciosa;

À Prof^a Maura Dourado, pela dedicação e apoio aos alunos do DINTER;

À Prof^a. Dr^a. Josilene Pinheiro Mariz, por ter me sugerido trabalhar com Guy de Maupassant e pelos livros que foram tão importantes nesta pesquisa;

Ao Prof^o. Dr^o Antonio Morais de Carvalho, pelas antologias escaneadas e pela valiosa contribuição para esta pesquisa;

À Prof^a. Dr^a. Noëlle Benhamour, pesquisadora de Maupassant, por toda a ajuda e sugestões em diversos momentos da pesquisa;

À Prof^a. Dr^a. Brigitte Hervot pelo livro e valiosas sugestões;

Aos Professores Dr^o. Walter Carlos Costa e Dr^o Werner Heidermann pelas ricas sugestões e precisas observações durante a banca de qualificação, as quais contribuíram para a melhoria deste trabalho;

À Noëlle Bonnet pelos livros enviados da França e por sua amizade;

A todas as pessoas que compõem o Programa interdisciplinar de apoio à terceira idade – PIATI, amigos (as), companheiros (as), alunos (as), presenças constante em minha vida;

Às amigas do PIATI, que sempre estiveram do meu lado, me incentivando e ajudando;

A todos os professores e funcionários que fazem a Unidade Acadêmica de Letras – UAL – UFCG, pela amizade e incentivos decisivos para a concretização deste trabalho;

A todos os colegas do DINTER, que dividiram comigo momentos de alegrias e expectativas, pela convivência e construção de uma significativa amizade;

À Ângela das Neves, que dividiu comigo seus conhecimentos sobre Maupassant, sem nunca negar ajuda;

A todos que compuseram a Banca para a defesa final e que julgaram meu trabalho com competência e responsabilidade;

À Gilmária, que me acolheu em “Floripa” e cuidou de mim;

Ao Pastor Carlos Roberto dos Santos e Helenita, pelo amor, cuidado, amizade e dedicação que tiveram por mim durante os nove meses que morei em Florianópolis;

A Narceli pela amizade e ajuda valiosa em todos os momentos;

Às minhas filhas, herança do Senhor, motivo maior de minha existência, que compreendem a minha ausência e me apoiam em todos os momentos;

A Jânio, companheiro constante, que com muito amor e parceria, me incentivou a ir em frente;

Aos amigos e familiares que compartilharam comigo momentos decisivos e me ajudaram a continuar;

Enfim, a todos que contribuíram, direta e indiretamente, na execução deste trabalho.

“Em qualquer apreciação sincera do talento de Maupassant, os contos ocupam o primeiro lugar, não somente por seu número, mas, especialmente, por serem característicos. São os que melhor representam o autor em sua originalidade, e sua concisão, extrema às vezes, não impede que constituam uma coleção de obras-primas”.

Henry James

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar os elementos paratextuais presentes em doze antologias, dos séculos XX e XXI, traduzidas no Brasil, de Guy de Maupassant, autor francês do século XIX, pretendendo revelar como o autor e sua obra são apresentados ao leitor brasileiro, através dos paratextos. Foram analisadas somente as antologias traduzidas com contos do autor francês, não considerando as publicações mistas. O principal referencial teórico abordado foi fundamentado nas reflexões de Gérard Genette (2009) e Marie-Hélène C. Torres (2011).

Palavras-chave: Maupassant, Antologias, Paratextos, Tradutor.

ABSTRACT

The main objective of this work is to examine the paratextual elements in twelve anthologies of the French author Guy de Maupassant's short stories, translated and published in the 20th and 21st centuries in Brazil, in order to disclose how the writer and his oeuvre are presented to the Brazilian reader, through the use of paratexts. I analysed only the translated anthologies with short stories from the author himself; anthologies that had other authors as well were not considered. The main theoretical framework was based on the reflections of Gérard Genette (2009) and Marie-Hélène C. Torres (2011).

Key words : Maupassant, Anthologies, Paratexts, Translator.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but d'analyser les éléments paratextuels présents dans douze anthologies, des XX et XXI siècles, traduites au Brésil, de Guy de Maupassant, écrivain français du XIXe siècle, prétendant révéler comment l'auteur et son œuvre sont présentés au lecteur brésilien à travers les paratextes. Seulement les anthologies traduites avec les contes de l'auteur français ont été analysées, sans tenir compte les publications mixtes. Le cadre théorique principal a été basé sur les réflexions de Gérard Genette (2009) et Marie-Hélène C. Torres (2011).

Mots-clés: Maupassant, Anthologies, Paratexte, Traducteur.

Lista de Figuras

Figura 1 índice da antologia <i>Novelas e Contos</i>	31
Figura 2 capa da antologia <i>Novelas e Contos</i>	71
Figura 3 sexta página e página de rosto da antologia <i>Novelas e Contos</i>	72
Figura 4 índice das ilustrações	73
Figura 5 capa da antologia <i>Contos</i>	75
Figura 6 página de rosto da antologia <i>Contos</i>	76
Figura 7 desenho de Guy de Maupassant.....	76
Figuras 8 e 9 índice da antologia <i>Contos</i>	77 e 78
Figuras 10 e 11 orelhas do livro.....	79 e 80
Figura 12 capa do livro <i>Bola de Sebo e outros contos e novelas</i>	82
Figura 13 página de rosto de <i>Bola de Sebo e outros contos e novelas</i> ..	83
Figura 14 índice da antologia <i>Bola de Sebo e outros contos e novelas</i> ..	83
Figura 15 capa de <i>O Horla e outras histórias</i>	85
Figuras 16 e 17 orelhas do livro <i>O Horla e outras histórias</i>	87 e 88
Figura 18 índice de <i>O Horla e outras histórias</i>	89
Figura 19 quarta capa de <i>O Horla e outras histórias</i>	90
Figura 20 capa da de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	91
Figura 21 página de rosto de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	91
Figuras 22 e 23 orelhas da antologia <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	92 e 93
Figura 24 capa da antologia <i>Contos</i>	95
Figura 25 página de rosto da anologia <i>Contos</i>	95
Figura 26 verso da página de rosto de <i>Contos</i>	96
Figuras 27 e 28 cronologia do livro <i>Contos</i>	97 e 98
Figura 29 quarta capa de <i>Contos</i>	99
Figura 30 capa de <i>Contos de Guy de Maupassant</i>	100
Figura 31 ficha catalográfica de <i>Contos de Guy de Maupassant</i>	101
Figura 32 índice da antologia <i>Contos de Guy de Maupassant</i>	101
Figura 33 quarta capa da antologia <i>Contos de Guy de Maupassant</i>	103
Figura 34 capa de <i>Madame Hermet e outros contos fantásticos</i>	104
Figura 35 página de rosto de <i>Madame Hermet e outros contos fantásticos</i>	105
Figura 36 capa da antologia <i>As grandes paixões</i>	108
Figura 37 quarta capa da antologia <i>As grandes paixões</i>	109
Figura 38 página de rosto do livro <i>As grandes paixões</i>	110
Figura 39 capa de <i>125 contos de Guy de Maupassant</i>	112

Figura 40	capa de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	114
Figura 41	ficha catalográfica de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	114
Figura 42	página de rosto de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	115
Figura 43 e 44	orelhas do livro <i>Bola de Sebo e outros contos</i> ...	116 e 117
Figura 45	quarta capa de <i>Bola de Sebo e outros contos</i>	118

SUMÁRIO

Introdução	09
CAPÍTULO I - Maupassant contista	
1.1. O momento literário do século XIX.....	14
1.2. Guy de Maupassant: antologias de textos traduzidos no Brasil	19
1.3. Estudiosos de Mauapassant	33
CAPÍTULO II - As traduções	
2.1. Tradutores de Maupassant no Brasil	47
2.2. Editoras da obra de Maupassant no Brasil	54
2.3. Contos mais traduzidos.....	62
CAPÍTULO III – Antologia e Paratextos	
3.1. Antologia e Paratexto.....	66
3.2. Os paratextos das antologias de textos traduzidos	69
3.2.1. Antologias publicadas na primeira metade do século XX.....	70
3.2.2. Antologias publicadas na segunda metade do século XX.....	84
3.2.3. Antologias publicadas no século XXI.....	107
Conclusão	118
Bibliografia	122
Anexos	129
I - As obras originais em língua francesa cadastradas na BN.....	129
II. Obras traduzidas de Maupassant cadastradas na BN.....	131
III. Obras de Maupassant em espanhol, alemão e inglês cadastradas na BN.....	135
IV. Contos mais traduzidos e a sua posição nas antologias.....	136
V. Obras Traduzidas - Index Translationum da UNESCO.....	143

Introdução

A importância de Henry René Albert Guy de Maupassant (1850-1893) para a literatura mundial é inegável. Considerado um dos maiores contistas de todo o tempo, o autor francês do século XIX teve uma produção literária intensa e uma obra composta de romances, contos, novelas, crônicas, peças de teatro, correspondências e poemas, além de narrativas de viagem. Com o objetivo principal de analisar os elementos paratextuais presentes em doze antologias, dos séculos XX e XXI, traduzidas no Brasil, de Guy de Maupassant, pretendo revelar como o autor e sua obra são apresentados ao leitor brasileiro, através dos paratextos. Foram analisadas somente as antologias de textos traduzidos do autor francês, não considerando as publicações mistas. O principal referencial teórico abordado foi fundamentado nas reflexões de Gérard Genette (2009) e Marie-Hélène C. Torres (2011).

Este trabalho tem por objetivos específicos, apresentar, em uma breve discussão, o momento literário na França e no Brasil, os pensamentos que circulavam, no século XIX, para assim poder identificar e compreender os traços específicos daquele período, que influenciaram na obra de Maupassant e conhecer o período histórico em que ele produzia; identificar as antologias de textos traduzidos de Maupassant, no Brasil, nos séculos XX e XXI; traçar o perfil dos estudiosos e tradutores da obra de Maupassant; analisar os elementos paratextuais presentes nas antologias de textos traduzidos e conhecer, além do contexto histórico, o autor, sua obra e o perfil das editoras.

O passo inicial desta pesquisa foi o de buscar em sites, bibliotecas, livrarias e sebos, as obras traduzidas de Maupassant registradas no Brasil. Iniciei a pesquisa no *Index translationum: UNESCO*¹, em seguida no site da *Biblioteca Nacional*² e, concomitantemente, em bibliotecas de Universidades e Públicas tais como, a Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, a Biblioteca Mario de Andrade³, em São Paulo, a biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande⁴ – UFCG e da Universidade

¹ <http://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx?lg=1> Acesso em 14.04.2013

² <http://www.bn.br/portal/> Acesso em 14.04.2013

³ <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/> Acesso em 16.04.2013

⁴ <http://biblioteca.ufcg.edu.br/acervo/> Acesso em 10.05.2013

Federal da Paraíba⁵ – UFPB. Não foi fácil encontrar as obras de Maupassant, devido à dificuldade de conseguir o material que é escasso e disperso. Os sebos nacionais me ajudaram bastante nesta busca. Foi neles que consegui comprar os livros dos quais analisei os paratextos. O site da *Estante Virtual*⁶ foi de extrema importância para a realização desta pesquisa. Ele reúne, em 2014, 12 milhões de livros, 1.300 sebos e livreiros em 339 cidades do Brasil.

Trinta e uma antologias de textos traduzidos estão cadastradas nos sites da Biblioteca Nacional (BN) e quatro no site da Unesco, sendo uma traduzida para o português de Portugal. Encontrei muita antologia repetida e pouca diversidade. Adquiri doze delas, mas não consegui encontrar outras nas bibliotecas, o que dificultou um número maior de antologias a serem analisadas. As antologias (em português do Brasil) encontradas no site da Unesco são as mesmas encontradas na BN: *Contos*, 1987, tradução de Ondina Ferreira; *Bola de Sebo e outros contos*, de 1987, tradução de Mário Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins e *Madame Hermet e outros contos fantásticos*, de 1999, com tradução de Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria Jose Werner Sales.

Por que Maupassant? Pela riqueza das suas ideias, pela diversidade de assuntos, pela variedade de temas, por sua contribuição à literatura francesa e à brasileira, enfim, pelo escritor *fantástico* que soube descrever com um talento magistral a sociedade da sua época e nos apresentar os desejos e obsessões da alma humana. Jules Renard resumiu Maupassant em uma frase, a qual foi publicada pelo *Journal* em 13 de fevereiro de 1893: “Eu amo Maupassant porque ele parece escrever para mim e não para ele” (“J’aime Maupassant parce qu’il me semble écrire pour moi, non pour lui. » Jules Renard (*Journal*, 13 février 1893)).

Iniciei o levantamento bibliográfico de Guy de Maupassant com o objetivo de ter uma fonte de dados que pudesse me dar suporte na pesquisa. Não busquei, inicialmente, as antologias, mas sim o que foi traduzido dele aqui no Brasil e, num segundo momento, me detive às antologias. Com os dados bibliográficos em mãos, pude mapear as antologias, limitando-as ao âmbito específico dos paratextos. Estas foram selecionadas através de uma análise diacrônica e da disponibilidade das mesmas. Iniciei a análise dos paratextos, baseada nas reflexões teóricas de Gérard Genette e Marie-Hélène Torres. Das

⁵ <http://www.biblioteca.ufpb.br/> Acesso em 14.04.2013

⁶ <http://www.estantevirtual.com.br/> Acesso em 10.10.2012.

trinta e uma antologias encontradas, tive acesso a doze delas, nove antologias do século XX e três do século XXI, não tendo encontrado antologias do século XIX. Estas doze foram as escolhidas para análise.

Restringi a pesquisa à análise dos elementos paratextuais presentes nas antologias de textos traduzidos, nos séculos XX e XXI, com o objetivo principal de valorizar o paratexto como espaço de visibilidade do tradutor, visto que o paratexto é o cartão de visitas de um livro. Os paratextos aparecem de várias maneiras nas antologias de textos traduzidos de Guy de Maupassant, por este motivo, resolvi analisar alguns deles como: capas, notas, quartas capas, orelhas, índice/sumário e página de rosto. Esta escolha se deu porque estes elementos paratextuais contêm informações importantes sobre o autor, a obra e a edição (algumas vezes eles fazem a divulgação da Editora), além de verificar se existe visibilidade do tradutor na obra analisada.

Não considerei as publicações mistas, nas quais outros autores aparecem nas antologias, dividindo espaço com o autor francês.

Esta pesquisa, portanto, pretende contribuir com a história da tradução no Brasil e com os estudos dos paratextos, centrando-se nas antologias de textos traduzidos do autor francês do século XIX, Guy de Maupassant.

O levantamento bibliográfico começou no site *Index translationum: UNESCO*⁷, e nele só foram encontradas vinte e cinco obras traduzidas de Maupassant, dentre elas, quatro antologias. As informações contidas neste site foram insuficientes para determinar o número de antologias de textos traduzidos. Assim, por ser um acervo muito pequeno, parti para a pesquisa na Biblioteca Nacional. Na pesquisa, *on line*, na Biblioteca Nacional (BN), encontrei oitenta e quatro obras cadastradas, dentre elas trinta e uma antologias, das quais doze foram analisadas. A BN oferece um acervo bastante significativo disponível ao público tanto *on line* quanto em sua sede.

O acervo da BN me possibilitou ter acesso à relação das obras originais de Maupassant, das traduzidas para a língua portuguesa, para o inglês, espanhol, alemão e português de Portugal. Ao iniciar a busca, escolhi no *site* o item Catálogo - “acervo – obras raras” visando mapear as obras do autor, cadastradas nesta categoria, contudo, não foi

⁷<http://www.unesco.org/xtrans/bsresult.aspx?lg=1&lg=1&a=Maupassant&stxt=&sl=fra&l=por&c=&pla=&pub=&tr=&e=&udc=&d=&from=&to=&tie=a>
Acesso em 13.06.2013.

encontrado registro neste sentido, fato pelo qual me detive somente no item Catálogo – acervo geral - livros.

Neste item encontrei 97 links e 156 palavras a partir da entrada da palavra *Maupassant* na pesquisa livre. Quando introduzi também a palavra *Guy* na pesquisa com o intuito de encontrar uma relação maior de obras, percebi que aparecem 358 links, mas que não se referem somente ao autor pesquisado, pois existem vários escritores cadastrados com este nome, além de trabalhos de outros estudiosos que têm o nome de Guy de Maupassant no título. Portanto, a escolha pela palavra *Maupassant* foi feita por uma questão prática.

A primeira obra original de Maupassant, que encontrei registrada na BN, é uma crônica intitulada *Émile Zola* publicada pela Editora A. Quantin, datada de 1883, em Paris. Maupassant passou a ser conhecido no Brasil quando publicou, na França, sua primeira novela, *Boule de Suif*, em 1880, cujo sucesso foi imediato (TAUVEL, 2004:6). Neste período, o público brasileiro conheceu, através de jornais e revistas, a sua obra, visto que ele foi lido e comentado por jornais como *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Commercio* e o *Estado de São Paulo* (NEVES, 2007:6). A partir de então, as traduções brasileiras foram publicadas em livros. A primeira tradução, registrada na BN, em língua portuguesa, foi Pedro e João, de 1895, publicada pela Livraria de A. M. Pereira. Posteriormente, foram feitas e refeitas várias traduções de sua obra até nossos dias.

O livro original de sua primeira novela, *Boule de suif*, não consta no acervo *on line* da BN, o que me impede dizer em que data ele chegou ao Brasil, mas a sua tradução, *Bola de Sebo*, publicada pela Gráfico Ed. Unitas, de São Paulo, está registrada com a data de 1933 (?), (esta interrogação me leva a crer que a data está ilegível). Um fator importante que deve ser ressaltado é que constam, no site da Biblioteca Nacional, obras originais e traduções cadastradas sem data, não permitindo pontuá-las cronologicamente. Além disso, alguns cadastros das traduções não citam o nome do tradutor, impossibilitando saber se o seu nome não consta no livro porque não era costume da época evidenciá-lo ou se o livro está danificado e a identificação não foi possível durante a catalogação. O nome do tradutor aparece pela primeira vez no catálogo da BN, na obra “*Segredos do coração*” (Notre coeur), em 1944, pela Editora J. Olympio, com a tradução de Alvaro Gonçalves. Foram encontradas quarenta e duas obras em língua estrangeira, sendo duas em alemão, uma em espanhol, trinta e oito em francês e outra em inglês. Encontrei, ainda no site da BN, oitenta e quatro obras traduzidas para o português, dentre as quais apenas trinta e

seis citam os tradutores. Os que mais traduziram Maupassant, foram Paulo Mendes Campos e José Thomaz Brum. Esse último, além de traduzir três obras, selecionou e prefaciou uma delas, conforme o cadastro. A Biblioteca Nacional registra o ano de 1953 como o que tem um maior número de traduções publicadas, com dezesseis obras traduzidas, cuja relação se encontra em anexo.

Realizei a pesquisa, também, em monografias, dissertações e teses que falam sobre Maupassant, em sites de vendas de livros, livrarias e em bibliotecas Universitárias e públicas, além do Dicionário de Tradutores Literários no Brasil, o Ditra, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Artigos sobre Maupassant foram muito úteis à pesquisa.

Para Agard (1986:8), para compreender um texto literário ou não literário, não é suficiente dispor de ferramentas linguísticas que permitam analisar estruturas, figuras eliminando tudo o que estaria fora do texto. Compreender um texto é também ter consciência que toda produção literária vem da história política, literária, econômica e social. É importante conhecer a biografia do autor sem esquecer que ele vive num século e que sua condição de autor depende deste século. Daí a importância de contextualizar o século XIX neste trabalho.

A pesquisa se apresentará conforme descrição abaixo.

No primeiro capítulo, dedicado à Maupassant contista, discorro um pouco sobre o momento literário do século XIX na França, apresento um quadro com as antologias de textos traduzidos, no Brasil, datas, nome do tradutor, dados da editora, além de traçar o perfil de seus estudiosos no Brasil e na França. Para a construção deste capítulo consultei estudiosos de Maupassant na França e no Brasil e, dentre eles destaco Noëlle Benhamou, Louis Forestier, Nadine Satiat, Paul Morand, Henri Troyat, Armand Lanoux, Monteiro Lobato, José Veríssimo, Otto Maria Carpeaux e Mário de Andrade.

As traduções das antologias é o tema do segundo capítulo. Nele, apresento os tradutores e as editoras da obra de Maupassant no Brasil, quais os contos mais traduzidos nestas obras.

Sabendo que os paratextos foram criados, possivelmente, com o intuito de apresentar o autor e sua obra no sistema literário brasileiro, discutirei, no terceiro capítulo, o conceito de paratexto e antologia, apresentarei as antologias de textos traduzidos, mostrando como elas estão estruturadas e analisarei os paratextos das antologias publicadas no século XX e XXI e que foram escolhidas para tal fim.

Capítulo I – Maupassant contista

Cronista de sua época, pôde, como poucos, revelar em detalhes um mundo que, apenas aparentemente, já não é o nosso (KON, 2009: 16,17).

1.1. O momento literário do século XIX

Quando Maupassant nasceu, em 1850, Louis-Napoléon Bonaparte era Presidente da II República, desde 1848. Não podendo mais se reeleger, em 1852, Bonaparte provoca um golpe de Estado e se consagra Imperador – Napoléon III. Assim, de 1852 a 1870, a França conheceu o segundo Império. Este período foi caracterizado por uma grande prosperidade. Na literatura, antes de 1850, o romantismo era a corrente dominante que privilegiava a sensibilidade, a expressão da personalidade e que, na natureza, refletia os sentimentos e os estados da alma do escritor ou de seus personagens. Em torno de 1850, há o declínio do romantismo com a chegada do realismo que, na França, se desenvolveu, inicialmente, na pintura, com Gustave Courbet e depois, na literatura, com Gustave Flaubert. Os escritores realistas visavam representar em suas obras, o mundo tal qual ele é. O que lhes interessava não eram mais os grandes heróis que viviam de maravilhosas aventuras, mas os meios sociais como realmente eram em sua época: os camponeses, os burgueses, os nobres, o mundo do trabalho e o dinheiro. Em seguida ao realismo, alguns escritores, na França, juntos com Émile Zola, desenvolveram o naturalismo, que queria aplicar à literatura o método experimental em vigor nas ciências, e particularmente, na medicina. Eles pretendiam mostrar que os comportamentos obedecem às leis, como por exemplo, as da hereditariedade. Guy de Maupassant foi ligado aos dois movimentos – o realista e o naturalista – mas ele sempre quis conservar a sua liberdade de artista sem se deixar fechar em categorias muito rígidas (POTELET, 2004:5,6). Maupassant não se preocupou com a teoria literária, ele não se referia, para escrever sua obra, nem aos preceitos de uma escola, nem a um modelo preestabelecido. Para ele, não existia nenhuma norma na arte. O artista, quando compõe uma nova obra, ultrapassa necessariamente, as definições que puderam ser concebidas por um gênero literário (HARDER-SIMILLION, 1973:130).

Maupassant viveu em um século de grandes inovações, tais como a primeira fotografia (1816), o primeiro telefone (1876), a vacina contra a raiva (1891) e o primeiro automóvel à gasolina, em 1891 (POTELET, 2004:6). As ciências se desenvolveram muito rápido e muitos criam que elas responderiam a todas as perguntas e resolveriam todos os problemas. Aos poucos foram percebendo que as ciências não substituíam a fé e a religião, nem impediam os homens de morrer e de sofrer, não respondendo assim, às questões essenciais. Neste mesmo século, Flaubert, Zola, Maupassant, Daudet e outros criam a escola naturalista. Eles não queriam mais uma literatura muito pessoal, cheia de romantismo e de sentimentos, eles preferiam escrever romances científicos nos quais o destino das pessoas era explicado através do nascimento, seu lugar na sociedade e suas doenças (TAUVEL, 2004:7).

Houve, neste século, o aumento da produção industrial, condicionada pelo desenvolvimento da máquina a vapor, do carvão e do maquinismo em geral, o que ocasionou a passagem da oficina artesanal ou da manufatura para a fábrica. O progresso técnico e industrial do século XIX permitiu o desenvolvimento da imprensa. A atividade literária do século XIX é impressionante, não só pela diversidade das obras publicadas, ou pela qualidade, mas também pela quantidade! Nesta época ela foi caracterizada por uma maior liberdade na inspiração e uma maior consciência científica na reflexão.

Na França, na segunda metade do século, dois grandes dicionários aparecem: *Le Dictionnaire de La langue française de Littré* (1863), pela Hachette, e *Le Grand Dictionnaire Universel*, pela Larousse, em 1866.

Segundo Géraudelle (1994:182), um novo espaço se abre para os escritores, no século XIX: a imprensa. Ele afirma que durante todo este século, a tiragem dos jornais não para de aumentar, atingindo todas as camadas da sociedade. Graças a um regime político liberal, a alfabetização tem o seu progresso, visto que o número de jovens de 15 a 24 anos que sabem ler passou de 500 000 a seis milhões, desenvolvendo a imprensa consideravelmente (1994:183). Com este crescimento, esta pode oferecer aos escritores, como por exemplo, a Maupassant, um salário que lhes permitiu dedicação completa à sua vocação. O século XIX, na França, foi marcado, também, pelo desenvolvimento do ensino primário, e numa menor proporção, do ensino secundário, o que ocasionou um maior número de pessoas com maior acesso à imprensa, ao livro e ao jornal. Enquanto que, no início do século, o ensino elementar é assegurado pela Igreja, o fim do século é marcado pelas leis

de Jules Ferry (1881 – 1882) que instituíram a escola primária gratuita, obrigatória e laica. O progresso da escolarização foi regular durante todo o século.

Para Agard (1986:10), a literatura testemunha várias transformações, dentre elas, vê-se aparecer o banqueiro, o agiota, o burguês, o nobre (sem dinheiro), o camponês (cada vez mais guardião dos valores tradicionais), o operário, que só aparece tardiamente, pois era visto, negativamente, pela população. Vê-se surgir, também, novos temas: a cidade, como um meio, a fábrica, as greves, a ascensão social, a oposição Província/Paris, entre outros. Ainda segundo o autor (1986:8,420) o século XIX foi marcado por mudanças econômicas, sociológicas e demográficas, além de considerar que a Revolução Industrial, os progressos das ciências exatas, experimentais e humanas criaram, na segunda metade do século, a crença pautada num progresso inevitável ligado à ciência.

Na França, do ponto de vista social, considera-se que o século XIX é o da burguesia, muito embora a população rural fosse majoritariamente predominante. Escritores escreveram romances científicos tentando explicar o destino das pessoas através de seu nascimento e suas doenças. Naturalista e fantástica, a obra de Maupassant é o reflexo de um fim de século “científico, angustiante e pessimista” (TAUVEL, 2004:7, 8).

Segundo Thérenty (2001:6) um movimento literário se dá quando um grupo de escritores, numa dada época, se reúne por uma corrente de pensamento, pelas tendências intelectuais fortemente caracterizadas e que produzem uma análise comum da situação política e artística do momento. O movimento literário se organiza frequentemente em torno de uma escola, de um grupo institucionalizado de escritores que professa a mesma doutrina e que propõe uma poética comum.

Maupassant foi considerado um dos escritores que participou mais do movimento naturalista do que do realista. O naturalismo deu continuidade ao realismo, e defendeu, a partir da observação, da pesquisa e da documentação, um estudo e uma descrição exatos do real. O naturalismo se alimentou das descobertas de sua época, principalmente as da área da saúde, e pretendeu, em nome da verdade, descrever todas as classes sociais e os seus sujeitos, além de ter fascínio pelas ciências (THÉRENTY, 2001:47,48).

No final do século XIX, a França passou por um período de crise profunda por causa da guerra Prussiana, um conflito armado envolvendo a França contra um conjunto de estados germânicos

liderados pela Prússia, que se desenrolou entre 1870 e 1871. A guerra sinalizou o crescimento do poder militar e do imperialismo alemão. Foi provocada por Otto von Bismarck (chanceler alemão) com o objetivo de criar um Império Alemão unificado.

As cenas desta guerra abundam nos contos de Guy de Maupassant. Ele fez isso para desenhar em suas memórias – o que também, é claro, em matéria de inúmeras histórias motivadas pela guerra de 1870 em quinze anos que se seguiram. Quando a guerra eclodiu em 19 de julho, Guy estava perto de celebrar o seu vigésimo aniversário. Convocado, em agosto, como soldado, ele foi primeiro para Vincennes, na intendência, depois de um mês ele foi para Rouen, próximo de sua cidade natal, talvez por recomendação (MITTERAND, 2010:24). Mas a guerra vai alcançá-lo.

Em 1871, Maupassant deixou o exército e voltou para Paris, onde se instalou e assumiu o cargo de funcionário público, mas seu sucesso como cronista e contista nos jornais *Le Gaulois* (1880-1890) e *Gil Blas* (a partir de 1881) fez com que ele se tornasse um dos escritores mais bem pagos de Paris, o que lhe permitiu sair do emprego (FORESTIER, 1974:LXIII-LXXIX).

A primeira recepção de Maupassant, na França, foi quando da publicação da novela *Boule de Suif*, em 1880, no volume coletivo *Les Soirées de Médan*. Esta obra lhe deu destaque no cenário literário da época. Ainda neste mesmo ano foi publicada a antologia *Des Vers* dedicada a Flaubert. “A sua consagração em vida e a sua ascensão no meio literário são”, segundo Neves (2007:59), “objeto de comentário de quase todos os estudos franceses dedicados ao autor”.

Verdadeiro fenômeno na sociedade, comparável ao desenvolvimento da internet hoje, os jornais se multiplicaram com o intuito de responder a uma demanda de informações e de conhecimentos de toda uma população. Ao longo do século XIX, numerosos escritores publicaram suas obras nos jornais em forma de folhetos. Alexandre Dumas, Honoré de Balzac, George Sand e Maupassant são alguns dos escritores que publicaram neste meio de comunicação. A maior parte dos contos de Maupassant foram editados e publicados na imprensa antes de serem reunidos em volumes (TAUVEL, 2004:89,90)

Maupassant começou a escrever para jornais e usava pseudônimos, tais como Guy de Valmont, Joseph Prunier e Maufrigneuse, e só em 1881 é que os contos e romances, começaram a ser publicados, em volumes, assinados por ele (NEVES, 2012:24). O crítico René Dumesnil, em um artigo publicado no periódico *Francês Le*

Mercure de France, 1º de fevereiro de 1933, afirma ser “uma sorte para um artista se encontrar, pelo seu temperamento e seu caráter, em tão perfeito acordo com a região da qual ele vai tirar a substancia de suas obras⁸” (VASCONCELLOS, 2009:16). Maupassant escolheu a Normandia para constituir a topografia de muitas de suas histórias (VASCONCELLOS, 2009:15,16).

Guy de Valmont, pseudônimo utilizado por Maupassant, e que remetia ao Visconde de Valmont, personagem principal do romance *Ligações Perigosas*, de Choderlos de Laclos, uma obra prima do romantismo francês do século XVIII, a qual Maupassant apreciava (Pierre-Ambroise-François Choderlos de Laclos – *Les liaisons dangereuses* – publicado em 1782). Valmont também é um nome de lugar, uma aldeia perto de Yvetot. Maupassant usou esse pseudônimo em início de carreira. *Joseph Prunier* foi um pseudônimo dado por seus amigos de canoagem e foi, sobretudo, utilizado na correspondência privada. O autor usou este pseudônimo para assinar seu primeiro conto « La Main d'écorché », em 1875 (L'Almanach lorrain de Pont-à-Mousson). Maupassant utilizou o pseudônimo *Maufrigneuse* entre 1881 e 1885 para assinar seus contos, suas novelas e crônicas que apareceram no Gil Blas. Este foi um nome de um personagem de um romance de Balzac que se nomeava de duquesa de Maufrigneuse.

No Brasil, desde o descobrimento, em 1500, a literatura era praticada e tudo começou com as cartas escritas por Pero Vaz de Caminha. Para Veríssimo (1977:9,11), os primeiros anos do século XIX são marcados pela decadência, pela completa estagnação para as letras no Brasil. A literatura, considerada por ele como “a expressão nacional”, resume-se na poesia, pois até a segunda metade deste século, esta é quase exclusivamente constituída da poesia, “se não o é totalmente”. Veríssimo ainda afirma que de 1822 a 1830 as publicações e os autores que mereciam ser citados eram poucos, pois “os primeiros tempos da independência, e mesmo os primeiros anos que se seguiram, todos ocupados pela agitação política, não deixaram lugar para preocupações literárias”.

No Brasil, a modernização ocorrida com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808 e a independência do Brasil, em 1822, influenciaram a literatura neste período. Com a Família Real chegou a Imprensa Régia e as Tipografias no país.

⁸<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k202152q/f25.image.r=Ren%C3%A9%20DUMESNIL%20La%20Normandie%20de%20Maupassant.langFR> Acesso em 20/06/2013.

Mário de Andrade (1988:10) explica que neste período, na Europa, a *belle époque* assiste “a uma sucessão de movimentos artísticos revolucionários” e, neste contexto, promoveu-se modificações profundas, inclusive, no campo das artes. E no Brasil, para o autor, a vida literária, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, era considerada ativa, uma vez que havia encontros de escritores nas livrarias, onde eles discutiam literatura, vista por ele como “novidades”. Eram nestes locais onde eles formavam as conhecidas “rodinhas” de sociabilidades.

No início do século XIX um leitor podia encomendar um livro recém lançado em Paris e o recebia em 28 dias, vindo de navio. Na mesma época, obras de autores brasileiros, como Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), foram traduzidas para o francês, o italiano, o latim e o russo, “a exemplo do que ocorre atualmente com os livros mais lidos no mundo, que são lançados quase que simultaneamente em diferentes idiomas”⁹.

1.2. *Guy de Maupassant*: antologias de textos traduzidos no Brasil

A obra de Maupassant chegou ao Brasil, inicialmente, em língua francesa e em seguida, através da sua tradução e com ela, o leitor brasileiro teve um maior acesso à obra do contista normando. O tradutor, que várias vezes está invisível na obra, pois muitas vezes não foi citado nos cadastros pesquisados, nem encontrado nos livros traduzidos, tem uma importância fundamental para a divulgação e o conhecimento da obra de Maupassant no Brasil.

Num primeiro momento, Maupassant foi considerado como mais um dos pequenos mestres do realismo francês no final do século XIX, mas depois “foi redimensionado como contista exímio e perito em descrições, quer seja da natureza, quer seja dos gestos humanos” (KON, 2009:17). Para a autora, a obra de Maupassant não se conforma à narrativa supostamente imparcial e neutra do naturalista, pois ela “exibe, por meio da exposição jornalística da superfície expressiva da realidade, aquilo que dá sentido a ela” (KON, 2009:17). Ele é um “homem sem ilusões, condenado pela percepção arguta da transitoriedade do mundo e do humano, perpassado pela vivência da morte” (KON, 2009:17).hjjjj

⁹<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/literatura-brasileira-no-seculo-19-circulava-pelo-mundo/> Acesso em 10.09.2013.

Para Otto Maria Carpeaux (1963:2425) Maupassant foi o “mais ‘natural’ dos realistas” e não propriamente naturalista, além de afirmar que ele era pessimista por ser observador agudíssimo e que o seu nome estava ligado à “*Vie Parisienne!*”. Maupassant declarou que admirava “loucamente Schopenhauer e que sua teoria do amor parecia ser a única aceitável¹⁰”. Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, ficou conhecido por seu pessimismo.

Carpeaux ainda afirma que Maupassant confessou ter aprendido com Flaubert a “observação exata dos fatos exteriores e a tradução exata das impressões visuais para a língua” (1963:2424). Ele vai de um extremo a outro quando se trata de Maupassant, pois o considera um contista singular, “talvez o maior desde Boccaccio e Cervantes”, divertido, mas ao mesmo tempo monótono e sem muita cultura. Para ele, a inteligência de Maupassant está limitada à sua experiência humana, o que fez com que ele preferisse personagens simples e simplistas, mas foi com “seus defeitos” que construiu, com maestria, a sua técnica de “short story” e o chamou de mestre inigualável. Refletindo ainda, acerca do contista francês, Carpeaux ele diz que

[...] Maupassant não tem ideal algum; senão o ideal literário de observar e reproduzir fielmente a realidade, que é tão triste. Maupassant é profundo na superficialidade, porque reconhece o “sem fundo” da superficialidade, o vazio desta vida corporal, só prazer, sempre o mesmo prazer; e, enfim, a destruição total. A angústia do desfêcho. Maupassant sempre vira o fantasma do Nada atrás das luzes impressionistas. É um dos escritores mais tristes da literatura universal (p. 2424).

A diversidade temática da obra de Maupassant é tão relevante que, talvez, tenha permitido esta reflexão de Carpeaux, visto que este autor afirma que “Maupassant parece muito variado, tratando-se das aventuras cômicas ou tragicômicas da jeunesse dorée [...] Ele é divertidíssimo, mas monótono” (CARPEAUX, 1963:2423). Além de chamar a atenção pela diversidade temática de sua obra e por ter sido também, um dos maiores expoentes da literatura fantástica, o trabalho de Maupassant é conhecido por retratar situações psicológicas e fazer críticas sociais. Também é caracterizado pelo seu pessimismo, pois no

¹⁰ “J’admire éperdument Schopenhauer et sa théorie de l’amour me semble la seule acceptable ». Maupassant.

mundo descrito por ele, o mal parece ser mais forte que o bem (POTELET, 2004:7).

Maupassant colaborou com vários jornais da sua época, nos quais ele publicava contos, crônicas jornalísticas, romances e narrativas de viagens: L'Almanach lorrain de Pont-à-Mousson, Le Bulletin français, L'Echo de Paris, El Djerad, L'Événement de Paris illustré, Le Figaro, Le Gaulois, Gil Blas, L'Illustration, L'Intransigeant illustré, Le Journal des Débats, La Lanterne, Les Lettres et les arts, La Mosaïque, La Nation, La Nouvelle Revue, Le Panurge, La Réforme politique et littéraire, La République des Lettres, La Revue des Deux Mondes, La Revue illustrée, La Revue moderne et naturaliste, La Revue politique et littéraire, La Revue populaire, La Vie militaire, La Vie moderne, La Vie parisienne, La Vie populaire et Le Voleur¹¹.

Flaubert acreditava que Maupassant tinha talento, mas devia trabalhar muito antes de se lançar na carreira de escritor. Ele esperava que seu apadrinhado renunciasse à poesia para se dedicar à prosa. Assim, ele o convidou para almoçar todos os domingos em sua casa durante o inverno, e lá, Maupassant teve contato com Émile Zola, Alphonse Daudet, Ivan Tourgueniev. Em colaboração com Robert Pinchon, ele começou a escrever uma peça pornográfica para animar os amigos de Flaubert: *À la feuille de rose, maison turque*, uma alusão à casa de Zoraïde Turc, lugar de perdição, do qual fala Frédéric Moreau em *L'Éducation sentimentale*. Todos os papéis femininos foram representados por homens travestidos. Dentre eles estavam Maupassant, Robert Pinchon, Léon Fontaine, Maurice Leloir, Octave Mirbeau. Maupassant estava disfarçado de odalisca. Edmond de Goncourt escreveu uma nota em seu *Journal*, na qual o criticou duramente tanto pela peça, que considerou obscena, quanto pela presença do pai de Maupassant no espetáculo, que ele chamou de monstruosa (TROYAT, 1989:55- 59).

É importante ressaltar que a minha escolha pelo contista normando se deu pela sua importância no sistema literário brasileiro e francês, visto que Guy de Maupassant, autor francês do século XIX, é considerado um dos maiores contistas da história literária na França e um clássico da Literatura Francesa (BENHAMOU, 2011:58), um dos mestres do romance francês (VERÍSSIMO, 1978:208) e um dos escritores franceses mais lido (BENHAMOU, 2007:7).

¹¹ <http://www.maupassantiana.fr/Biographie/Journaux.html> Acesso em 20.02.2012.

Muitos escritores e críticos literários também consideram Guy de Maupassant como um dos maiores contistas de todos os tempos, a exemplo de Mário de Andrade, que, em seu artigo de 1938, *Contos e Contistas*, afirmou que ele era “o maior dos contistas existentes” e declarou que: “Si me obrigassem a escolher dentre os contos dele o que eu havia de levar comigo para a minha ilha deserta, ou levaria uns vinte de contrabando ou desistia da ilha” (ANDRADE, 1972:7).

O que mais impressiona, dentre os vários aspectos, na leitura da obra de Guy de Maupassant, é que ela se caracteriza por sua extrema abundância e por sua concentração no tempo: em dez anos (1880 – 1890) ele escreve toda a sua obra. Flaubert escreveu, neste período, dois livros. Lanoux (1974:IX), no prefácio do livro *Contes et Nouvelles*, diz que destes dez anos surgem os romances *Une vie, Bel-Ami, Mont-Oriol, Pierre et Jean, Fort comme la mort e Notre Coeur*, os três volumes de narrativas de viagem (*Au Soleil, Sur l'eau, La vie errante*). O autor ainda acrescenta que em 1885 trinta e cinco contos e crônicas aparecem nos jornais *Gil Blas, Le Figaro e Le Gaulois*. Maupassant também publicou seis peças de teatro, em torno de oitocentas cartas, as quais revelam a composição de sua obra, mais de duzentas e cinquenta crônicas e um livro de poemas (POTELET, 2004:7). E publicou, aproximadamente, trezentos contos e novelas, reagrupados pela crítica em três círculos: normando, parisiense e fantástico (AGARD, 1986:412). Pode perceber que, apesar de ter tido uma vida breve, pois morreu aos 43 anos, Maupassant, teve uma produção literária muito intensa e relevante, e mesmo com a saúde precária, causada pela sífilis contraída em sua juventude, escreveu freneticamente. O próprio Maupassant afirmou que entrara na vida literária como um meteoro (AUBEL, 2011:56). A este respeito, Lanoux (1974:X) ratifica esta afirmação ao dizer que ele apareceu na literatura como um meteoro e que a sua vida literária inteira foi meteórica.

Em seu artigo sobre o contista normando, Noëlle Benhamou (2011:58) diz que para que um escritor se torne famoso, clássico e célebre é preciso certo tempo, mas Maupassant já o era quando vivo e foi o público, a crítica e os leitores que o elevaram a esta categoria. A autora acrescenta que o jornal *Gil Blas*, em 17 de junho de 1885, publicou uma crítica na qual dá a Maupassant o *status* de “jovem mestre” (BENHAMOU, 2011:58).

A vida pessoal de Maupassant foi intensa, frequentou muitos salões e, apesar de fazer muito sucesso com as mulheres, não dividiu sua vida com nenhuma delas. Segundo Satiat (2006:10) ele teve,

secretamente, três filhos com uma modista, os quais recusou reconhecer e educar.

A partir de 1888, Maupassant passou por problemas físicos e psíquicos, consequência da sífilis, e em 1892, após uma tentativa de suicídio, ele foi internado numa clínica psiquiátrica, “*La Maison Blanche*”. Armand Lanoux (1974:IX) considera que foi neste momento que Maupassant morreu para a literatura, pois o autor francês não escreveu mais após este episódio.

Os primeiros gêneros literários a que Maupassant se dedicou foram a poesia e o teatro. Segundo Troyat (1989:19), ele queria ser como o seu tio Alfred Le Poittevin, que dedicou toda a sua vida à poesia. Alfred morreu muito jovem, aos trinta e um anos, em 1848; ele sofria de neurastenia e muito provavelmente, de sífilis (SATIAT, 2003:22). O gosto de Maupassant pelas rimas aumentou na puberdade. Quando ele terminou os versos, os enviou à sua mãe para que ela os avaliasse. Nos versos de seu filho, ela vê ressurgir seu amado irmão e acha que ele tem talento, por isso, entra em contato com Flaubert, seu amigo de infância para que ele dê sua opinião sobre os versos.

Com o tempo, Maupassant tomou gosto pela prosa e, com a ajuda de Flaubert, tentava escrever com força, precisão e sobriedade, sempre atraído pelo fantástico. Seu primeiro conto neste gênero, *La main d'écorché*, de 1875, foi inspirado em uma lembrança de sua visita à casa de Powel e Swinburne. Influenciado por Gérard de Nerval, Hoffmann e Edgar Allan Poe, o texto agrada aos seus amigos, e através de Léon Fontaine o *Almanach lorrain de Pont-à-Mousson* publicou, sob o pseudônimo de Joseph Prunier, o seu conto fantástico. Apesar da publicação, Flaubert não o considerou pronto para deixar o Ministério e se consagrar às letras, pois ele não queria que Maupassant se tornasse um fracassado, achava que ele devia estudar mais. Maupassant ficou muito triste com esta resposta, mas se recuperou rápido e escreveu *Le Docteur Héraclius Gloss*, um texto que não foi publicado, porque ele decidiu melhorar seu estilo e seu pensamento, para assim, entrar no mundo das letras de uma maneira “espetacular”. Ainda em 1875 ele escreveu a peça de teatro *À la feuille de rose, maison turque*, uma peça pornográfica representada, pela primeira vez, em 13 de abril de 1875. A cena se passou em Paris, num bordel.

Um outro projeto teatral o absorveu em 1878, foi um pequeno ato em versos chamado de *L'histoire du vieux temps*, interpretado, pela primeira vez, no Terceiro Teatro Francês, em 19 de fevereiro de 1879. Trabalho este dedicado à Caroline Commanville, sobrinha de Flaubert,

uma forma que Guy encontrou de homenagear seu padrinho. O público reagiu favoravelmente na estreia da peça (TROYAT, 1989:43,44,76). A peça foi reapresentada na Comédie-Française em 2 de março de 1899.

Somente a partir de 1875, ele escreveu contos fantásticos, novelas e romances e, em 1880, passou a escrever contos, abandonando assim, a poesia. Em 1891 ele deixou de escrever novos textos em razão da doença que o consumia, a sífilis. No que concerne o fantástico, Maupassant foi influenciado no gênero por Edgar Allan Poe, Hoffmann e Tourgueniev. Aproximadamente trinta novelas, ou seja, dez por cento de sua produção pode ser considerada pertencente a este gênero (FÄRNOLÖF, 2007:45).

Maupassant publicou sua primeira novela *Boule de Suif* em 1880 (Bola de Sebo), pela Maison de Georges Charpentier, no volume coletivo *Les soirées de Médan* (A noites de Médan), patrocinado por Zola, sobre o tema da guerra (KON, 2009:13). Este volume trazia, além de Maupassant, cinco outros escritores como Émile Zola, Huysmans, Paul Céard, Léon Hennique e Paul Alexis. Médan era o lugar do naturalismo no final do século XIX, na França, onde jovens escritores como Maupassant e Huysmans se encontravam para discutir arte e literatura. O grupo era recebido por Zola em sua casa de campo, perto de Paris (AGARD, 1986:543). Flaubert considerou *Bola de Sebo* uma obra-prima e Otto Maria Carpeaux (1963:2422) disse que ela “entrou no rol das obras clássicas, com todas honras oficiais”. Esta publicação marca o início, propriamente dito, de sua carreira literária, visto que “transformou-o, da noite para o dia, num autor conhecido e festejado” (FERREIRA, 1987:9).

Em seus contos, Maupassant retrata a vida dos camponeses e dos pescadores, a penúria e o vazio de suas vidas, a sua religiosidade, os conflitos, as suas crendices, sentimentos estes, presentes em sua vida. Estas características estão presentes nos seguintes contos: *A volta*, *O Barrilzinho*, *História de amor*, *O porto*, *Aquele porco do Morin*, *Uma venda*, *A confissão de Théodule Sabot*, *Ao luar*, *Meu Tio Jules*, entre outros. Em *O cego*, *O vagabundo*, *A empalhadora*, *O mendigo*, *O bêbado* e vários outros contos, ele nos apresenta personagens ingênuos, maliciosos, enredo anedóticos, pais que vendem filhos, jovens que se prostituem e são prostituídas, amores frustrados (Kon, 2009:16-18). Para Dumesnil (1933:288), Maupassant era ligado a tudo isso, e expressava os seus sentimentos e as suas sensações tão fortemente, que este amor por sua região dá à sua obra sua característica e seu valor.

Maupassant foi um homem sensível, que conheceu o sofrimento por experiência própria e criou seus personagens que viviam sempre sob

pressões sociais e tinham a hipocrisia, tão desprezada por ele, como uma constante em suas narrativas. O pessimismo, característico do escritor, não lhe permitiu ver uma mudança na natureza humana; assim, ele retratou personagens frustrados, tristes, ingênuos, operários explorados, entre outros (MEYER, 2003:1). Na obra de Maupassant os políticos, religiosos, juízes, médicos, professores, artistas, instituições são retratados com ironia, ninguém está isento. O sofrimento e a brutalidade estão presentes nos contos que abordam o tema da guerra prussiana (KON, 2009:18).

Segundo Benhamou (2011:58), quando da morte de Flaubert, em 1880, Maupassant se afastou, progressivamente, do grupo dos naturalistas e passou a escrever aquilo que lhe agradava, podendo voar com suas próprias asas. Para a autora, esta escolha, considerada por ela audaciosa, permitiu à obra de Maupassant “escapar ao tempo”, dando-lhe um lugar no campo da história literária. Ele passou a escrever para jornais como o *Le Gaulois*, *Gil Blas*, citados anteriormente, além de contribuir, esporadicamente, para o *Le Figaro*, entre 1883 a 1890, com cujo fundador teve a oportunidade de conviver. Esta colaboração com jornais de sua época, nos quais publicava seus contos e crônicas, além de suas narrativas de viagens e novelas, permitiu que seus escritos abordassem “preferencialmente aspectos do cotidiano” (KON, 2009:13). Mas Maupassant foi advertido constantemente por Flaubert contra os perigos e as facilidades do jornalismo que, segundo ele, era mortífero para todo escritor de respeito (RITCHIE, 2007:11). Ele ainda escreveu para outros jornais, como, por exemplo, o *L'Almanach Lorrain de Pont-à-Mousson*, no qual ele publicou seu primeiro conto em 1875, « La Main d'écorché » (FORESTIER, 1974:XXVIII), como dito anteriormente.

A década de 80, do século XIX, foi marcada por sua surpreendente produção. Segundo Kon (2009:14), as coletâneas de contos surgem sucessivamente, como citadas a seguir: em 1881 ele lança *La maison Tellier*; *Mademoiselle Fifi*, em 1882; *Contes de la Bécasse* e *Clair de Lune* em 1883; em 1884 ele publica *Miss Harriett*, *Les soeurs Rondoli* e *Yvette*; no ano de 1885 *Contes du jour et de la nuit*; *La petite Roque*, *Monsieur Parent*, *Toine*, em 1886; *Le Horla* em 1887; em 1888 *Le rosier de Madame Husson*; *La main gauche*, em 1889 e *L'inutile beauté*, em 1890.

Maupassant descreveu, com espírito de justiça e de humor, a vida de seus personagens, eles foram descritos como realmente ele os viu, não exaltou suas qualidades, nem mascarou seus defeitos

(VASCONCELLOS, 2009:15,16). A concisão, recurso estético que o tornou conhecido e admirado como um dos maiores contistas de todos os tempos (DIAS, 2012:1) é encontrada em suas obras e o fez ser tomado por modelo por vários contistas no mundo inteiro. O seu estilo é, antes de tudo, o da forma breve, não é sutil, pois os efeitos estão sempre evidentes nele e, ao fazer uma descrição, muda de estilo, começando um novo parágrafo, enriquecendo as imagens e prolongando as frases. Benhamou (2011:58) enfatiza, em seu artigo *Faiseur ou précurseur?*, que Maupassant aliou, nos temas de sua obra, o antigo e o novo, a tradição formal e a modernidade, o clássico e o moderno, e Aubel (2011:56) o vê próximo, tanto quanto possível, de um artista puro, à maneira de Van Gogh, com quem, segundo ele, o escritor francês tem afinidades. Ainda para Aubel (2011:56), Maupassant era um homem próximo dos humildes, mas hostil às ideias revolucionárias, um pacifista que sonhava com a revanche contra os prussianos, fiel no que diz respeito à amizade e que proclamava, para quem quisesse ouvi-lo, a sua necessidade de independência.

Para Ferreira (1987:10,11), Maupassant não foi simplesmente um dos mais brilhantes escritores do século XIX, mas o mais completo contista de todos os tempos. Para a autora, “assunto e autor nunca se opõem em suas histórias: confundem-se e nessa fusão o autor aparentemente se anula para valorizar o assunto”. Ela ainda afirma que Maupassant

[...] parece despojar-se da sua própria personalidade e adquirir os contornos físicos e mentais das figuras que lhe animam as narrativas, camponeses e soldados, marinheiros e pescadores, nobres e burguesas, operários e prostitutas.

Neste contexto, a autora considera que as histórias de Maupassant trazem, também, uma atmosfera de desencanto, de ironia, quase cinismo, de ceticismo, além de toques poéticos. Para ela, Maupassant era um moralista revoltado contra as convenções, a hipocrisia e a mesquinhez. Ele possuía um alto grau de síntese e eliminava o supérfluo, o inútil.

A grande quantidade de obras traduzidas no Brasil (em anexo) demonstra a importância da obra de Guy de Maupassant no sistema literário brasileiro e como é relevante o número de tradutores e editoras que têm interesse em publicar seus contos. Elenco, abaixo, as trinta e uma antologias de textos traduzidos, no Brasil encontradas, durante a

pesquisa, *on line*, na Biblioteca Nacional e no Index Translationum da UNESCO.

Autor	Título	Tradutor	Editora	Ano
Guy de Maupassant	Contos	-----	Liv. Globo	1946
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	-----	Edições Miniatura	1948
Guy de Maupassant	Novelas e contos	Vidal de Oliveira	Ed. Globo	1951
Guy de Maupassant	Bola de Sebo e outras histórias	-----	Ed. Saraiva	1953
Guy de Maupassant	Contos	Mario Quintana	Ed. Globo	1955
Guy de Maupassant	Contos escolhidos	-----	Ed. Melhoramentos	1956
Guy de Maupassant	Contos	Mário Quintana	Ed. Globo	1958
Guy de Maupassant	Histórias eternas	-----	Ed. Cultrix	1959
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos e novelas	Lygia Junqueira Fernandes	Civilização Brasileira	1970
Guy de Maupassant	Contos escolhidos	Edmundo Lys	Bruguera	1971
Guy de Maupassant	Contos e Novelas	Temístocles Linhares	Itatiaia	1983
Guy de Maupassant	Contos de Guy de Maupassant	Ondina Ferreira	Cultrix	1985
Guy de Maupassant	O Horla e outras histórias	José Thomaz Brum	L&M	1986
Guy de Maupassant	Bola de Sebo e outros contos	Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Globo	1986
Guy de Maupassant	Contos fantásticos	José Thomaz Brum	L&M	1986
Guy de	Contos de	Ondina	Cultrix	1987

Maupassant	Guy de Maupassant	Ferreira		
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Globo	1987
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1988
Guy de Maupassant	Os melhores contos de Guy de Maupassant	Ondina Ferreira	Círculo do Livro	1988
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1993
Guy de Maupassant	O abandonado e outros contos	Plínio Augusto Coelho	Scrinium	1997
Guy de Maupassant	Contos fantásticos	José Thomaz Brum	L&M	1997
Guy de Maupassant	Contos fantásticos: O Horla & outras histórias	José Thomaz Brum	L&M	1997
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1998
Guy de Maupassant	Madame Hermet e outros contos fantásticos	Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria Jose Werner Salles	Editora da UFSC	1999
Guy de Maupassant	Contos fantásticos: O Horla & outras histórias	José Thomaz Brum	L&PM	1999
Guy de Maupassant	Contos	Equipe de tradutores da Editora Martin Claret	M. Claret	2000
Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	Pietro Nassetti	M. Claret	2003

Guy de Maupassant	As grandes paixões	Léo Schlafman	Record	2005
Guy de Maupassant	125 contos	Amilcar Bettega	Companhia das Letras	2009
Guy de Maupassant	Bola de Sebo e outros Contos	Plínio Augusto Coêlho	Hedra	2011

Das trinta e uma antologias encontradas durante a pesquisa, selecionei doze, dentre as acima descritas, para a análise dos paratextos por dois motivos. O primeiro foi a seleção que se deu por uma análise diacrônica das antologias e o segundo foi que estas doze foram as únicas que consegui adquirir no mercado e ter acesso aos seus paratextos. As outras não estavam à venda e/ou não as encontrei, e não tinha como fazer as análises sem as mesmas. Foram escolhidas nove antologias do século XX e três do século XXI, nenhuma do século XIX, pois não encontrei, na pesquisa, antologias traduzidas neste período.

As doze antologias são descritas a seguir:

Título	Tradutor	Editora	Edição e Impressão	Nº de Páginas	Nº de contos	Ano
Novelas e Contos	Vidal de Oliveira	Ed. Globo	-----	513	62	1951
Contos	Mário Quintana	Ed. Globo Biblioteca dos Séculos	3ª Edição	464	44	1955
Contos	Mário Quintana	Ed. Globo Biblioteca dos Séculos	1ª Edição e 4ª impressão	464	44	1958
Bola de sebo e outros contos e novelas	Lygia Junqueira Fernandes	Civilização Brasileira	-----	-----	06	1970
O Horla e outras	José Thomaz	L&PM	-----	103	11	1986

histórias	Brum					
Bola de Sebo e outros contos	Mário Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Ed. Globo – Biblioteca dos Séculos	-----	269	14	1986
Bola de sebo e outros contos	Mário Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Ed. Globo	-----	322	14	1987
Contos de Guy de Maupassant	Ondina Ferreira	Editora Cultrix	-----	246	27	1987
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria Jose Werner Salles	Editora da UFSC –	Edição Bilingue	229	10 em português 10 em francês	1999
As grandes paixões	Léo Schlafman	Record	-----	398	23	2005
125 contos de Guy de Maupassant	Amilcar Bettega	Companhia das Letras	1ª Edição 1ª reimpressão	821	125	2009
Bola de Sebo e outros contos	Plínio Augusto Coêlho	Hedra	-----	156	09	2011

A antologia *Novelas e Contos* com tradução de Vidal de Oliveira traz seis ilustrações fora do texto e ensaios críticos de Henry James e Leon Tolstoi. Henry James¹² publicou seu importante ensaio em 1888, quando Maupassant ainda estava vivo. Henry James, crítico e

¹² MAUPASSANT, Guy de . *Novelas e Contos*. Seleção e Tradução de Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo: Editora Globo, 1951.

romancista norte-americano, era considerado “inglês de cultura e de mentalidade”, procurou em seu ensaio “explicar Maupassant e, ao mesmo tempo, desculpá-lo aos olhos dos leitores ingleses”, que o consideravam um “autor licencioso”. Enquanto Henry James “procura desculpar a licenciosidade dos contos aos olhos de um público de puritanos”, Tolstoi “confronta-os com as diretrizes de seu cristianismo peculiar”. Os dois preferem os contos de Maupassant aos seus romances e os consideram obras-primas do século XIX.

O volume *Novelas e Contos* traz sessenta e dois contos traduzidos no Brasil, conforme ilustração abaixo (Figura 1):

INDICE DA MATERIA			
Henry James: Guy de Maupassant		Rosa	303
Tolstoi: Guy de Maupassant	IX	— Noiva de um viajante	308
* A companheira de Paulo *	XXV	— O guarda-chuva	313
O pai de Simão	3	— A felicidade	321
As tubulares	19	— A nativa	327
História de uma criada de aranha	27	* A herança	333
Uma aventura Parisiense	34	— Adeus	332
O tigre	51	— O modo	336
Marroca	57	— Um paricídio	342
Um filho	63	— À venda	357
O português	70	— História verdadeira	312
Estates Koucot	78	— O alfinete	317
Um ardil	88	— A confidência	329
O filho	92	— Imprudência	328
Minauto	97	— A pequena toque	354
Sebastião Batista	102	— Mademoiselle Perle	362
* A lenda do monte São Miguel *	106	— O barco naufragado	374
Dois amigos **	111	— O ermitão	386
Aparição	114	— Rosália Prudent	392
Denis	118	— Júlia Romais	396
O asso	124	— O velho Amable	402
O tímido	129	— A porta	410
O menino	136	— Os vinte e cinco francos da Superiora	420
O caso da Sra. Lunéau	142	— O afogado	435
Infantocídio	150	— Um retrato	441
— A confissão	154	— O massacre	445
O pai	159	— A prova	452
Um homem ajuzado	164	— Alexandre	460
Um golpe de estado	169	— O campo das Oliveiras	465
	174	— A Iratii belona	487
	180	— Quem sabe?	503
	188		
	194		

Os contos marcados com um asterisco foram traduzidos por Aurelio Buarque de Hollanda; os marcados com dois, por Aurelio Buarque de Hollanda e Paulo Rónal.

Figura 1

A segunda e a terceira antologias analisadas são reedições de *Contos*. Com tradução de Mário Quintana, na 3ª edição, publicada em 1955 apresenta quarenta e quatro contos, em 464 páginas. A mesma antologia foi reimpressa em 1958. Estas foram impressas e reimpressas pela Editora Globo. Ela traz um resumo da vida e obra de Maupassant. No final do livro existe a reprodução de uma nota da edição das obras completas de Maupassant por Louis Conard, em Paris, 1925:

Mosca foi publicada em *L'Echo de Paris*, de 07/02/1890. É uma história vivida. Seus

personagens são conhecidos. Alguns desempenham ainda funções administrativas. Zé Ameixa não é outro senão Guy de Maupassant, quando funcionário do Ministério da Marinha.

Não desconsidero a relação que a vida e a carreira de Maupassant têm com a sua obra, pois os dados da sua vida constituem a relação que ele teve com o meio literário em que vivia, determinando, assim, de alguma maneira, sua obra (VASCONCELLOS, 2009:18).

A antologia *Bola de Sebo e outros contos e novelas*, foi traduzida por Lygia Junqueira Fernandes, em 1970, pela Civilização Brasileira. Fundada em 1932, a editora foi incorporada à Record em 2000, mas se manteve fiel à sua proposta original que era aliar tradição e pensamento crítico. Ela traz seis contos traduzidos, dentre eles dois considerados os mais conhecidos: *Bola de Sebo* e *O Horla*.

O Horla e outras histórias é uma antologia que teve o seu prefácio e a sua seleção de textos feitos por José Thomaz Brum, além da própria tradução feita por ele. Ela traz onze contos traduzidos, dentre eles *O Horla* em suas primeira e segunda versões (1886/1887).

A antologia *Bola de Sebo e outros contos* foi publicada pela Editora Globo, na Coleção “Biblioteca dos Séculos”, criada em 1942 e que publicou 25 títulos. Com duzentas e sessenta e nove páginas e quatorze contos ela foi publicada em 1986.

Outra antologia foi publicada pela mesma Editora em 1987, sob o mesmo título da anterior *Bola de Sebo e outros contos*, traduzida também, por Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins. Esta tem trezentas e vinte e duas páginas e os mesmos quatorze contos, mas não foi publicada pela Coleção acima citada.

A antologia *Contos*, lançada pela Editora Cultrix, em 1987, tem duzentas e quarenta e oito páginas, e reúne 27 contos e um pequeno ensaio, que abre o volume, sobre o escritor. A introdução, seleção, o ensaio e tradução destes contos foram confiados a Ondina Ferreira.

Madame Hermet e outros contos fantásticos é uma antologia com edição bilíngue, publicada pela Editora da UFSC, em 1999, e traduzida por Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria José Werner Salles. Ela traz uma seleção de dez contos fantásticos, em português e dez em francês.

Com seleção e tradução de Léo Schlafman a antologia *As grandes paixões* reúne, em quatro partes, os contos e as novelas de Maupassant. Estas partes são temas abordados em sua obra. Por exemplo, em *As pequenas manobras*, cinco contos falam da guerra, da

invasão prussiana, da pesca e da caça, em *Por trás da máscara*, sete contos acompanham este tema, que é o da relação cidade-campo. A parte *A loucura e alienação* apresenta as duas versões do conto *O horla*, além do conto *Louco?*. No quarto e último tema *As libertinas ingênuas* vêm oito contos que exibem tipos femininos retratados por Maupassant no século XIX.

A obra *125 contos de Guy de Maupassant* tem oitocentas e vinte e uma páginas e traz, como diz o título, cento e vinte e cinco contos traduzidos por Amilcar Bettega.

A edição da antologia *Bola de Sebo e outros contos*, publicada pela Hedra em 2011, reúne nove histórias marcantes de Guy de Maupassant, dentre elas destaque *Bola de Sebo* e *O Horla*. Com a tradução de Plínio Augusto Coelho, ela é a mais recente antologia de textos traduzidos de Guy de Maupassant no Brasil. Esta obra tem 156 páginas incluindo nove contos e um apêndice escrito por Joseph Conrad e traduzido por B. Costa. Os contos reunidos nesta antologia são, considerados pelos editores

uma amostra da grande prosa francesa do século XIX, com sua cartilha de fidelidade a uma realidade que não podiam ver, senão como uma tragédia rebaixada e multiplicada em indivíduos reduzidos a sua humanidade mesquinha (2011).

Para eles, Maupassant alcança a perfeição na arte de contar ao escrever o seu conto mais conhecido *Bola de Sebo*.

1.3. Estudiosos de Maupassant

Escritores e estudiosos se dedicaram e se dedicam à obra de Guy de Maupassant no Brasil e no mundo. Traço o perfil de alguns destes profissionais que se debruçaram e/ou debruçam sobre a tarefa de estudar e divulgar o contista francês no meio literário.

1.3.1. Noëlle Benhamou

A Doutora Noëlle Benhamou¹³, professora de Letras Modernas na Universidade Paris-Est Marne-la-Vallée é responsável pelo site da revista eletrônica francesa *Maupassantiana*, criado em 2004, com o objetivo de divulgar a vida e a obra de Maupassant. Ela é Membro da Sociedade de História Literária da França desde 2013, Membro da Sociedade des Études romantiques et dix-neuviémistes (SERD, France) desde 1995, Membro da Sociedade de História do Teatro (Paris, France) desde 2009, Membro da Society of Dix-Neuviémistes (SDN, Grande-Bretagne) 2003-2006. Tem se dedicado à pesquisa em Literatura Francesa do século XIX (Romance e Novela), ao Realismo-Naturalismo e à Literatura popular, a Maupassant e a Erckmann-Chatrion, além da Representação da mulher na ficção (1850-1918). A professora Benhamou escreve e coordena livros e revistas dedicados a Maupassant na França.

Ela defendeu a tese *Filles, prostituées et courtisanes dans l'œuvre de Guy de Maupassant. Représentation de l'amour vénal*, com a orientação de Philippe HAMON, em junho de 1996, na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, publicada pela Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion. Benhamou tem contribuído para a pesquisa sobre Maupassant com artigos, livros e palestras. Entre as várias contribuições de Noëlle Benhamou sobre Maupassant, cito o livro *La Bibliographie des Ecrivains Français (BEF¹⁴)* – (Bibliografia de Escritores franceses), que ela escreveu, com Yvan Leclerc e Emmanuel Vincent, uma bibliografia completa e comentada, um verdadeiro instrumento de consulta e investigação crítica sobre escritores franceses. Outras contibuições de Benhamou sobre Maupassant encontram-se no site *Maupassantiana*¹⁵.

1.3.2. Nadine Satiat

Outra estudiosa de Maupassant, na França, é a Professora, especialista em literatura francesa do século XIX, em literatura comparada e Doutora em Letras, Nadine Satiat. Ela escreveu várias biografias de personagens célebres, como Balzac, Gertrude Stein e desenvolveu a edição crítica de romances de Balzac, Goncourt e

¹³ http://www.maupassantiana.fr/Espace_perso/Mes_recherches.html Acesso em 11.03.14

¹⁴ http://www.brepols.net/Pages/ShowProduct.aspx?prod_id=IS-9788886609500-1 Acesso em 11.03.14

¹⁵ <http://www.maupassantiana.fr/> Acesso em 11.03.14

Maupassant. Sua biografia de Maupassant, publicada pela Flammarion em 2003, recebeu o Prêmio *Pierre-Georges Castex*, da *Académie des Sciences morales et politiques* (Academia das Ciências Morais e Políticas) e o Prêmio *Émile Faguet*, da *Académie française* (Academia Francesa). Este livro, de 712 páginas, traz uma pesquisa minuciosa, cuidadosa e uma reconstituição abundantemente documentada de uma época, situando o trabalho de Guy de Maupassant no seu exato lugar, na paisagem literária e intelectual de seu tempo (SATIAT, 2003).

Dentre outras obras sobre Maupassant, Satiat fez, também, a apresentação, as notas, a cronologia e um dossier, no livro *Maupassant – Le Papa de Simon et autres nouvelles*. Ela descreve, antes dos contos, a infância de Maupassant, a qual ela chama de dolorosa, expõe a juventude e a vida adulta do escritor até a sua morte. A vasta pesquisa realizada pela autora é uma contribuição para os estudiosos de Maupassant no mundo.

1.3.3. Antonia Fonyi

Especialista em literatura francesa do século XIX, tem contribuído para as pesquisas sobre Maupassant. Ela dirige a edição crítica das *Oeuvres Complètes* (Obras Completas) de Maupassant nas Edições Clássicas da Garnier. Escreveu, em 1993, vários artigos sobre autores do século XIX, dentre eles, Maupassant, sobre a teoria da novela e sobre as relações entre a literatura e a psicanálise.

1.3.4. Paul Morand

Considerado um modernista, o diplomata, ministro, autor dramático, ensaísta, romancista, escritor, dramaturgo, poeta francês, acadêmico e estudioso de Guy de Maupassant, Paul Morand¹⁶ nasceu em Paris em 13 de março de 1888. Foi eleito membro da Academia Francesa em 1968 e teve uma vida literária muito produtiva. Escreveu centenas de romances, novelas e crônicas. Sua carreira literária sempre foi associada à diplomacia. Ele sempre frequentou meios políticos,

¹⁶ <http://www.babelio.com/auteur/Paul-Morand/3647> Acesso em 01.12.12
<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/les-quarante-aujourd'hui>

Acesso em 01.12.12

<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/paul-morand?fauteuil=11&election=24-10-1968>

diplomáticos e literários. Aliou-se a Proust, Cocteau, Misia Sert com os quais dividia o amor pela literatura. Também foi um grande defensor da vida moderna, do cosmopolitismo, dos carros de corrida, do jazz e das viagens. Morand escreveu uma densa e marcante biografia de Maupassant: *Une vie de Guy de Maupassant*. Paul Morand foi considerado um dos pais do estilo moderno na literatura. Ele se impôs como um dos grandes escritores do século XX. Ele retratou, de uma maneira brilhante e particular, a vida de Maupassant.

1.3.5. Henri Mitterand

Outro estudioso que muito contribuiu com trabalhos sobre escritores dos séculos XIX e XX, como Zola, Flaubert e Maupassant é Henri Mitterand¹⁷, professor emérito da Sorbonne Nouvelle – Paris III e na Columbia University, em Nova York. Mitterand escreveu grandes trabalhos sobre Zola, Flaubert e Maupassant. Dentre eles destaco os livros *Chroniques de Maupassant* e *Maupassant – Paris – Normandie*, no qual ele retrata, através de textos, desenhos e fotografias, a vida e a obra de Maupassant. O seu artigo sobre Maupassant *Critique em passant*, foi publicado na revista *Magazine Littéraire*, em 2011.

1.3.6. Henri Troyat

Henri Troyat¹⁸ nasceu em Moscou em 1º de novembro de 1911. Estudou na França, no Liceu Pasteur, em Neuilly, após a fuga de sua família no momento da revolução. Foi eleito para a Academia Francesa em 21 de maio de 1959. Escreveu biografias de grandes nomes, como Dostoievski, Pouchkine, Tolstói, Tourgueniev, Flaubert, Maupassant e outros. Ele morreu em 02 de março de 2007, em Paris.

1.3.7. Frédéric Martinez

¹⁷ MITTERAND, Henri. **Maupassant – Paris – Normandie**. Éditions Hazan, Paris : 2010.

¹⁸ <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/henri-troyat?fauteuil=28&election=21-05-1959>

Doutor em Letras, o escritor francês Frédéric Martinez¹⁹, nasceu em 1973 em Ris-Orangis. Após breves passagens pelo ensino e pela UNESCO se dedicou à literatura. Autor de biografias como as de Paul-Jean Toulet e Guy de Maupassant tem numerosas publicações. Dentre elas se destacam *Maurice Denis, les couleurs du ciel* (Ed. Franciscaines, 2007), *Prends garde à la douceur des choses, Paul-Jean Toulet, une vie en morceaux* (Tallandier, 2008), *Claude Monet, une vie au fil de l'eau* pela Tallandier, Franz Liszt (Folio biographies, Gallimard, 2011), Maupassant (Folio biographies, Gallimard, 2012). Consagrou um livro a Monet e a Jimi Hendrix. Ele colabora regularmente com a *Revista de história literária da França* (*Revue d'histoire littéraire de la France*).

1.3.8. Armand Lanoux

Armand Lanoux, escritor francês, nasceu em 24 de outubro de 1913, em Paris e morreu em 23 de março de 1983, em Champs-sur-Marne. Ganhou o prêmio Goncourt em 1963 com seu romance *Quand la mer se retire* e, em 1969 tornou-se membro da Académie Goncourt. Ele foi empregado de banco, professor, artista, desenhista, pintor, jornalista e escreveu em vários gêneros, como, por exemplo, o romance, ensaio, crônica, teatro, poesia e biografias, as quais destaque, dentre elas, *Bonjour Monsieur Zola*, 1954; *Maupassant le bel ami*, 1967; *Adieu la vie, adieu l'amour*, 1976, sur Dorgelès. Em 1950 tornou-se membro do comitê literário do editor Arthème Fayard, foi diretor da Revista À la Page (1964) e presidiu no período de 1958 a 1959, o Comitê da televisão francesa.

1.3.9. Lev Nikolayevich Tolstoy

Mais conhecido como Léon Tolstói²⁰, nasceu na Rússia, em 9 de setembro de 1828 e faleceu em Astapovo, no dia 20 de novembro de 1910. Escritor, ele ficou famoso por tornar-se, na velhice,

¹⁹ <https://sites.google.com/site/fredericbourdeauxmartinez/biographie> Acesso em 01.12.12

²⁰ <http://www.linternaute.com/biographie/leon-tolstoi/biographie/> Acesso em 05.09.2013

um pacifista que pregava uma vida simples em proximidade com a natureza e que contrastava com as igrejas e governos.

Com Dostoiévski, Turgueniev, Gorki e Tchecov, Tolstói foi um dos grandes mestres da literatura russa do século XIX. As suas obras mais famosas são *Guerra e Paz*, sobre as campanhas de Napoleão na Rússia, e *Anna Karenina*, onde denuncia o ambiente hipócrita da época e realiza um dos retratos femininos mais profundos e sugestivos da Literatura. Sua vida acadêmica não foi admirável, mas ele se interessou muito pela literatura e pelas obras de Jean-Jacques Rousseau, que o fizeram mergulhar cada vez mais na literatura. Ele foi um dos maiores e mais importantes escritores da literatura russa. Ficou conhecido, sobretudo, por seus romances e suas novelas, ricas de análise psicológica e de reflexão moral e filosófica. Ele consagrou o estudo *The Works of Guy de Maupassant* (versão inglesa) a Maupassant, em 1893.

1.3.10. Artine Artinian

Imigrante da Bulgária, que começou a sua vida como engraxate, Artine Artinian²¹ nasceu em 8 de dezembro de 1907. Em 1920 foi com sua família para os Estados Unidos, em Attleboro, Massachusetts. Aprendeu inglês ao ouvir as conversas enquanto trabalhava. Considerado um dos maiores especialistas em Maupassant, Artine Artinian se interessou por sua vida e obra desde muito jovem e lhe consagrou a sua tese de Doutorado. Possuidor da maior coleção de manuscritos, documentos, traduções, primeiras edições, obras críticas, cartas e autógrafos recolhidos nos quatro cantos do mundo, de Maupassant, doou esta significativa coleção para o Bowdoin College, nos estados Unidos, além de contribuir com várias universidades e museus. Ele foi professor de francês e de literatura francesa, no Bard College, em Annandale-on-Hudson, Nova Iorque, mas continuou trabalhando com Maupassant e sua obra mesmo depois de aposentado. Em 1951 publicou a primeira biografia de Maupassant.

1.3.11. René Alphonse Adolphe Dumesnil

²¹ a) http://www.harry-bernard.com/illustrations/lit_9septembre1955_400.jpg

Acesso em 12.12.13

b) http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=http://www.nytimes.com/2005/12/11/nyregion/11artinian.html&prev=/search%3Fq%3DArtine%2BArtinian%26espv%3D210%26es_sm%3D122 Acesso em 12.12.13

René Alphonse Adolphe Dumesnil, médico, crítico de música e de literatura, nasceu em Rouen em 19 de junho de 1879, e morreu em Paris em 24 de dezembro de 1967. Dumesnil estudou literatura na Sorbonne e foi eleito para a Academia das Belas Artes em 1965. Foi grande estudioso de Flaubert e de Maupassant, além de realizar estudos sobre o realismo. Escreveu vários livros sobre a música. Em 1947 publicou *Guy de Maupassant, o homem e a obra*.

1.3.12. Dominique Frémy²²

Nasceu em 5 de maio de 1931 em Paris e morreu em 2 de outubro de 2008 na mesma cidade. Ele foi o criador da Quid, uma obra enciclopédica publicada anualmente em volume único, de 1963 a 2007, que objetivava reunir, de forma muito condensada, muitas vezes em estilo telegráfico e abreviado, o máximo de informações sobre os temas mais variados. Era dividida em várias seções (figuras, medicina, artes, estados e territórios, o cotidiano, esportes, entre outros). Vários autores, como Proust e Alexandre Dumas foram homenageados com um Quid. O mesmo aconteceu com Guy de Maupassant. O “Quid de Guy de Maupassant” dirigido por Dominique Frémy com a colaboração de Brigitte Monglond e Bernard Benech, na edição de *Contes et Nouvelles* de 1988 foi essencial para a biografia de Maupassant (VASCONCELLOS, 2009:12).

1.3.13. Louis Forestier

Outro grande especialista na vida e na obra de Maupassant, Louis Forestier²³, nasceu em 1931, professor emérito da Universidade de Paris X (1970). Especialista em literatura francesa do século XIX, Doutor em Letras (1969) editou os livros *Romans* e *Contes et Nouvelles*

²² <http://fr.cyclopaedia.net/wiki/Dominique-Fremy> e <http://www.universalis.fr/encyclopedie/dominique-fremy/> Acesso em 20.11.13

²³ <http://www.babelio.com/auteur/Louis-Forestier/4141> e http://books.google.com.br/books?id=d1Kc5BsDw28C&pg=PA142&lpg=PA142&dq=louis+forestier+biographie&source=bl&ots=8ElheFp5dG&sig=QdJBAnAOpXQntdGRez3IjSBhDM&hl=ptBR&sa=X&ei=i93eUorqEcrokAe_tIH4BQ&ved=0CFkQ6AEWBg#v=onepage&q=louis%20forestier%20biographie&f=false Acesso em 10.01.14

de Maupassant na *Bibliothèque de la Pléiade*. Devem-se a ele ensaios sobre Maupassant, Charles Cros, Germain Nouveau e Colette. Ele colaborou com a revista *Magazine Littéraire* com o artigo *Les contes, entre éclairs et brouillard*.

1.3.14. Daniel Fauvel

Ele foi professor de História e Geografia e Presidente da Associação dos amigos de Flaubert e de Maupassant. Joëlle Robert²⁴ substituiu Daniel Fauvel na direção da Associação. Esta associação foi criada em 1991 e tem por objetivo divulgar a vida e a obra destes dois escritores normandos no mundo inteiro. Ela organiza colóquios, viagens de estudo, publica anualmente um boletim e promove iniciativas que homenageiem, de uma forma ou de outra, Flaubert e Maupassant.

1.3.15. François Tassart

Valet de Chambre (camareiro) de Maupassant, de 1883 a 1893, quando de sua morte, François Tassart²⁵ escreveu, com a ajuda de um jornalista, dois volumes de lembranças sobre seu mestre. O primeiro, intitulado *Souvenirs sur Guy de Maupassant, par François, son valet de chambre* foi publicado em 1911; o segundo, *Nouveaux souvenirs*, em 1962. Ele faleceu em janeiro de 1949 aos noventa e três anos.

1.3.16. Gérard Delaisement

Gérard Delaisement²⁶ escreveu novelas, romances, estudos sobre grandes clássicos, sobre livros didáticos e, especialmente, escreveu várias publicações sobre Maupassant, as que fizeram dele um dos principais especialistas deste escritor, no mundo. Uma obra conhecida é *Maupassant journaliste et chroniqueur: Suivi d'une Bibliographie générale de l'oeuvre de Guy de Maupassant* publicada pelas *Éditions Albin Michel*.

²⁴ <http://www.amis-flaubert-maupassant.fr/association/but-de-lassociation/>
Acesso em 16.04.12

²⁵ TROYAT, Henri. **Maupassant**. Paris: Flammarion, 1989 :120.

²⁶ <http://www.lanouvellerepublique.fr/Indre-et-Loire/Actualite/Faits-divers-justice/n/Contenus/Articles/2013/03/19/Gerard-Delaisement-1376548> Acesso em 12/11/13

1.3.17. François Aubel²⁷

Antigo redator chefe da revista *Magazine Littéraire*, François Aubel é redator adjunto do Grupo *Figaro* e prepara atualmente um *Dictionnaire Maupassant*. Ele escreveu na revista acima citada, juntamente com Maxime Rovere, o artigo *Le mystère de Maupassant* além de uma cronologia do escritor francês.

1.3.18. Patrick Wald Lasowski

Estudioso do romance francês do século XIX, é o autor do livro *La maison de Maupassant* (Gallimard, 2009). Contribuiu com o artigo *Au miroir des filles* na revista *Magazine Littéraire*, onde ele mostra a onipresença da figura da prostituição na obra de Maupassant, além do artigo *L'acharné des lupanars*.

1.3.19. Jean Salem

Jean Salem, professor de filosofia na Universidade de Paris I é o autor de *Philosophie de Maupassant* (Ellipse, 2000) e recebeu o prêmio *Bouctot* por esta obra. Ele escreveu sobre Maupassant como discípulo de Schopenhauer.

1.3.20. José Bento Renato Monteiro Lobato

Mais conhecido como Monteiro Lobato²⁸, nascido na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, em 18 de abril de 1882, leitor da obra de Maupassant, ele foi um dos mais influentes escritores da literatura brasileira. Contista, ensaísta, editor e promotor público, Monteiro Lobato foi responsável pela tradução de grande volume de obras e teve seus contos publicados em jornais e revistas. Seu primeiro livro, *Urupês*, publicado em 1918, reuniu uma série destes. É uma obra que não contém uma única história, mas quatorze contos e um artigo, quase todos passados no interior de SP, com várias histórias, geralmente de final trágico e algum elemento cômico. O livro *Urupês* traz o *Meu*

²⁷ AUBEL, François et ali. **Le Mystère Maupassant**. Le Magazine Littéraire. Paris: G. Canale, 2011:6,56.

²⁸ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/MonteiroLobato.htm> Acesso em 10.10.13

Conto de Maupassant, uma narrativa norteada pelos temas do amor e da morte, comuns em Maupassant, o que torna, neste livro, o estilo de Lobato muito semelhante ao do autor francês.

Lobato tornou-se editor, criando, em 1924, a "Editora Monteiro Lobato" e um ano mais tarde, a "Companhia Editora Nacional". Mas foi em 1943, através da Editora Brasiliense, com o historiador Caio Prado Júnior, que ele publicou grande parte de sua obra. Lobato desejava o fortalecimento da cultura brasileira através das culturas estrangeiras, participou da tradução de mais de cem obras, incluindo clássicos como *O Crepúsculo dos Ídolos* (1905) e *O Anticristo* (1905), de Friedrich Nietzsche, *História da Civilização* (1943 e 1957) de Will Durant, ou ainda *A Evolução da Física* (s.d), de Albert Einstein e Leopold Infeld. Importante citar também obras para jovens e crianças, como *Mowgli*, o *Menino Lobo* (1933), de Rudyard Kipling, *As Aventuras de Tom Sawyer* (1934), de Mark Twain ou *Pinocchio* (1955), de C. Collodi, e outros autores como Os irmãos Grimm, Henry Ford, Antoine de Saint Exupéry, George Gamow, Edgar Rice Burroughs, Eleanor H. Porter, Hendrik Willem Van Loon, Ernest Hemingway. Ele também adaptou clássicos como *Dom Quixote* e *Alice no País das Maravilhas*. Segundo o *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil*²⁹:

Ele assumiu em sua estratégia tradutória a postura antropofágica dos modernistas, ou seja, a de apropriar-se do original estrangeiro e adaptá-lo à realidade e às necessidades do público brasileiro. Seu projeto tradutório teve grande impacto cultural no Brasil, haja vista que novos temas, personagens e ideologias estrangeiras perpassaram suas traduções, representando uma renovação do contexto literário nacional.

Escritor e tradutor, ele também lutou contra o analfabetismo e transformou, renovando, a editoração, a produção, a ilustração e a distribuição de livros no Brasil. Quando os livros brasileiros estavam sendo editados na Europa, Lobato tornou-se também editor e passou a editar livros no Brasil. Ele tinha uma vida engajada em campanhas com o objetivo de colocar o Brasil no caminho da modernidade.

²⁹ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/MonteiroLobato.htm> Acesso em 10.10.13

1.3.21. José Veríssimo Dias de Matos

José Veríssimo Dias de Matos³⁰ nasceu em Óbidos, no Pará, no dia 8 de abril de 1857. Morreu no Rio de Janeiro em 2 de dezembro de 1916. Idealizador da Academia Brasileira de Letras, foi escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira e um dos expoentes da crítica literária brasileira ligado à tendência literária do naturalismo. Ao abordar Maupassant em seus textos, Veríssimo (1977:131), no texto “Alguns livros de 1900”, cita Ganton Deschamps, cronista do *Le Temps*, quando este fez considerações mostrando a “filiação do conto nacional aos *fabliaux* franceses medievais”, e diz que Maupassant possuía “a veia libertina dos velhos poetas dos *Fabliaux*”, acrescida de ceticismo, de ironia e de malícia moderna. Mas para o autor as historietas dos *fabliaux* são alegres, otimistas e revelam nos seus autores o amor da “chocarrice e da jovialidade, o gosto, tão dos franceses, de rir sem maldade dos defeitos e ridículos dos humanos”.

1.3.22. Otto Maria Karpfen

Otto Maria Karpfen³¹ nasceu em Viena, na Áustria, em 1900 e faleceu no Rio de Janeiro em 1978. Filho de pai advogado e pianista judeu Max Karpfen e da violonista católica Gizela Schmelz Karpfen foi, e nsáista e jornalista. Com 20 anos ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Viena e obteve, em 1925, o título de doutor em letras e filosofia e iniciou seu trabalho como jornalista. Por ser contra o regime nazista em ascensão na Alemanha, ele foi perseguido e fugiu, em 1938, para a Antuérpia, Bélgica, onde trabalhou no periódico *Gazet van Atwerpen*. Com a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) veio para o Brasil, em 1939. Chegou ao Paraná com sua esposa, a cantora lírica Helena Carpeaux, e depois foi para São Paulo. Por conhecer vários idiomas, aprendeu o português em menos de um ano. Ele transformou o seu sobrenome original, Karpfen, em Carpeaux (francês), por considerá-lo mais prestigioso entre os intelectuais brasileiros. Sua maior e mais

³⁰ <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/JoseVerissimo/JoseVerissimo.htm> Acesso em 15.11.12

³¹ http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5759&cd_item=35&cd_idioma=28555
Acesso em 10.10.13

conhecida obra é a História da Literatura Ocidental, escrita entre os anos de 1941 e 1947 e publicada em oito volumes, entre 1959 e 1966. Para ele,

Maupassant parecia o símbolo da Paris de 1880: da cidade dos prazeres eróticos mais requintados, do luxo da “jeunesse dorée”, dos divertimentos escandalosos do Príncipe de Gales; saudade íntima dos burgueses abastados de todos os países, de férias matrimoniais (CARPEAUX, 1982:1591-1592).

Discorrendo ainda sobre Maupassant, Carpeaux afirmou que as edições e as traduções *baratas* do contista francês, perpetuam até hoje ilusões agradáveis de “bons velhos tempos”, e que nas ilustrações aparecem “élégants” de bigode, bengala e cartola e mulheres do “demimonde” com cintura de vespa e chapéus enormes. Segundo ele, quando o alegre Maupassant morreu atingido pela sífilis, vários moralistas “levantaram o dedo da sabedoria e advertiram a mocidade, mas hoje, os seus contos, considerados imorais, já são usados como lições de bom estilo francês para as colegiais do Sion. *Boule de Suif* entrou pro rol das obras clássicas, *Le Horla* é estudado pelos especialistas em psicopatologia. (CARPEAUX, 1982:1592).

Ainda para Carpeaux, Maupassant precisou trabalhar muito para poder viver, apesar de o trabalho e o sucesso parecerem fáceis, pois a elegância e os amores de Maupassant não foram pagos com dinheiro herdado. Muitos tentaram, sem sucesso, imitar a sua arte (CARPEAUX, 1982:1593-1594).

1.3.23. Mário Raul de Moraes Andrade

Mário de Andrade nasceu em São Paulo em 1893 e foi um dos fundadores do modernismo brasileiro. Além de poeta, contista, romancista, musicólogo, crítico literário, folclorista, crítico musical, de arte, historiador e fotógrafo. Ele praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada* em 1922. Em 1917, começou a colaborar com críticas de arte na *Folha da Manhã* e em *O Estado de S. Paulo*, entre outros periódicos. Foi um dos responsáveis pela criação da *Revista Klaxon* e organização da *Semana de Arte Moderna*, em 1922. Mário de Andrade exerceu uma grande influência na literatura moderna brasileira, pois foi a figura central do

movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Trabalhou como professor de música e foi colunista de jornal. Publicou, em 1928, seu romance, *Macunaíma*.

Sobre Maupassant, Mário de Andrade em seu artigo, de 1938, *Contos e Contistas*, afirmou que ele era “o maior dos contistas existentes” e declarou que não é possível refazer contos como os de Maupassant e de Machado de Assis, nem selecionar entre eles os melhores (NEVES, 2012:347)

Os verdadeiros contistas não escrevem contos que se salientem, pela simples razão que os têm frequentemente bons. De Flaubert creio ser impossível a uma alma bem nascida não preferir “Un Coeur Simple” às fantasmagorias quase exclusivamente verbais dos outros dois contos. De Maupassant, de Machado de Assis, já literariamente adultos, não há o que preferir, porque não são descobridores de assuntos pra contos, mas da forma do conto (ANDRADE, 1972:8).

1.3.24. Brigitte Hervot

A Prof^a Dr^a Brigitte Monique Hervot³² é outra estudiosa de Maupassant no Brasil. Ela vem, desde seu ingresso na universidade debruçando-se na figura, na obra de Guy de Maupassant e na época em que ele viveu como ela mesma relata em seu livro *Tagarellice espirituosa: as cartas de Maupassant* (2010:13,14). A sua dissertação de mestrado sob o título *Vencer ou vencer: a ética do arrivista* discorreu sobre o conhecido romance *Bel Ami*, do autor francês. Ela tem desenvolvido projetos de pesquisa sobre Maupassant desde 2001, nos quais trabalhou *As traduções para o português do romance Bel-Ami de Guy de Maupassant* (2001 – 2003), *A concepção de arte literária na correspondência de Guy de Maupassant* (2004 – 2006), *As cartas de Flaubert a Guy de Maupassant* (2007 – 2009), *As cartas de Guy de Maupassant às mulheres de sua vida* (2010).

³² <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4773228E2>
Acesso em 10.01.14

Atualmente, Brigitte Hervot tem se dedicado mais precisamente às cartas de Maupassant – ele escreveu 825 cartas – um gênero pouco estudado pela crítica, mas muito praticado pelo autor. Em 2007 concluiu sua tese de doutorado cujo título é *O eu epistolar de Guy de Maupassant*.

1.3.25. Ângela das Neves

Ângela das Neves³³ escreveu vários artigos sobre Guy de Maupassant e vem, há muito tempo, estudando e pesquisando sobre ele. Dentre os seus trabalhos, destaco: *Releituras de Guy de Maupassant* (2008), *Guy de Maupassant em cena: dramas e adaptações para o teatro* (2010), *La réception de Guy de Maupassant au Brésil (1880-1920)* (2010), *Quando Oswald devorou o crítico Maupassant* (2012), *Guy de Maupassant, um ilusionista das Letras Francesas* (2012). Sua dissertação defendida em 2007 teve o título *A volta do Horla: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil* e sua tese *Contistas à Maupassant: a recepção criativa de Guy de Maupassant no Brasil* (2012).

Considero relevante, na pesquisa, as informações sobre a vida de alguns estudiosos de Maupassant pelo mundo, pois estas permitem que se tenha uma visão mais ampliada do que foi feito até hoje sobre ele e como ele é visto pelos estudiosos de sua obra.

³³ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaev.do?id=K4130512T5>

Acesso em 04.02.13

Capítulo II - As traduções

2.1. Tradutores de Maupassant no Brasil

Desde que os primeiros homens utilizaram a escrita, os tradutores têm construído pontes entre nações, raças, culturas e continentes. E também entre o passado e o presente, porque os tradutores podem abranger o tempo e o espaço. Foram eles que permitiram que certos textos importantes – obras científicas, filosóficas e literárias – adquirissem estatura universal (DELISLE, 1995:09).

Para Delisle (1995:39), os tradutores ajudaram a desenvolver sistemas de escritas e, assim, tiveram um impacto na evolução da própria linguagem, a partir de seus esforços para “transportar determinados textos fundamentais de uma cultura para outra”. A importância do tradutor para a literatura mundial é indiscutível, mas muitas vezes o seu trabalho é negado, desprezado e criticado. Nesta perspectiva, Paes (1990:11) afirma que durante o período colonial Portugal fez de tudo para manter o Brasil em estado de inferioridade mental. Assim, proibiu a instalação de Universidades e de tipografias no país, pois só tinha interesse nos produtos agrícolas ou no ouro que extraía, e na exclusividade do mercado para as suas mercadorias, logo, “cuidou de impedir a circulação de perigosas ‘ideias estrangeiras’”. Ainda segundo Paes:

A tradução, entendida como atividade regularmente exercida para atender à demanda literária de um público leitor, não existiu nem poderia jamais ter existido no Brasil colonial. Durante os três séculos em que esteve sob a tutela sufocante do absolutismo português, a vida intelectual do país foi mofina.

Apesar das proibições, os livros foram chegando ao Brasil através de pessoas que chegavam de viagem da Europa ou via contrabando (HALLEWELL, 2012:104) e, desta forma, fomos tendo acesso às obras estrangeiras. Mas somente em 1808, após a chegada da família Real, é que surgiu a legalização do prelo, com a instalação da

imprensa no Brasil, e com ela, a Real Biblioteca. Oscar Mendes (1977:3) diz que a vantagem da vinda de D. João VI e da Corte Portuguesa ao Brasil foi a instalação da Imprensa Régia e de Tipografias no país, de onde começaram a ser impressos publicações oficiais, pastorais episcopais, livros de piedade e edificação, revistas, livros didáticos e outras publicações. A partir daí, as pessoas passaram a ter mais contato com estes tipos de impressos, e puderam acompanhar os fatos culturais e políticos da sociedade brasileira. Foi a partir de 1812, segundo o autor, que surgiram várias revistas e as primeiras manifestações da crítica literária no Brasil. O ano de 1810 é considerado oficialmente como o da fundação da Real Biblioteca. Até 1822, a Imprensa Régia deteve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro, e durante esse período, foram produzidos muito mais de mil itens (HALLEWELL, 2012:114).

Dois anos depois da fundação da Imprensa Régia imprimia-se um livro traduzido pelo conde de Aguiar, o *Ensaio sobre a crítica*, do poeta inglês Alexander Pope. E em 1809 foi criada, na Academia Militar do Rio de Janeiro, uma disciplina de inglês, iniciativa pioneira, visto que o ensino de línguas modernas não constava no currículo dos colégios jesuítas, pois neles, em matéria de idiomas estrangeiros, só se ministravam o latim e o grego (PAES, 1990:13,14).

Refletir sobre tradução não é um fato recente, pois desde há muito tempo, vários estudiosos discutem a sua importância para a sociedade, visto que a tradução, ao longo do tempo, tem nos permitido o acesso a várias culturas e a concepções de mundo e de linguagem (ens) de períodos diversos, colocando-nos em contato direto com o pensamento de uma época.

Algumas discussões sobre tradução remontam a Cícero (46 a.C), mas é somente a partir da segunda metade do século XX, com Holmes, em 1972, que definiu seu campo de estudo, que ela emerge como uma disciplina autônoma, interdisciplinar e como um campo de estudos internacional (ASSIS, 2008). Azenha (2007:9) diz que o fascínio “que sentimos por conhecer aquilo que não nos é próprio, para dele nos apropriarmos, é a mola propulsora do traduzir e da reflexão sobre essa atividade, cujas origens se perdem no tempo”.

As concepções de tradução, suas características nos vêm sendo apresentadas em períodos distintos. Ela deve ser entendida como um meio de ligar vários sistemas literários e culturais. Então, como compreender e estudar a literatura sem percebermos a existência de um sistema que envolve vários fatores em seu campo, sem voltar um olhar para aqueles que, com sua atuação, colaboraram para a formação deste

sistema? Barcellos (2002:2) afirma que “a partir de questões que correspondem a um maior entendimento da vida e da história pertencentes ao sistema literário de um país, pode-se desenvolver e compreender melhor a expressão cultural de uma nação. Compreender a cultura nacional pressupõe, dentre outras coisas, investigar a literatura escrita e publicada no Brasil”. A literatura constitui um sistema que interage com outros sistemas dentro de um amplo sistema cultural, visto que ela não é só um conjunto de textos encerrados em si mesmos (F.M.O., 2011).

Segundo Baker (1996), “as traduções são produzidas em um contexto diferente, sob pressões diferentes, com limitações diferentes, além de refletirem influências e motivações diferentes”. Para Torres (2004:51,52), o ambiente da tradução é constituído, principalmente, da seleção da tradução, dos editores e de outros intermediários do livro, dos tradutores e das restrições da tradução em função do sistema cultural de chegada e dos textos de referência.

Para Berman (1995:73), compreender a lógica do texto traduzido nos remete ao trabalho de tradução e, conseqüentemente, ao tradutor. Segundo ele, a vida do tradutor não nos diz respeito, muito menos seu estado de espírito. O que importa para Berman é saber se o tradutor é francês ou estrangeiro; se ele exerce somente a função de tradutor ou se exerce outra profissão; se ele é autor e já escreveu alguma obra; de qual/quais língua (s) ele traduz; se ele é bilíngue; se já traduziu com outros tradutores, etc. Em oposição à visão de Berman, Anthony Pym (1998:160) considera que os tradutores são pessoas de carne e osso, são humanos e não figuras do discurso que produziram uma tradução. Ao contrário de Berman, Pym considera que alguns detalhes da vida privada dos tradutores podem ajudar a explicar como a tradução foi feita. Para Pym (1998: 177), ser ou não bilíngue não influencia no fato de alguém se tornar um tradutor, visto que este mantém uma relação emocional com uma cultura particular ou com um autor específico. Segundo ele, o tradutor se situa na intercessão de duas culturas.

A tradução da obra de Maupassant permitiu que os leitores brasileiros não fossem privados de ler seus contos, suas peças de teatro, suas crônicas e seus romances. As suas poesias, que foram há pouco estudadas e republicadas por Emmanuel Vincent, não têm ainda registros de divulgação no Brasil (NEVES, 2007:257). Para entender a importância da tradução da obra de Guy de Maupassant no Brasil, é preciso considerar o perfil dos tradutores como importante fonte de informação.

Os dados biográficos dos tradutores abaixo elencados provêm de pesquisas realizadas *on line*, em enciclopédias, dicionários, nos prefácios dos livros, nas notas dos próprios tradutores, enfim, nos bancos de dados das bibliotecas universitárias. Desta forma, apresentarei o perfil dos profissionais tradutores e das editoras que traduziram e publicaram a obra de Maupassant no Brasil.

Vários são os tradutores da obra de Maupassant encontrados durante a pesquisa: Mario de Miranda Quintana, Ondina Ferreira, José Thomaz Almeida Brum Duarte, Alvaro Gonçalves, Accioly Neto, Wilson Martins, Joaquim Novaes Teixeira, Lauro de Almeida, Edmundo Lys, Clovis Ramallete, Aurea Brito Weisemberg, Ascendino Leite, Casimiro Fernandes, Justino Martins, Marques Rebelo, Paulo Mendes Campos, Augusto de Sousa, Betty Joyce, Elias Davidovich, Elisa Tamajusuku, Sergio Rubens, Plínio Augusto Coelho, Clémence M. C. Jouët-Pastré, Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach, Maria José Werner Salles, Pietro Nasseti, José Bento Ferreira, Amilcar Bettega, Leila de Aguiar Costa, E. Leal, T. Martins, J. Sarmento, J. Távora, A. Romero, A. Ferreira, Vidal de Oliveira, W.M.Jackson, Myrian Gaspar de Almeida, José Condé, Abner Mourão, Flávio Franco, Temístocles Linhares, Pedro Ferraz do Amaral, Moacir Werneck de Castro, Maria Eugênia Franco, Plínio Franco, Lêdo Ivo, Frederico dos Reys Coutinho, João Henrique, Lívio de Almeida, G.R. Rinaldi, A.B.d. Holanda, Paulo Rónai, L.J. Fernandes, J.A.L. Rocha, M. Apocalipse, E. Prado, Plínio Augusto Coêlho, E. Bini, W.C. Brant, Lygia Junqueira Fernandes e Léo Schlafman.

Dentre os tradutores acima citados, traçarei o perfil dos profissionais que traduziram as antologias analisadas durante a pesquisa: Vidal de Oliveira, Mario de Miranda Quintana, Ondina Ferreira, José Thomaz Almeida Brum Duarte, Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach, Maria José Werner Salles, Amilcar Bettega, Lygia Junqueira Fernandes, Casimiro Fernandes, Justino Martins,

2.1.1. Mario de Miranda Quintana

Começo por Mario de Miranda Quintana³⁴ que foi um importante escritor, jornalista, tradutor e poeta gaúcho. Ele nasceu no dia 30 de julho de 1906, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Durante a sua infância, ele começou a estudar a língua francesa, idioma

³⁴ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/MarioQuintana.htm> Acesso em 11.11.13

muito usado em sua casa. Aos 13 anos, em 1919, “publica seus primeiros trabalhos na revista *Hyloea*, da Sociedade Cívica e Literária dos Alunos do Colégio Militar quando foi estudar em regime de internato no Colégio Militar de Porto Alegre. Cinco anos depois foi trabalhar como caixeiro (atendente) na Livraria do Globo”. Aos 17 anos ele publicou um soneto em jornal de Alegrete, com o pseudônimo JB, e em 1925 ele retornou à sua cidade natal e começou a trabalhar na farmácia de propriedade de seu pai. Recebeu o prêmio do concurso de contos do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre com “A Sétima Passagem” e publicou de um de seus poemas na revista carioca *Para Todos*, de Alvaro Moreyra. Em 1929 Mario foi para a redação do jornal *O Estado do Rio Grande* traduzir telegramas e redigir uma seção chamada “O Jornal dos Jornais”.

Mário Quintana trabalhou como tradutor de importantes obras literárias. Com um tom irônico, escreveu sobre as coisas simples da vida, porém buscando sempre a perfeição técnica³⁵. Ele foi um tradutor muito produtivo, traduziu, aproximadamente, trinta obras. Segundo o *Ditira – Dicionário de tradutores literários no Brasil*, o número exato é controverso, pois ele usava pseudônimos e nem mesmo ele se lembrava de quantos livros traduzira. Em 1936, começou a traduzir oficialmente para a Editora Globo. Traduziu obras de autores como Maupassant, Proust, Charles Morgan, Voltaire, Virgínia Woolf, entre outros. Ele traduzia principalmente autores franceses e ingleses.

Em 1934, a Livraria Globo lançou a primeira tradução de Quintana, seis anos antes de seu primeiro livro editado. A obra traduzida era a de Giovanni Papini, intitulada *Palavras e Sangue*. “A partir daí, segue-se uma série de obras francesas traduzidas para a Editora Globo”. Ele trabalhou com Érico Veríssimo (que também era fluente na língua francesa) na Livraria Globo. Mário Quintana é responsável pelas primeiras traduções no Brasil de obras de autores canônicos, dentre eles Guy de Maupassant (Contos de 1953 e 1958).

³⁵ http://www.suapesquisa.com/biografias/mario_quintana.htm Acesso em 11.11.13

2.1.2. Ondina Ferreira³⁶

Outra tradutora importante da obra de Maupassant no Brasil é Ondina Ferreira. Romancista, tradutora, cronista e funcionária pública do Tribunal de Justiça de São Paulo, nasceu em Araraquara (SP) em 1909. Em 1930 ela iniciou sua carreira de escritora, como cronista, colaborando com a imprensa. Em 1943 escreveu o romance “*Outros dias virão*”. Escreveu mais de duas dezenas de romances. Escreveu também contos e tentou o teatro. Ela foi tradutora de dezenas de contos e romances de sucesso, franceses e ingleses. Traduziu autores como Guy de Maupassant, Prosper Merimée, Turgueniev, Balzac, A. Daudet, Alexandre Dumas, entre outros. Ela fez a introdução, a tradução e a seleção dos contos da antologia *Contos de Maupassant*, em 1987.

2.1.3. José Thomaz Almeida Brum Duarte³⁷

José Thomaz nasceu a 23 de agosto de 1956 no Rio de Janeiro, RJ. Ele morou na França entre 1989 e 1990 e em 1996. Fez seu doutorado em Filosofia pela Universidade de Nice, na França (1996). É professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde obteve a licenciatura (1980) e o mestrado (1984) também em Filosofia. Traduziu obras literárias e filosóficas, sobretudo do francês, mas a sua primeira tradução foi do inglês.

Começou a traduzir, efetivamente, em 1984, com o livro *De repente, Acidentes*, de Carl Solomon, embora tenha traduzido anteriormente o artigo de Michel Foucault “A política da saúde no século XVIII”. Traduziu textos de Gautier e Maupassant, escritores franceses do século XIX, e logo após estas traduções, dedicou-se à divulgação e à tradução da obra do ensaísta romeno de expressão francesa, Emil Cioran, e do filósofo francês contemporâneo Clément Rosset, seu orientador na Universidade de Nice. Em 1986, Thomaz traduziu *O Horla e outras histórias* pela L&PM.

2.1.4. Amilcar Bettega Barbosa

³⁶Fonte:http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&pg=PA530&dq=Ondina+Ferreira&hl=pt-BR&sa=X&ei=7axcUvDUPLiG9gTE7ICYDQ&ved=0CFsQ6AEwCO#v=onepage&q=Ondina%20Ferreira&f=false Acesso em 06.09.13

³⁷<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoseThomazBrum.htm> Acesso em 06.09.13

Amilcar Bettega³⁸, tradutor e escritor, fez graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1987, Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2000, e Doutorado em regime de co-tutela em Études du Monde Lusophone, pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 e em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012). Atua na área de Letras, com ênfase em Escrita Criativa, principalmente nos temas: literatura brasileira, contos e criação literária e também trabalha no ensino do português para estrangeiros. Traduziu do português para o francês (com a colaboração de Emilie Bettega), em 2004, a peça de teatro “Escrever, Falar”, de Jacinto Lucas Pires, para o Atelier Européen de la Traduction/Scène Nationale d'Orléans. Em 2005, traduziu ainda com a colaboração de Emilie Bettega, a peça de teatro “Coração Transparente”, de Jacinto Lucas Pires, para o mesmo Atelier. Ainda em 2005, traduziu o livro *Uma vendeta*, de Guy de Maupassant. A sua tradução do livro de 820 páginas, *125 contos de Guy de Maupassant*, é o maior volume de contos traduzidos de Maupassant publicado no Brasil, em 2009.

2.1.5. Carmen Lúcia Cruz Gerlach e Maria José Werner Sales

Professoras, autoras de ensaios e estudiosas de Guy de Maupassant há vários anos, Carmen Lúcia Cruz Gerlach (professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) e Maria José Werner Sales, professora da Aliança Francesa de Florianópolis, traduziram a antologia *Madame Hermet e outros contos fantásticos*.

Apesar de não ter encontrado informações sobre alguns tradutores da obra de Maupassant no Brasil, acho importante citá-los para que eles não sejam invisibilizados na pesquisa: Lygia Junqueira Fernandes, Vidal de Oliveira, Casimiro Fernandes, Justino Martins, Plínio Augusto Coelho.

Para Pym (1998:162), os tradutores são, raramente, tradutores profissionais que só vivem da tradução, mas eles exercem outras profissões. Segundo ele, o tradutor que tem outra profissão leva vantagem em relação aos tradutores profissionais, visto que ele não

³⁸ <http://lattes.cnpq.br/0407819586756084> Acesso 06.09.13

depende das exigências do editor, dos prazos, etc. Ele é mais livre e, assim, não restringe suas habilidades de tradutor. Na pesquisa que realizei a maior parte dos tradutores exerce outras profissões, principalmente a de escritor (a) e professor (a) conforme tabela abaixo:

Tradutor	Profissões				
Mario de Miranda Quintana	Escritor	Jornalista	Tradutor	Poeta	Caixeiro - Atendente
Ondina Ferreira	Escritora - Romancista	Cronista	Tradutora	Funcionária Pública	-----
José Thomaz Almeida Brum Duarte	Escritor - Ensaísta	Professor	Tradutor	-----	-----
Amilcar Bettega Barbosa	Escritor	Professor	Tradutor	-----	-----
Carmen Lúcia Cruz Gerlach	Escritora - Ensaísta	Professora	Tradutora	-----	-----
Maria José Werner Sales	Escritora - Ensaísta	Professora	Tradutora	-----	-----

2.2. Editoras da obra de Maupassant no Brasil

Das doze antologias de Maupassant, traduzidas no Brasil, selecionadas nesta pesquisa, cinco foram publicadas pela Editora Globo³⁹, em seguida vêm a Civilização Brasileira, L&PM, Cultrix, Editora da UFSC, Record, Companhia das Letras e Hedra.

2.2.1. Editora Globo

Esta editora foi criada em Porto alegre, em dezembro de 1883, por um imigrante português, Laudelino Pinheiro de Barcellos e que começou a publicar esporadicamente, somente em 1928 quando iniciou

³⁹ HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

um programa editorial regular. Segundo Hallewell (2012:433,434), nesta época, a pirataria já estava saindo de moda, no que concerne à publicação de livros, visto que, com os periódicos, a coisa era diferente. Ele cita Érico Veríssimo quando este afirmou, em um texto autobiográfico, que no caso da *Revista do Globo* e de outras existentes, o remédio era recorrer à pirataria, quando não existia verba para comprar matéria inédita. O próprio Érico colaborou com traduções de contos, artigos de revistas francesas, americanas, argentinas, inglesas e italianas.

Em fins do século XIX e princípios do século XX, os editores rio-grandenses, protegidos por uma constituição positivista, foram acusados de imprimirem⁴⁰ toda sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar os direitos autorais. A editora gaúcha Livraria americana, de Carlos Pinto, que estava em Pelotas, desde 1880, foi considerada a principal culpada por estas impressões. A sua série Biblioteca Econômica, em formato de bolso, publicava traduções de Alphonse Daudet, Zola, Maupassant, Tourgueniev, irmãos Goncourt, dentre outros.

Junto à Livraria Globo foi instalada uma oficina gráfica para executar trabalhos sob encomenda. Mas a prosperidade só veio com José Bertaso, em 1890, contratado para fazer pequenos serviços, e que veio a ser sócio da Editora e depois proprietário, quando da morte de Barcellos, em 1919. “José Bertaso passou de 15% de participação na empresa à função de sócio-diretor em dezembro de 1917, agora Barcellos, Bertaso & Cia” (BARCELLOS, 2002:6). No início a Globo era apenas uma pequena livraria e papelaria. A Editora Globo surgiu, como um setor da Livraria do Globo. À época a empresa se chamava L. P. Barcellos & Cia.

A Globo adquiriu, em 1909, um equipamento gráfico que fez o “diferencial em relação à concorrência. Foi com a primeira linotipo⁴¹ que a empresa agregou qualidade e tecnologia às livrarias existentes no Rio Grande do Sul”. Esta aquisição demonstrava que José Bertaso tinha espírito empreendedor, pois previu que, com a primeira Grande Guerra, iria ocorrer a escassez de papel, e assim, sugeriu ao dono da livraria o

⁴⁰ HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

⁴¹ Linotipo foi uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler, em 1886, na Alemanha, que fundia em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever.

investimento na importação de papel. Depois da tecnologia importada, a Globo iniciou a edição do *Almanaque Globo* e, em seguida, a publicação de autores rio-grandenses (BARCELLOS, 2002:6).

Para Barcellos (2002: 9) a Globo teve grande importância quando se referem às traduções na tradição editorial brasileira. Segundo ela,

Quando a discussão é o papel da tradução na tradição editorial brasileira, a princípio, todos os olhares se voltam para a Globo daquela época. É certo que ela ocupa uma posição privilegiada (assim fez por merecer) e de fato, o trabalho elaborado pela equipe foi de primeira instância. É importante salientarmos que a Globo não pertencia ao eixo Rio-São Paulo, centro do país, espaço facilitador da circulação e difusão do campo literário.

A década de 30, do século XX, marcou o início de uma nova época para a qualidade nos trabalhos da Editora. A importância de Érico Veríssimo como editor é pouco comentada, mas, com uma equipe de profissionais considerável, a Globo abriu uma fatia no mercado para a literatura estrangeira, com investimentos nas traduções, e assim, em 1940 ele contratou uma equipe de tradutores com salário fixo (BARCELLOS, 2002:2).

Quando a produção de livros didáticos se tornava monopólio de São Paulo, surgia no Rio Grande do Sul, um novo centro editorial, onde a Livraria Globo tornou-se uma produtora nacionalmente conhecida e dedicada à tradução de literatura estrangeira. O Rio Grande do Sul se projetava no cenário nacional rapidamente com a Revolução de 1930. Neste período, a Globo foi pioneira na tradução dos romances policiais anglo-americanos, vindos na sua *Coleção Amarela*, que trouxe ao Brasil traduções em português de Agatha Christie, Raymond Chandler, Sidney Horler, Ellery Queen e muitos outros. A Globo também traduziu autores de língua alemã como por exemplo, Franz Kafka e Adolf Hitler.

Na língua francesa traduções de André Gide, Romain Rolland foram as mais destacadas. Autores como Montaigne, Voltaire, Stendhal, Flaubert, Verlaine, Platão, Shakespeare, Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Maupassant e muitos outros figuravam na *Biblioteca dos Séculos*. Nela, foi publicada, também, a *Comédia Humana*, completa, em dezoito volumes (HALLEWELL, 2012:431,433, 435, 440, 443,506).

A Globo enfrentou o estado insatisfatório da tradução no Brasil, pois o padrão sempre fora muito baixo. Desde 1940 até hoje, o mercado livreiro limitava os orçamentos das editoras, e isto fez com que se estabelecesse a tradição de que “a tradução é um trabalho subalterno e mal remunerado”. O desempenho da Globo e de outras editoras levou Paulo Rónai a chamar a década de 40, do século XX, de “a idade de ouro da tradução” (HALLEWELL, 2012:444,445). No final da década de 1940, a Editora Globo publicou, em três volumes, contos de Maupassant, traduzidos por Mário Quintana. Outras traduções dos contos e novelas foram realizadas, sob a forma de antologias temáticas.

2.2.2. Civilização Brasileira

Outra Editora que traduziu obras de Maupassant no Brasil foi a Civilização Brasileira. Fundada em 1929, por Getúlio M. Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barroso, a Editora *Civilização Brasileira* tinha poucos títulos e foi adquirida, em 1932, por Octalles Marcondes Ferreira passando a ser a filial da *Companhia Editora Nacional*, no Rio de Janeiro. O seu selo editorial era usado pela Nacional apenas para livros-não didáticos e ficção, e em 1953 só tinha uns dez títulos.

Ao se casar com a filha do patrão, Octalles M. Ferreira, a administração da Editora passou para Ênio Silveira. Quando assumiu a administração da Editora, ele a incrementou a ponto de, no final da década de 50, do século XX, ela ser considerada uma das mais importantes editoras do país. A sua administração foi muito importante para o desenvolvimento da indústria editorial brasileira, visto que sua contribuição em métodos administrativos, publicidade, produção gráfica e política editorial foi quase tão importante quanto haviam sido as inovações de Monteiro Lobato. Quando ele assumiu o posto na Editora, o negócio principal era uma livraria, pois tinha uma baixa atividade editorial. A bibliografia nacional brasileira registra apenas dez títulos da editora em 1955. Mas a administração de Ênio foi aumentando o acervo da empresa que tem, em sua trajetória, uma história de grande variedade de traduções de literatura moderna da Europa, América do Norte e Japão. Em 1970, Ênio assumiu a maior partes das ações da empresa e se desliga da Editora Nacional (HALLEWELL, 2012:587,588,590). Ênio Silveira tinha particular entusiasmo em estimular autores brasileiros. Em março de 1965, Ênio Silveira lançou a *Revista Civilização Brasileira*. Esta teve 21 números e acabou em 1968. Em seu 2º número, a revista chegou a atingir 20.000 exemplares. Em 1976, a Editora passou a

mandar livros pelos correios e 5% das vendas da Civilização passaram a ser dessa forma. A antologia *Bola de Sebo e outros contos e novelas*, de Maupassant, foi traduzida e publicada, em 1970, pela *Civilização Brasileira*. Atualmente, a *Civilização Brasileira* faz parte do *Grupo Editorial Record*.

2.2.3. L&PM

Em 24 de agosto de 1974, Paulo de Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado criaram a editora L&PM Editores⁴², tendo como livro de estreia as tirinhas de Rango 1, do desenhista e cartunista Edgar Vasques. A história de Rango, um personagem que teve grande repercussão nos jornais da época, representava a miséria e os perseguidos pela ditadura de 1964, no Brasil. Ela se destacava pela sua posição de confronto com a ditadura militar. Os editores foram chamados a depor para explicarem a história, mas foram salvos pelo prefácio escrito por Erico Veríssimo. A L&PM publicou livros de alguns políticos que combatiam o regime militar, dentre eles, os senadores Paulo Brossard e Pedro Simon e o deputado Teotônio Vilela. Nesta mesma época, a editora passou a ter visibilidade nacional, editando trabalhos de grandes autores brasileiros como Millôr Fernandes, Josué Guimarães, o cartunista e artista plástico Caulos, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, Sérgio Capparelli, entre outros. Luis Fernando Veríssimo permaneceu na L&PM até 2001, tendo editado um total de 36 livros pela editora. Nos seus quase 40 anos, a L&PM Editores, consolida-se como uma das grandes editoras brasileiras, e hoje possui a maior coleção de livros de bolso do Brasil, prevendo a publicação de 100 títulos ao ano e reúne um amplo painel de literatura clássica e moderna, brasileira e estrangeira. O site da L&PM⁴³ Editores traz o nome dos tradutores abaixo de cada obra divulgada. A antologia *O Horla e outras histórias* foi publicada pela L&PM.

2.2.4. Editora Cultrix

⁴²<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=845253&SubsecaoID=384748> Acesso em 13.09.13.

⁴³<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=707263&SubsecaoID=0> Acesso em 15/12/13.

O Grupo Editorial⁴⁴ "O Pensamento", foi fundado, em 1907, por Antônio Olívio Rodrigues, um imigrante português que demonstrava grande interesse por pesquisas psíquicas, obras de filosofia e religiões orientais, segundo, jornais da época. Ele se tornaria uma das maiores e mais tradicionais empresas editoriais do Brasil por seu absoluto pioneirismo. Em 1943, o seu proprietário passou a direção da Editora para Diaulas Riedel, marido de sua neta, considerado um grande empreendedor e pesquisador. Em 1956, Diaulas fundou a *Editora Cultrix*, com o intuito de editar livros de filosofia, literatura, sociologia, linguística e psicologia. As duas editoras tiveram um crescimento rápido, sob o seu comando, o que lhe valeu o Prêmio Jabuti de melhor editor em 1961. Com o falecimento de Diaulas em 1997, seu filho Ricardo Riedel assumiu a direção das editoras, e continua, até hoje, procurando desenvolver ações operacionais nas diversas áreas da empresa, principalmente na área de marketing, na criação de uma nova rede de distribuição por todo o país e em Portugal.

2.2.5. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC)

A antologia *Madame Hermet e outros contos fantásticos* foi publicada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC)⁴⁵, em 1999. Com 34 anos, a Editora da EdUFSC tem sido marcada pela reformulação de seu projeto editorial. Ela é considerada uma das mais bem conceituadas editoras do país. Segundo o site da Editora, ela tem mais de 1,2 mil títulos publicados e edita, anualmente, uma média de 50 obras. Publica, além de títulos locais, regionais, nacionais, os internacionais, refletindo a “produção científica, tecnológica e cultural da UFSC e da sociedade. Distingue-se pela qualidade de suas publicações e pela distribuição das obras em todo território nacional”. Desde março de 2010, a Editora da UFSC iniciou uma nova política editorial, com projetos gráficos das capas, novos formatos e uso da editoração do miolo dos livros.

⁴⁴ <http://www.pensamento-cultrix.com.br/statictext.aspx?idStaticText=9> Acesso em 12.10.13

⁴⁵ <http://www.editora.ufsc.br/editora> Acesso em 17.01.14.

2.2.6. Grupo Editorial Record

Léo Schlafman traduziu, em 2005, pela Record, a antologia *As grandes paixões*. O Grupo Editorial Record, que foi fundado em 1942, por Alfredo Machado e Décio Abreu, é um conglomerado de editoras adquiridas pela Editora Record, “que além dela própria, engloba várias outras editoras”. É considerado o maior conglomerado editorial da América Latina, além de líder no segmento dos livros não-didáticos⁴⁶. A Editora Record tem um catálogo variado com mais de seis mil títulos, dentre eles, cito a ficção, narrativas históricas, científicas, reportagens, romances, literatura feminina, ensaios culturais, sociológicos, literários e filosófico e quadrinhos. Ela foi, inicialmente criada como uma distribuidora de quadrinhos e outros serviços de imprensa e foi a primeira distribuidora brasileira (syndicate) de quadrinhos a ser fundada. Com o objetivo de oferecer o que há de melhor para os leitores brasileiros, o grupo tem dezesseis selos diferenciados — Record, Bertrand Brasil, José Olympio, Civilização Brasileira, Rosa dos Tempos, Nova Era, Difel, BestSeller, Edições BestBolso, Galerinha Record, Paz e Terra, Galera Record, Viva Livros, Halerquin Books, Best Business e Verus Editora. A Editora Record não tem nenhuma ligação com a Rede Record de Televisão.

2.2.7. Companhia das Letras

Em 2009, Amílcar Bettega traduziu a obra *125 contos de Guy de Maupassant*. Esta tradução foi publicada pela Companhia das Letras. A Companhia das Letras foi fundada em 1986, por Luiz Schwarcz, que já tinha trabalhado na Editora Brasiliense, e por sua esposa Lília Moritz Schwarcz. A editora teve como um dos quatro primeiros livros publicados *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson, que foi um sucesso de vendas e impulsionou a editora. No primeiro ano de existência ela lançou quarenta e oito títulos.

A Companhia das Letras já publicou, em 24 anos, quase três mil títulos, de 1.300 autores, incluindo os lançamentos dos outros selos da editora. Em 2009, foram publicados mais de 230 títulos, e no total a editora tem 3.239 títulos. A tiragem média é de 10.500 exemplares, e o livro mais vendido foi *As Barbas do Imperador*, de Lília Moritz Schwarcz, com 3,950 milhões exemplares. As duas principais linhas editoriais da Companhia das Letras são literatura e ciências humanas.

⁴⁶ <http://www.record.com.br/grupoeditorial.asp> Acesso em 17.04.13

Treze selos compõem hoje a editora⁴⁷: Companhia das Letras, Cia. das Letras, Companhia das Letrinhas, Companhia de Bolso, Quadrinhos na Cia., Boa Companhia, Penguin-Companhia, Editora Claro Enigma, Editora Paralela, Editora Seguinte, Portfolio-Penguin, Editora Panelinha e Breve Companhia. Em 1992, o selo Companhia das Letrinhas foi criado para editar livros infantis. O selo Cia. das Letras, surgiu em 1994 e desenvolve duas linhas básicas: de um lado, publica livros de ficção e não-ficção voltados para pré-adolescentes e adolescentes; de outro, obras para diferentes faixas etárias, como “O mundo de Sofia”, por exemplo. Em 2005 foi criado o selo Companhia de Bolso, com o objetivo de tornar o livro ainda mais acessível, que relança em edição econômica os grandes sucessos da Companhia das Letras. Portfolio-Penguin é o novo selo da Companhia das Letras. Em 2009, foram criados mais três selos: Quadrinhos na Cia., Editora Claro Enigma e Penguin Companhia. Quadrinhos na Cia. traz uma linha dedicada aos quadrinhos. A editora Claro Enigma é ligada à educação, com material paradidático. O selo Penguin Companhia edita, em português, em 2010, obras do catálogo da Penguin Classics, e em 5 de dezembro de 2011 a editora britânica (Penguin) comprou 35% da Companhia das Letras, sendo criado uma holding das famílias Moreira Salles e Schwarcz para administrar os 65% de participação da editora. Hallewell (2012:730-731) considera a Companhia das Letras uma espêndida editora que hoje está voltada para leitores sofisticados, “com base no raciocínio segundo o qual ‘a coerência da linha editorial’ tem mais valor do que as ‘oportunidades de mercado’”.

2.2.8. Editora Hedra

A Editora Hedra⁴⁸, que publicou, em 2011, a antologia *Bola de Sebo e outros contos*, foi fundada em 1999 e ao longo desses anos já publicou mais de 350 títulos, como clássicos e infanto-juvenis. A *Coleção de Bolso* — com mais de 140 títulos — e os *livros infantis*, os quais são reconhecidos por escolas e “pelos melhores programas governamentais de aquisição de livros para bibliotecas”, são considerados pilares da Hedra. Um novo selo passou a fazer parte da editora recentemente: o *Hedra Educação*, que publica livros escolares, paradidáticos e afins. Além das publicações acima citadas, a Hedra

⁴⁷ <http://www.companhiadasletras.com.br/> Acesso em 31.10.13

⁴⁸ <http://www.hedra.com.br/sobre> Acesso em 30.10.13

publica sobre a literatura de Cordel, anarquismo, cultura pop, crítica literária, arquitetura, entre outros. Além disso, a Hedra começou um novo projeto chamado *Livro da Classe*⁴⁹, “que possibilita ao professor fazer um livro em conjunto com seus alunos, tendo consultoria editorial e um processo de impressão digital para fazer isso acontecer”.

O objetivo de fazer um levantamento do perfil das editoras brasileiras que têm publicado as antologias de textos traduzidos de Guy de Maupassant, no Brasil, não é somente listá-las, mas sim confirmar a importância de Maupassant no sistema literário do Brasil, visto que estas editoras que têm prestígio no mercado do livro, têm também o interesse em publicar a sua obra.

2.3. Contos mais traduzidos

As doze antologias, que foram selecionadas, a partir de uma análise diacrônica, conforme dito anteriormente, trazem trezentos e oitenta e nove contos traduzidos. Relaciono no anexo IV, os contos mais traduzidos, quantas vezes cada um deles foi traduzido, qual a sua posição na antologia e qual antologia.

Estes dados me permitiram mapear as escolhas tradutórias dos tradutores no âmbito do título do conto. Começo pelo conto *As tumulares*, que em quatro antologias foi traduzido desta mesma forma e somente em uma antologia foi traduzido como *As sepulcrais*. O conto *História de uma criada de granja* foi também traduzido como *História de uma rapariga de granja*. O conto *O mascarado* surge, em outra antologia como *O máscara* e depois como *A máscara; Sobre a água* numa tradução e *Na água*, em outra. *O porco do Morin* e *Aquele porco do Morin*, *O velho Amable e o Tio Amable*, *O colar de diamantes* e *O colar* são exemplos destas escolhas. Percebi que o tradutor da antologia *125 contos de Guy de Maupassant* conservou, na tradução do título dos contos, o nome original. Quando se trata de nome próprio, por exemplo, *Madame Baptiste*, *Rose*, *Berth*, ele escolheu permanecer com o nome próprio da língua de partida. Em outro momento e em outra antologia, a da Hedra, *Bola de Sebo e outros contos*, de 2011, o tradutor fez a escolha pela tradução do nome próprio, no conto Mohammed Fripouille, que foi traduzido como Mohammed Bandalino.

⁴⁹ <http://vizir.com.br/editora-hedra/> Acesso em 30.10.13
<http://www.livrodaclasse.com.br/> Acesso em 22.01.14

Alguns contos têm o mesmo título, como por exemplo, *A confissão*, *O medo*, mas são contos diferentes. Nomeei-os *Confissão 1* e *Confissão 2*, *O medo 1* e *O medo 2* para diferenciá-los na tabela.

O conto mais traduzido, no Brasil, foi *O Horla* encontrado treze vezes nas antologias. Em algumas delas em suas primeira e segunda versões.

O Horla é um conto de Guy de Maupassant, escrito em 1887, que narra cerca de quatro meses da vida de um personagem/narrador que vive atormentado e angustiado com a presença de um ser estranho, invisível, o qual decide chamar de *Horla*. Ele sofre de desordens mentais.

A história se passa na França, na casa onde o personagem cresceu, e por não querer se distanciar de suas lembranças, ele não consegue abandonar este lugar, mesmo sofrendo alucinações. Num dado momento, ele começa a se sentir doente e imagina que este fato está relacionado com esta presença estranha que o rodeia, e assim, sente uma sensação de perigo iminente. Por causa destes sintomas ele não consegue dormir, pois é durante a noite que ele se assusta mais. Nos momentos em que consegue dormir, sonha que tem alguém querendo estrangulá-lo, acorda e volta a dormir. Tentando se livrar dessas alucinações, ele resolve viajar para outra cidade e quando volta se sente mais calmo, mas a sensação de perseguição volta e, no decorrer da história, ele questiona a sua sanidade. *O Horla* continua dominando seus pensamentos.

Numa determinada noite ele deixa uma jarra cheia de água para beber mas, ao acordar, depois de um pesadelo, vai tomar água e percebe que a jarra está vazia. Como alguém poderia tê-la bebido se não havia mais ninguém na casa? Ao perceber que este ser bebe sua água, ele coloca ao lado de sua cama vários tipos de alimentos, como vinho, morangos, leite e água. Mas somente estes dois últimos são os que são consumidos durante a noite, os demais permanecem intocáveis. Assim, ele começa a se questionar se seria ele mesmo que estaria tomando tais líquidos.

A presença do *Horla* se torna cada vez mais intolerável, pois este passa a tomar conta de seu corpo completamente, e para ele a solução está na morte do *Horla*. chegando ao ponto de querer matar-se ou matar o *Horla*. Ele monta uma armadilha para prendê-lo, e incendeia a sua própria casa esperando que o ser estranho morra, mas para ele a sua própria morte parece ser a única solução para livrar-se d'*O Horla*.

Este conto possui duas versões: na primeira, a história é contada como se os acontecimentos já tivessem ocorrido, é um relato *a-posteriori*, nela, o autor examina um caso clínico. A segunda versão é relatada em ordem cronológica, na qual vêm os dias e os meses exatos do acontecimento. Ele vem narrado em primeira pessoa. São poucas as alterações de um texto para o outro.

Segundo Brum (1986:9), o tema de *O Horla* é a liquidez e sua atração, em que o “homem relata a sua vampirização contínua através de um ser transparente”.

O Horla está inserido no gênero da literatura fantástica. Segundo Todorov (2004: 31), o fantástico é “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural”. O conto *O Horla* tem como tema principal a mania de perseguição desenvolvida pelo personagem que acredita estar sendo perseguido por um ser invisível, o qual se alimenta de toda sua energia durante a noite.

O segundo conto mais traduzido, no Brasil, foi o *Bola de Sebo*, encontrado em oito antologias pesquisadas. Este conto que garantiu, de súbito, a reputação literária do autor, *Bola de Sebo* é um conto de guerra: a da Normandia. Ele conta uma história que se passa na França, em 1870, no período final da guerra contra a Alemanha. O país estava sendo invadido pelos prussianos. As famílias mais ricas da cidade alugavam carros para fugirem da invasão. Num destes carros se encontra a mais famosa prostituta da cidade, apelidada de *Bola de Sebo*, por ser gorda e muito redonda. Os homens ficam embaraçados e as senhoras ficam indignadas. Eles resolvem ignorar a presença da moça. Contudo, logo todos começam a sentir fome. Apenas *Bola de Sebo* teve a ideia de trazer um saco de provisões, que ela oferece aos demais. Relutantemente, eles aceitam.

Os viajantes foram interceptados pelos prussianos e impedidos de seguir viagem. O comandante afirma que só poderão seguir viagem se *Bola de Sebo* passar uma hora com ele, caso contrário, todos serão presos. Ela recusa a proposta, pois não quer dormir com aquele inimigo que invadiu a sua pátria, mas acabou cedendo por insistência dos companheiros de viagem que ficaram desesperados com a possibilidade de ficarem nas mãos dos bárbaros prussianos. Eles tentaram por muito tempo convencer *Bola de Sebo* a aceitar a proposta do comandante. Finalmente, ela cede e vai com o comandante. Aliviados, os outros aproveitam o tempo para comprar alimentos. Mas quando ela volta e a viagem prossegue, ela é desprezada pelo grupo. Sua presença é ignorada. Todos comem, sem convidá-la. O único ruído que se ouve no

carro são os soluços de *Bola de Sebo*, que com fome faz a viagem em silêncio.

Os próximos contos mais traduzidos são *Encontro*, *O porco do Morin*, *A Pensão Tellier* e *Mademoiselle Fifi*, encontrados em seis antologias. Cinco vezes foram traduzidos os contos *As tumulares/As sepulcrais*, *Um arдил*, *O colar de diamantes*, que em algumas antologias traz o título *O colar*, *Miss Harriet* e *O sinal*. Outros contos foram traduzidos quatro vezes, como por exemplo, *O mascarado/O máscara/A máscara*, *Em família* e *A aventura de Walter Schnaffs*. Os outros contos foram traduzidos duas ou três vezes. Não citei os que foram traduzidos uma só vez, visto que o meu objetivo é o de nomear os contos mais traduzidos. Os contos mais publicados na França foram: *O Colar*, *O Horla*, *Bola de Sebo* (edições escolares, para jovens ou edição de bolso para o grande público). O mesmo para as traduções: *O Colar* foi o mais traduzido nos países anglo-saxões.

Contos mais traduzidos	Número de traduções
1.As tumulares/ As sepulcrais	5 vezes
2.Um arдил	5 vezes
3.O colar de diamantes/O colar	5 vezes
Miss Harriet	5 vezes
O Sinal	5 vezes
Aquele porco do Morin/ O porco do Morin	6 vezes
“Mademoiselle” Fifi	6 vezes
A pensão Tellier/ Pensão Tellier	6 vezes
O Encontro/Encontro	6 vezes
Bola de Sebo	8 vezes
Horla	13 vezes

Capítulo III - Antologia e Paratextos

3.1. Antologia e Paratexto –

A antologia é um gênero discursivo que oferece muita informação sobre o modo em que se escreve e lê literatura e sobre seu papel em uma cultura e época dadas e, como se sabe, o gênero contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores (SERRANI, 2008:270).

Segundo o Dicionário Aurélio⁵⁰ antologia é a parte da botânica que estuda as flores; é uma coleção escolhida de trechos em prosa ou verso; seleta; crestomatia.

Para Joaquim Moncks (2013) a palavra antologia é sinonímia de “florilégio” e designa “seleção de coisas notáveis”. A palavra que nasceu no séc. XVII significa, metaforicamente, a mais linda flor do jardim. Para ele, “é incorreto denominar de “antologia” uma obra que contém poemas inéditos”. A esse tipo de obra literária chamamos de coletânea, textos normalmente, inéditos, ou seja, ainda não publicados em livro...”. Para ele, quando se publicam textos não inéditos e, sim, publicados anteriormente, chamamos de antologia, que significa “seleção de coisas notáveis”, já vistas com anterioridade.

Serrani⁵¹ (2008) também afirma que existe uma distinção entre a coletânea e a antologia (no sentido etimológico do termo de seleção, “buquê das melhores flores”). Para ela esta distinção se torna mais notória na época de consolidação do gênero, no século XVIII, na Inglaterra com a presença de dois fatores: o volume crescente de literatura impressa e o aumento do público letrado.

Assim, escolhi, para a análise dos paratextos, as antologias de textos traduzidos, de Guy de Maupassant, no Brasil, visto que são contos publicados anteriormente em jornais franceses.

A escolha do paratexto para ser descrito e analisado na pesquisa se deu por considerar que

⁵⁰ <http://www.dicionariodoaurelio.com/antologia> Acesso em 03.06.13

⁵¹ <http://www.antologiasediscursosiel.unicamp.br/> Acesso em 03.06.13

[...] ele é uma das etapas de recepção de uma obra e também um indicador das estratégias de difusão escolhidas pelas editoras para as respectivas edições. Todos os textos que compõem o paratexto de uma edição passam pelo crivo da editora, que pode assim ser considerada sua verdadeira autora. [...] O paratexto não é apenas propaganda, é também um portal para o universo histórico e literário da obra. É um porto de passagem na rota que conduz o leitor ao texto e também uma possível via de acesso ao capital cultural associado à obra divulgada (CRUZ, 2007:37).

Ao escolher os elementos do paratexto como objeto de análise, considero que os mesmos dão pistas do leitor que está no interesse das edições. Eles nos dão uma imagem do autor, da obra e do público alvo.

Para Genette, em *Paratextos Editoriais* (2009), “a obra literária consiste num texto, isto é, numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação”. Para ele, “o texto se apresenta raramente nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não”. Isto é, os paratextos que são as informações sobre o autor, o título, as ilustrações, as notas da edição, glossário, bibliografia, prefácios, posfácios, notícias de apresentação, citações, referências existentes. Estes prolongam o texto literário e o cercam para apresentá-lo ao mundo e garantir a sua presença no mesmo sob forma de livro. O autor batizou esse acompanhamento de extensão e conduta variáveis de *paratexto da obra*. Assim, ele considera que “paratexto é aquilo que por meio de que um texto se torna um livro, e se propõe como tal a seus leitores”. Genette ainda menciona que

os caminhos e os meios do paratexto não cessam de modificar-se conforme as épocas, as culturas, os gêneros, os autores, as obras, as edições de uma mesma obra, com diferenças de pressão às vezes consideráveis (2009:11).

O que para ele evidencia que nossa época *midiática* multiplica em torno dos textos um tipo de discurso desconhecido no mundo clássico e mais ainda na Antiguidade e na Idade Média, “época em que

os textos circulavam muitas vezes em estado quase bruto, sob a forma de manuscritos desprovidos de qualquer fórmula de apresentação” (idem, p.11). Só o fato de “haver transcrição e transmissão oral, introduz na idealidade do texto uma materialização, gráfica ou fônica, que poderia induzir efeitos paratextuais”. Assim, o autor adianta que “não existe e jamais existiu um texto sem paratexto”, mas que, paradoxalmente, “há em contrapartida, talvez por acidente, paratextos sem texto, pois existem muitas obras, desaparecidas ou abortadas, das quais conhecemos apenas o título”.

Para ele, a presença de mensagens paratextuais, em torno de um texto, não possui uma regularidade constante e sistemática, visto que existem livros sem prefácio, autores avessos às entrevistas e que em uma determinada época não era obrigado colocar o nome do autor, ou mesmo de um título (p.11).

Para Sousa (2011:12),

Os paratextos emolduram a obra traduzida e garantem um espaço de visibilidade à voz do tradutor, mas não só, os discursos de acompanhamento ancoram a obra no horizonte da crítica literária e definem parâmetros que conduzirão à leitura e recepção do texto traduzido na cultura de chegada.

Torres (2011:17) analisa o paratexto enquanto *índice morfológico* e *discurso de acompanhamento*. Ela entende como índice morfológico “todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (páginas de rosto, páginas do falso título etc.)”. Estas “trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam”. E por *discurso de acompanhamento*, a autora entende “que seja qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres, etc.), o lugar onde frequentemente a ideologia aparece de forma mais clara”.

A análise dos elementos paratextuais, presentes nas obras analisadas, pretende revelar como o autor e sua obra são apresentados ao leitor brasileiro, além de “mostrar como os textos de acompanhamento autenticam e legitimam a obra no contexto da língua de chegada” (SOUSA, 2011:11), visto que os paratextos das traduções foram criados, possivelmente, para a recepção do autor e da obra no sistema literário brasileiro.

A partir do paratexto é “possível sair da obra para acompanhar as diversas formas em que ela é reescrita” (CRUZ, 2007:38). Nesta perspectiva, Lefevere afirma que os “reescritores são responsáveis pela recepção genérica e pela sobrevivência de obras de literatura entre os leitores não-profissionais, que constituem a grande maioria de leitores em nossa cultura globalizada” (1992:1). Ele considera que as reescrituras, quando refletem uma ideologia e poética discerníveis, manipulam/manuseiam a literatura para que esta funcione de um certo modo em uma dada sociedade: “Reescritura é manipulação, empreendimento a serviço do poder”.

Deste modo, os “textos dos paratextos coincidem com a ideia de reescritura no que também propõem e propagam imagens de um autor e de uma obra” (CRUZ, 2007:39). Analisar os paratextos de antologias de textos traduzidos de Guy de Maupassant para o português brasileiro tem o intuito de mostrar o que eles têm a nos dizer sobre o autor e a obra, quando da sua recepção no país, além de nos situar no tempo e no espaço, visto que, conforme a pesquisa, há um intervalo entre as traduções. O levantamento realizado na pesquisa não é completo, visto que não contempla todas as edições, reedições e reimpressões das antologias de textos traduzidos, encontradas no Brasil.

Os temas oriundos destas reflexões trazem, para a ordem do dia, várias inquietações e modificações nos estudos sobre a tradução, decorrentes das transformações pelas quais esta vem passando ao longo do tempo. Mudanças que fizeram eco desde tempos remotos. Segundo Santos (2002), somente a partir do século XX, as concepções da tradução começaram a mudar e foi ao longo destes últimos anos que os estudos da tradução começaram a ocupar um lugar importante nas escolas linguísticas contemporâneas.

Cruz (2007:37) afirma que o paratexto não é apenas uma propaganda, mas é um “portal para o universo histórico e literário da obra”. “É um porto de passagem na rota que conduz o leitor ao texto”, mas é também uma possível via de acesso ao capital cultural que está relacionado à obra divulgada.

3.2. Os paratextos das antologias de textos traduzidos

Como dito anteriormente, selecionei, dentre as trinta e uma encontradas, doze antologias, de Maupassant, traduzidas no Brasil, para análise dos seus paratextos. Nove antologias do século XX e três do século XXI foram selecionadas a partir de uma análise diacrônica e

também pela dificuldade em encontrar as outras antologias à venda, o que impossibilita a análise dos paratextos das mesmas. Antologias do século XIX não foram encontradas. Basearei a análise dos paratextos, na teoria do crítico literário francês e teórico da literatura Gérard Genette. Outro trabalho do qual lançarei mão é a tese da Prof^a Marie-Hélène Torres *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* e o seu livro, que me serviu como modelo inspirador, *Traduzir o Brasil Literário: paratextos e discurso de acompanhamento*, que, através de análise textual e paratextual, “aprofunda o estudo em torno das trocas culturais entre o Brasil e a França veiculadas pela tradução do cânone brasileiro”(SOUSA, 2011).

3.2.1. Antologias publicadas na primeira metade do século XX

➤ **Novelas e Contos**

Iniciarei a análise com o livro *Novelas e Contos*, publicado pela editora Globo, em 1951 e traduzido por Vidal de Oliveira. Esta antologia tem 62 contos traduzidos e 513 páginas.

A análise inicial será a da capa do livro (Figura 2). Capa, que para Genette (2009:27), impressa, em papel ou papelão, parece ser um fato bastante recente e que remonta ao início do século XIX. A capa das *Oeuvres Complètes de Voltaire* é considerada uma das primeiras capas impressas. Ela foi publicada pela Baudouin, em 1825. Para Cruz (2007:59) a capa é o que destaca o livro nas livrarias e nos mostruários, é a embalagem do livro e tem a finalidade de atrair a atenção do leitor, além de transmitir uma visão da obra e do seu autor (p.95).

Segundo Gaspar (2009:54)

A capa ou página de rosto e a página de rosto secundária são elementos particularmente relevantes. A capa, em específico, por ser o elemento que estabelece a primeira interação do volume com o público, tem normalmente por objectivo ser apelativa de modo a motivar a aquisição do volume, destacando-o dos demais volumes.

O livro *Novelas e Contos* pertence à coleção *Biblioteca dos Séculos*, idealizada por Erico Veríssimo. Esta coleção durou treze anos, mas editou pouco: cerca de dois títulos por ano. Ela era dedicada aos clássicos que, algumas vezes, chegavam a ter 700 páginas, o que “exigia

mais tempo para a sua produção gráfico editorial”. Os livros da série têm uma capa em forma verticalizada, em verde ou vermelho, que parece um “brazão, dentro da qual aparecem os principais dados textuais: o nome do autor, (seguido de uma representação do mesmo em bico de pena, no formato levemente retangular), título e tradução (em destaque)”. Ao redor desta forma, surgem elementos decorativos em cinza, além da informação, no alto e abaixo, contornando-a: *Biblioteca dos Séculos*. “A letra “U” vem grafada como a antiga escrita romana, com ‘V’”(RAMOS, 2007:127). Para Genette (2009:39), a inscrição do nome do autor nem sempre foi assim, pois existia uma prática do anonimato e a invenção do livro impresso não impôs, imediatamente, este elemento do paratexto. Para ele, quanto mais o autor é conhecido, mais o seu nome é exibido (p.40). Ao longo da pesquisa, percebi que as doze antologias escolhidas para análise trazem o nome de Guy de Maupassant na capa. Como o título aparece completo na capa e esta faz menção ao tradutor, esta edição assume, de saída, ser uma tradução.

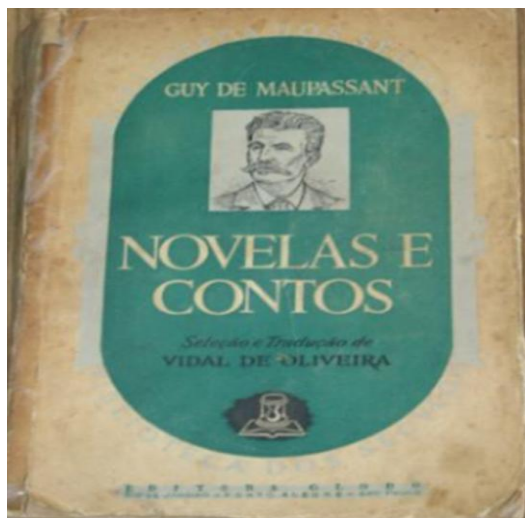


Figura 2

Segundo Genette (3009:34) depois da capa e de seus diversos anexos, o paratexto ainda ocupa todas as primeiras e últimas páginas, geralmente, não-numeradas. Ele nomeia as páginas 1 e 2 de *guardas*, que, em princípio, ficam em branco, a página três é a do anterosto e traz apenas o título. Mas, nesta antologia, a primeira página onde aparece um

texto escrito é a que vem antes da página de rosto, a quarta página, e nela aparece uma relação de obras publicadas pela coleção *Biblioteca dos Séculos*.

A sexta página (Figura 3) traz um desenho do autor francês seguido da frase: *Guy de Maupassant aos 28 anos*. Não há menção de quem fez o desenho. A página de rosto (mesma figura) apresenta o nome do autor francês, o título, em caixa alta e descreve que existem seis ilustrações fora do texto e que os textos são precedidos de ensaios críticos de Henry James e Leon Tolstoi (Figuras 3 e 4, respectivamente, em anexo). A seleção e tradução de Vidal de Oliveira é mencionada, acompanhada do símbolo da Editora Globo, além do nome da editora e os locais onde ela atua. No verso da página de rosto, o livro traz a data da publicação – 1951 – e a informação sobre os direitos exclusivos da editora nesta edição.

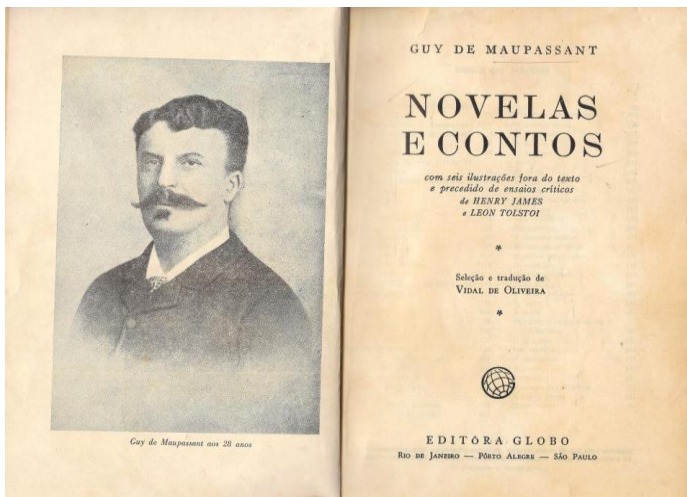
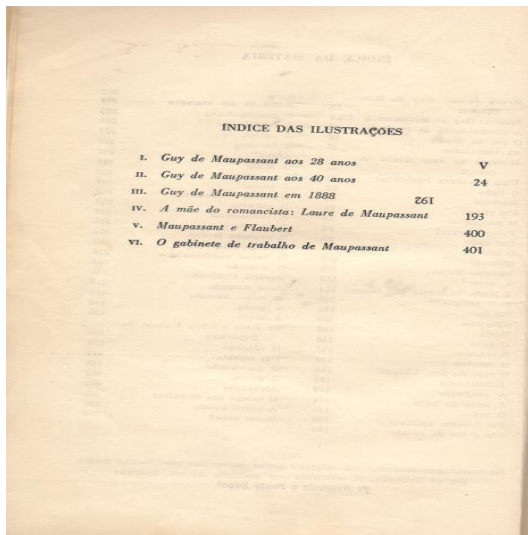


Figura 3

O índice (Figura 1, p.31) vem anunciando que os contos marcados com um asterisco foram traduzidos por Aurélio Buarque de Holanda e os marcados com dois asteriscos foram traduzidos por Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai. Estes tradutores não são mencionados mais em nenhum local do livro, nem na capa e página de rosto, onde só é mencionado o nome de Vidal de Oliveira como único tradutor. Não há nenhuma explicação para tal fato. O índice das

ilustrações vem em seguida, (Figura 4) apresentando as páginas das fotos, dos retratos em forma de desenhos, do autor, sua mãe, Flaubert e de seu gabinete de trabalho. Esta antologia não apresenta divisões em capítulos.



INDICE DAS ILUSTRAÇÕES		
i.	<i>Guy de Maupassant aos 28 anos</i>	V
ii.	<i>Guy de Maupassant aos 40 anos</i>	24
iii.	<i>Guy de Maupassant em 1888</i>	261
iv.	<i>A mãe do romancista: Laure de Maupassant</i>	193
v.	<i>Maupassant e Flaubert</i>	400
vi.	<i>O gabinete de trabalho de Maupassant</i>	401

Figura 4

Na décima primeira página aparece o ensaio de Henry James intitulado *Guy de Maupassant*. Outro fato que chama a atenção é que a tradutora Dora Marques da Cunha é mencionada como a tradutora do ensaio, mas não é citada em outra ocasião no livro. Como dito anteriormente, o único tradutor citado na capa e na página de rosto é Vidal de Oliveira. O ensaio de Tolstoi tem a tradução de Elza Lima Ribeiro, que também não é citada na capa.

Publicada pela Editora Globo, esta antologia foi organizada pelo critério cronológico, pois os contos vêm na ordem de sua primeira publicação. A maioria dos contos saiu, inicialmente, em periódicos e depois em volume, nestes casos, o volume traz, no fim dos contos, a data da publicação em jornal e depois o volume em que Maupassant o incluiu. Outro grupo apareceu primeiro em volume, assim, estes são seguidos do título do volume e do ano de sua publicação. Alguns contos que foram publicados em jornais não foram incluídos por Maupassant em nenhum de seus livros; neste caso, a data da publicação veio isolada.

A antologia *Novelas e Contos* não traz nada escrito na lombada nem na quarta capa. Ela é encerrada pelo último conto traduzido.

Com o objetivo de facilitar a compreensão das análises paratextuais, lanço mão do modelo de “recapitulação”, utilizado por Torres em seu trabalho *Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento* (2011).

Recapitulando:

- ✓ É possível observar que a capa é uma tradução assumida, pois, além do título em português, traz o nome do tradutor, indicando ser uma tradução;
- ✓ Os ensaios críticos de Henry James e Leon Tolstói têm tradutoras diferentes da tradução citada na capa do livro (Dora Marques da Cunha e Elza Lima Ribeiro, respectivamente);
- ✓ A antologia não traz texto de apresentação, não tem prefácio nem posfácio, não contém texto na quarta capa. Os ensaios críticos não apresentam a antologia, pois foram escritos muito antes da publicação, em 1888 e 1928, respectivamente;
- ✓ Da mesma forma, Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai são citados, no sumário, como tradutores de alguns contos, mas não são mais mencionados no livro.

➤ **Contos**

A antologia *Contos*, lançada pela Editora Globo, em 1955 é a próxima a ser analisada. Esta obra foi traduzida por Mário Quintana (1906-1994)⁵², consagrado poeta, tradutor e jornalista brasileiro e responsável pelas primeiras traduções no Brasil de obras de autores canônicos. Dentre autores estrangeiros, Quintana traduziu obras de Fred Marsyat, Charles Morgan, Rosamond Lehman, Lin Yutang, Proust, Voltaire, Virginia Woolf, Papini, Maupassant, entre outros. Para Quintana, traduzir era um meio de ganhar a vida, mas também prazer e esforço por um trabalho bem feito.

O livro *Contos* traz, em sua capa colorida (Figura 5), o nome do autor, do tradutor, da Editora e da Coleção *Biblioteca dos Séculos*, criada em 1942, pela Editora Globo. A “Biblioteca dos Séculos” foi uma ideia de Érico Veríssimo, que, segundo Barcellos (2002:8), talvez contagiado pela mania das coleções de Henrique Bertaso, tenha lhe ocorrido sugerir a existência de uma outra coleção. Ele pensou em criar

⁵² Fonte: DITRA – Dicionário de tradutores literários no Brasil – PGET/UFSC

uma coleção de clássicos, que contaria com autores consagrados e que, também, deveria ser econômica, pois, por não exigir direitos autorais, as obras seriam de direito público. Assim, foi criada a Coleção *Biblioteca dos Séculos*, com obras de Charles Dickens, Maupassant, Stendhal, Tolstói, Balzac, Poe, Voltaire, Swift, Mérimée, entre outros.

Na capa, o texto assume o seu estatuto de tradução a partir do momento em que aparece o nome do tradutor, Mário Quintana. Além dos nomes do autor, tradutor e da Coleção, a capa contém um desenho do rosto de Guy de Maupassant, feito, em bico de pena. Antes do nome da Editora, surge o logotipo da mesma.

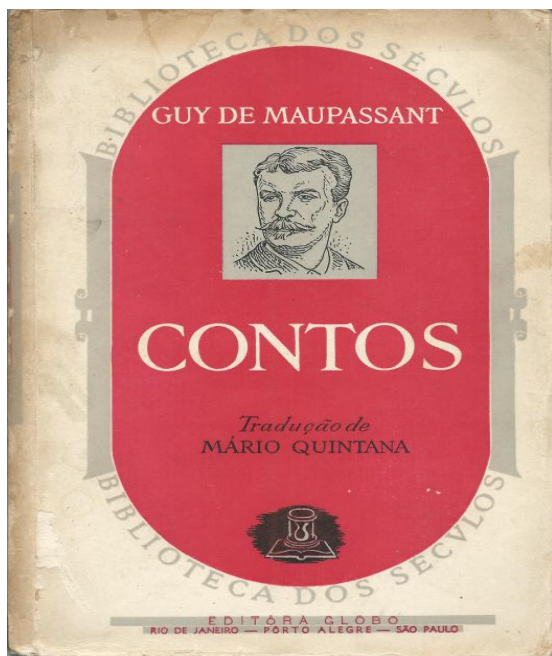


Figura 5

A mesma antologia foi reimpressa em 1958, com capa dura, a qual não traz as ilustrações nem os nomes da capa anterior. Ela é a 4ª impressão e a primeira edição da Editora Globo (Figura 6), conforme apresenta a página de rosto. A primeira impressão data de julho de 1943, a segunda de julho de 1946 e a terceira de setembro de 1955. Todo o restante da antologia é igual à anterior.

A página de rosto (Figura 6) repete o título, o nome do autor, do tradutor, da editora, o seu logotipo e informa que esta é a 3ª edição da obra, além de trazer, na folha anterior, um desenho de Maupassant (Figura 7), que é o mesmo da capa, mas com contornos diferentes. Há uma indicação do nome do autor deste desenho, mas não tem como identificá-lo, pois está imperceptível.

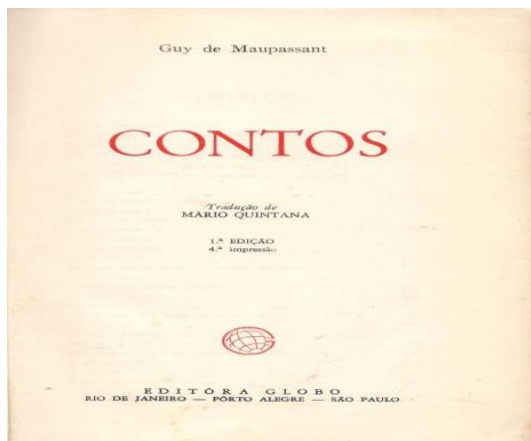


Figura 6

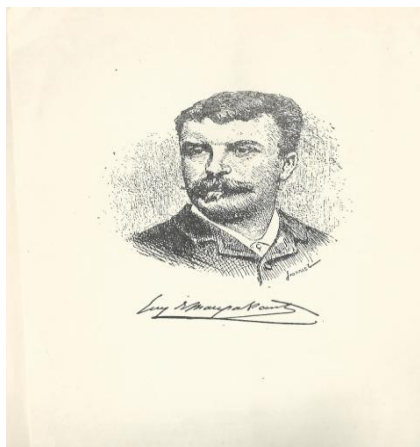


Figura 7

A próxima página vem com as datas das três impressões anteriores a esta analisada, que é de 1958. A primeira impressão data de julho de 1943, a segunda, de julho de 1946 e a terceira, de setembro de 1955. Além da informação de tempo, a página traz uma pequena nota explicando que os direitos exclusivos da tradução pertencem à Editora Globo.

O índice (Figuras 8 e 9), em duas páginas, traz a relação dos quarenta e quatro contos traduzidos e um item chamado *Guy de Maupassant, sua vida e sua obra*. Neste item, que tem sete páginas, um autor não identificado faz um breve resumo sobre a vida do contista francês e transcreve o estudo que, por ocasião da morte de Maupassant, o crítico Émile Faguet publicou na “Revue Bleue”. Nele, o autor começa seu texto dizendo que “Perdemos em Guy de Maupassant o maior romancista de nosso século, ou, caso esta assertiva vos espante um pouco, o romancista realista por excelência”. Ele afirma, no seu estudo, que outros, com efeito, foram realistas, mais poderosos e maiores que Maupassant e que souberam arrebatar e dominar o público. Segundo ele, não o conseguiram com o seu realismo, mas com as suas qualidades exteriores a esse realismo.

Para ele, Maupassant foi o realista que se aplicou à reprodução viva e pitoresca do real, “a tal ponto que o leitor não sabe, e é assim que deve ser, se é a arte de Maupassant, ou unicamente a verdade que se está saboreando” (p.3).

INDICE

<i>Guy de Maupassant</i>	7
Mãe de Sabão	37
A noite	46
Uma noite	53
Um milhão	59
O velho do azeite	65
Cão	70
O velho João	74
Castro de Satal	77
Milhões Malteses	84
Uma página incluída da História	87
A. empalhada	90
Reza dos Rástanos	95
O jurro do Satal	104
Lucoo	114
A. peneta. Tullius (trad. de <i>Castro Permande</i>)	120
Barro Amado	142
A aventura de Walter Schuffa	149
As jóias	150
Em família	160
Recomendação FII (trad. de <i>José Martins</i>)	183
Encosto	194
As irmãs Bonelli	204
Quarenta e Quatro	214
Mis Éclair (trad. de <i>Castro Permande</i>)	230
A. Gonçalves	272
O Instituto	277
Pequeno acidente de viagem	284

Figura 8

Yvette (trad. de Casimiro Fernandes)	287
Baura	346
Mahammed-Prigouille	354
Passeio	361
O barrilete	366
Chili	371
Covardia	380
O vagabundo	387
Uma família	397
Madame Hermet	402
Flora	406
Toine	429
Clochette	437
O sinal	441
Raiosa?	446
Uma venda	453
Mosca	458

Figura 9

Muitas são as razões que influenciam o leitor a se decidir na hora de comprar um livro, uma delas é a orelha. Muitas vezes é mais lida que o próprio livro e pode fazer com que o leitor decida-se ou não pela compra do mesmo. Ela faz parte do apelo comercial da obra e é feita com o objetivo de convidar o leitor a querer ler o livro. As orelhas dos livros podem vir assinadas ou anônimas, esta é uma opção da editora ou do autor do livro.

A *antologia Contos* (a de 1955, em sua 3ª edição e a de 1958 em sua 4ª impressão e a primeira edição) traz em sua orelha esquerda (Figura 10), além do título da antologia, do nome do autor e da editora, um texto que apresenta Guy de Maupassant como o mestre da arte de contar, fecundo em arquitetar histórias e que, como ninguém, possuiu a consumada técnica para narrar histórias. O texto ainda afirma que o grande público o teve como escritor predileto, o que comprova que as grandes obras literárias “não são exclusividade de uma minoria de entendidos”. Os contos e romances de Maupassant tinham uma popularidade de que há poucos exemplos na história. O autor o considera como um verdadeiro clássico do conto, pois foi ele quem deu a forma definitiva a este gênero literário. Para ele, suas novelas breves atingem a perfeição pela nitidez do detalhe, pela originalidade da invenção, e por sua incomparável beleza artística. Ainda neste espaço, há uma referência à publicação da Editora Globo. Na orelha da quarta capa (Figura 11) o texto é retomado e Maupassant é citado como o maior contista de todos os tempos. Ele considerava que Maupassant não

foi superado por nenhum outro escritor deste gênero. O modelo do escritor francês tido como impessoal e objetivo é considerado, pelo autor do texto, como uma virtude a que todos os ficcionistas aspiram, visto que ele contava a sua história sem outra preocupação que a de revelar a escrita verdade, seja esta qual fosse. Maupassant movimentava e acompanhava as suas personagens sem participar das emoções. Ele não passava pelo filtro da moral os textos que escrevia, pois ele retratava os verdadeiros fatos da vida. No final do texto, há uma referência à publicação da Editora Globo. Percebe-se neste paratexto que não há nada sobre a edição, nenhuma referência aos contos pertencentes à obra. Assim, as informações das orelhas se resumem a descrever Maupassant como contista e apresentar as qualidades de seu trabalho de escritor.

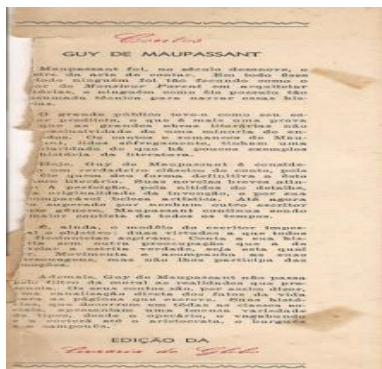


Figura 10



Figura 11

Percebe-se que o texto prepara o leitor para o encontro com o maior contista de todos os tempos, causando, neste, uma expectativa para este encontro, através da leitura da antologia. Exaltar o autor da antologia é uma forma de atrair o leitor para o livro.

Recapitulando:

Capa da Edição de 1955:

Título	Autor	Tradutor	Editora	Coleção	Edição	Data da publicação
Contos	Guy de Maupassant	Mário Quintana	Globo	Biblioteca dos Séculos	3ª Edição	Ø

- ✓ A capa da Edição de de 1955 traz o nome do tradutor, assim, assume, ser uma tradução. A da edição de 1958 é uma capa dura e não tem imagens nem texto escrito.
- ✓ As duas edições pertencem à Coleção Biblioteca dos Séculos, da Editora Globo;
- ✓ As orelhas do livro não se referem à edição nem aos contos traduzidos, também não fala das escolhas tradutórias de Mário Quintana. Elas só descrevem Maupassant.

➤ **Bola de Sebo e outros contos e novelas**

A obra *Bola de Sebo e outros contos e novelas*⁵³, de Guy de Maupassant, traduzida por Lygia Junqueira Fernandes e publicada, em 1970, pela Civilização Brasileira, traz os contos *Bola de Sebo*, *Pensão Tellier*, *Miss Harriet*, *Mademoiselle Fifi*, *O horla* e *A herança*, todos, indiscutivelmente, tidos como obras-primas da ficção universal do autor francês. A leitura desta antologia permite que se tenha acesso a um panorama do que Maupassant escreveu no âmbito da ficção breve.

Ela traz uma ilustração na capa (Figura 12), em preto, branco e violeta (uma mulher com roupas extravagantes e sensuais, representando *Bola de Sebo* e um soldado Prussiano, de costas). As letras estão em violeta, da mesma cor do vestido da prostituta. A identificação da Editora está visível na capa, mas o nome da tradutora não aparece, o que demonstra que a obra não indica ser uma tradução, exceto pelo nome do autor dos contos, um francês, reconhecidamente importante e considerado um dos representantes do realismo francês do século XIX.

No primeiro texto da antologia, Maupassant apresenta a prostituta *Bola de Sebo* e os contextos que favorecem as conveniências sociais, mostra o quanto o homem pode ser cruel para atingir seus objetivos, revela a hipocrisia e a vaidade presente nas classes dominantes, fato tão bem retratado nos contos de Maupassant. Em *Miss Harriet* ele conta a história de um amor não correspondido; em *Pensão Tellier*, ele afirma que os bordéis são necessários; em *Mademoiselle Fifi*, o palco é a guerra e seus horrores. No conto *A herança*, ele fala de um caso de gravidez, traição, dinheiro e tribunais, acentuando o caráter frio, calculista e burocrático da vida em sociedade. O *Horla* é um dos mais conhecidos contos sobrenaturais do mundo.

⁵³ <http://nonleia.blogspot.com.br/2011/01/leituras-11-guy-de-maupassant.html>

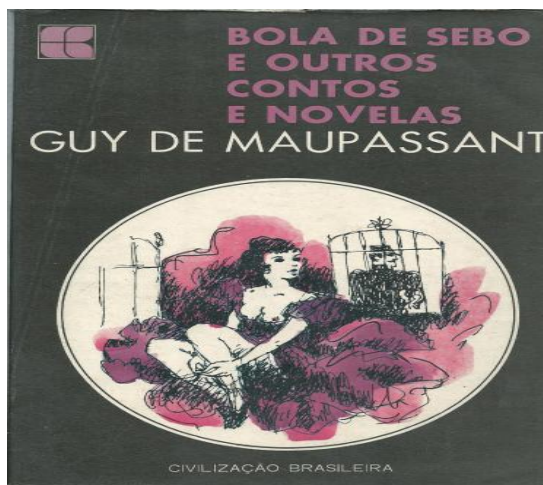


Figura 12

Na página de rosto (Figura 13) vem o nome da tradutora, o nome da antologia, do autor, Guy de Maupassant e da Editora Civilização Brasileira. A apresentação da antologia é feita por Carlos Nelson Coutinho, na qual ele afirma que o leitor, de hoje, não deve apreciar em Maupassant a finura da composição literária, a sua habilidade de narrador e novelista, mas sim observar que essa finura e essa habilidade estão a serviço de uma representação crítico-humanista de um realismo profundo que sabe preservar a humanidade dos valores cujo objetivo deve ser manter a dignidade de homens (COUTINHO, 1970:1). Para ele, o realismo francês, do qual Maupassant foi um dos representantes, contribuiu decisivamente para que as experiências humanas da instauração do capitalismo, com suas grandezas e suas misérias, se inscrevessem na autoconsciência da humanidade. Coutinho considera que o espírito humanista está presente nesta obra de Maupassant.

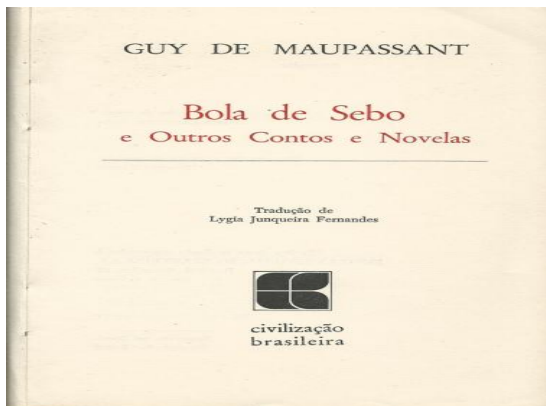


Figura 13

O índice (Figura 14) traz a apresentação da obra e os seis contos traduzidos. As orelhas do livro trazem um texto, de Mário da Silva Brito, que fala da vida e obra de Maupassant. O autor afirma que Maupassant ergueu um vasto mundo de paixões, povoado de seres vivos que estão à procura de dinheiro, de poder, de prazeres, retratando “um mundo mesquinho e egoísta, trágico e cruel – um mundo que ainda aí está”.

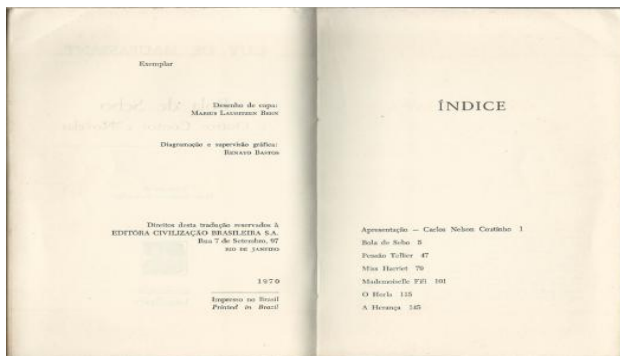


Figura 14

Quadro recapitulativo

Antologia	Autor	Tradutor	Editora	Data da publicação
Capa	Guy de Maupassant	∅	Civilização Brasileira	∅
Página de Rosto	Guy de Maupassant	Lygia Junqueira Fernandes		∅

Observa-se que a capa e a página de rosto não trazem a data da publicação da antologia e que o nome do tradutor aparece apenas na página de rosto.

3.2.2. Antologias publicadas na segunda metade do século XX

➤ **O Horla e outras histórias**

O livro *O Horla e outras histórias* foi impresso no Brasil em 1986, pela L&PM Editores Ltda. Com tradução, prefácio e seleção de textos de José Thomas Brum.

Em seu estudo sobre paratexto, Gérard Genette (2009:145) chama de prefácio “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede”. Ele também considera o posfácio uma variedade de prefácio. Segundo o autor, a lista de parassinônimos é muito longa: “*introdução, prefácio, nota, notícia, aviso, apresentação, exame, preâmbulo, advertência, prelúdio, discurso preliminar, exórdio, proêmio*”. Para posfácio ele cita: “*epílogo, pós-escrito, remate, fecho e outros*” (Ibidem, p. 145). O prefácio do livro (BRUM, 1986:8) foi escrito em 1985, um ano antes de sua publicação. Nele, o autor/ tradutor, diz que os contos reunidos neste volume se inserem em um gênero literário específico: o fantástico. Para ele, os contos fantásticos “não se distinguem pelos temas de que tratam, mas pela atmosfera criada em torno de um acontecimento; eles pintam ‘uma existência habitada pela inquietude’” (Ibidem, p.8). Os contos fantásticos, que aparecem desde o início da carreira de Maupassant “são aqueles onde existe ‘a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais face a um acontecimento aparentemente sobrenatural’”⁵⁴. Brum (1986:10) considera Maupassant pintor mais que fotógrafo e afirma que ele narra os acontecimentos com uma

⁵⁴ TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Ed. Perspectiva. 4ª ed. : São Paulo, 2012.

impessoalidade original – “sem aclará-los demais e sem obscurecê-los com imagens”.

A capa da antologia (Figura 15) é uma arte de um conhecido artista plástico brasileiro, Luis Carlos Coutinho, o Caulos⁵⁵. Ele nasceu em Araguari, em 1943. No final dos anos 60 decidiu abandonar a Marinha Mercante e assumiu a vocação para o desenho. Cartunista e pintor, ele trabalhou como desenhista nas grandes publicações brasileiras e no exterior, dentre elas, o Jornal do Brasil, Rio de Janeiro e New York Times. Com o surgimento do “O Pasquim”, Caulos levou alguns de seus desenhos para o editor Jaguar conhecer. Jaguar acabou, na ocasião, comprando três trabalhos. Dois anos depois deste episódio, ele foi contratado como diretor de arte do conhecido semanário socialista; assim, ele fez parte da grande revolução da imprensa brasileira.

Como artista plástico ele fez quase uma dezena de exposições individuais no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Galeria Bonino e outras tantas coletivas no Brasil e no exterior. Publicou *Só dói quando eu respiro* (L&PM, 1977), *Errar é humano* (L&PM, 1978), *Vida de Passarinho* (L&PM, 1989), *A última flor amarela* (L&PM, 1994), *Caulos, pinturas* (L&PM, 1998) e *O princípio e o fim* (L&PM, 2001).

⁵⁵ <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/caulos/9594>
http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=104
<http://www.caulos.com/perfil/> Acesso em 28/05/14.

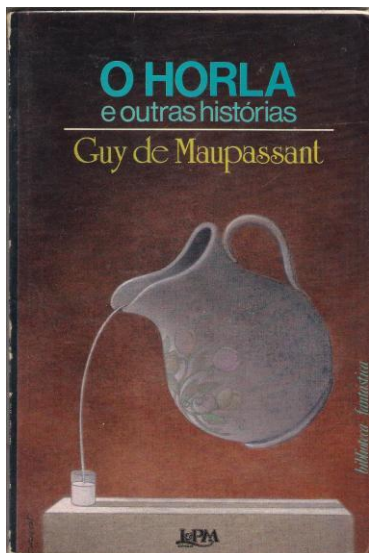


Figura 15

Na capa desta antologia não é feita nenhuma menção ao tradutor, trazendo apenas o título *O Horla e outras histórias* e o nome do autor Guy de Maupassant. O nome do tradutor só aparece na página de rosto, assim, o texto não assume, de saída ser uma tradução. No alto da capa, encontra-se o título, seguido da ilustração de uma jarra que derrama água, ou talvez leite num copo, referindo-se ao conto *O Horla* quando o personagem percebe que numa determinada noite ele deixa uma jarra cheia de água para beber mas, ao acordar, depois de um pesadelo, vai tomar água e percebe que a jarra está vazia. E ele fica se questionando: Como alguém poderia tê-la bebido se não havia mais ninguém na casa? Em seguida vem o nome da Editora, na parte inferior da capa. Nela, consta também a indicação de que o volume pertence à Biblioteca fantástica da L&PM.

Os textos de orelhas são, geralmente, similares aos de quarta capa. Eles trazem informações sobre o autor, a obra, ou fazem propaganda da edição, da coleção, da editora (CRUZ, 2007:113). A primeira orelha do livro (Figura 16) fala um pouco do contista francês e apresenta a obra. Segundo os editores, alguns dos temas presentes nos contos reunidos no volume “são clássicos na literatura fantástica: a reencarnação, a aparição fantasmática, o objeto-prova que testemunha a ruptura da ordem universal, a passagem do acontecimento extraordinário”. Para eles, na obra de Maupassant o excepcional se

confunde com o cotidiano e se expressa através dos objetos comuns e ele, Maupassant, é tido como um dos maiores criadores da literatura fantástica, literatura das origens, dos mitos, discurso do imaginário e da incerteza visada como convicção. A segunda orelha (Figura 17) divulga outros lançamentos da L&PM Editores, além do endereço da mesma.

A estrutura interna da edição traz, na primeira página, o nome do conto que foi mais traduzido, nas antologias pesquisadas: *O Horla*. A segunda página traz uma foto de Maupassant, sem nenhuma referência à mesma. Na página de rosto aparecem o nome do autor acompanhado do título da obra e da indicação do tradutor, que fez, ao mesmo tempo, o prefácio e a seleção dos textos: José Thomaz Brum. No final da página, a Editora.

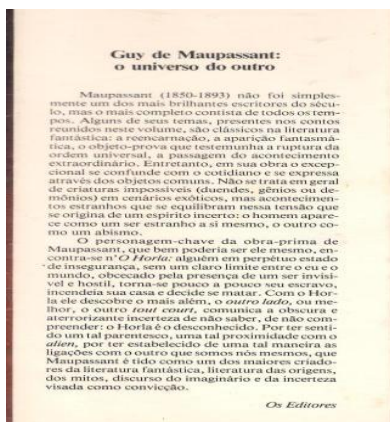


Figura 16

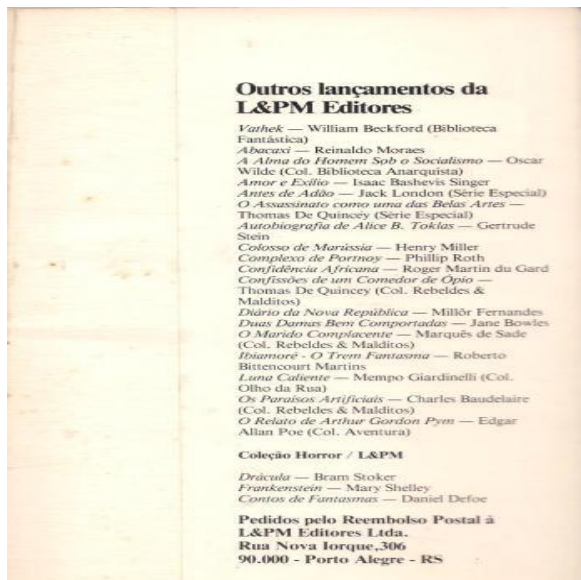


Figura 17

O índice (Figura 18) desta edição contém um prefácio, a relação dos onze contos traduzidos, sendo que *O Horla* vem em suas primeira e segunda versões, as notas do tradutor e a cronologia. As notas do tradutor se resumem às definições de palavras usadas na tradução. Por exemplo, *Horla*, que segundo o tradutor é uma palavra inexistente na Língua Francesa e sobre a qual há várias hipóteses sobre ela: uma criação fonética bem sucedida, mero fruto da imaginação do autor; uma combinação de sílabas que não correspondem a nenhuma palavra conhecida; um nome dado a um ser fantástico: o *Hors-là* (o do Além, o de Lá), talvez a hipótese mais lógica.

Índice

Prefácio	7
O Leão	11
Magnetismo	17
O Medo	22
Aparição	29
A Mãe dos Monstros	37
Carta de um Louco	43
Um Caso de Divórcio	49
O Horla (Primeira Versão)	56
O Horla (Segunda Versão)	65
A Morta	89
O Homem de Marte	94
Notas do Tradutor	101
Cronologia	102

5

Figura 18

As informações da quarta capa (Figura 19) desta edição estão divididas em dois textos: o primeiro apresenta um fragmento do conto *O Horla* extraído da segunda versão, página 83. A escolha deste capítulo deve-se ao fato de falar no Rio de Janeiro e São Paulo. O segundo, um resumo sobre a vida de Maupassant que vem seguido do símbolo da Editora. Geralmente, o texto de quarta capa é destinado à apresentação publicitária da edição, mas neste caso, não há nenhuma menção a este respeito.

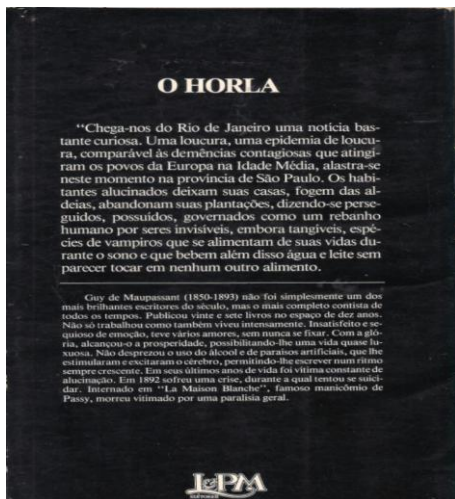


Figura 19

Recapitulando:

- ✓ A capa não traz o nome do tradutor, somente o título, o nome do autor e da Editora;
- ✓ A ilustração da capa corresponde a um trecho do conto *O Horla*;
- ✓ As notas do tradutor se resumem às definições de palavras usadas na tradução;
- ✓ o texto de quarta capa, que geralmente, é destinado à apresentação publicitária da edição, não faz nenhuma menção a este respeito.

➤ **Bola de Sebo e outros contos**

A antologia *Bola de Sebo e outros contos* foi impressa em 1986, pela Editora Globo. O fato de a obra pertencer à “Biblioteca dos Séculos” é indicativo de que se trata de um volume importante, visto que esta foi uma ideia de Érico Veríssimo para criar uma coleção de clássicos, com autores consagrados. Analisando seus índices morfológicos, percebe-se que ela traz na capa (Figura 20), que é creditada a Rafael Siqueira, o título da obra, o nome do autor, a coleção à qual pertence e o nome da editora com seu logotipo, e os mesmos estão impressos na lombada do livro. Ela também traz um desenho do autor francês. Não há referência ao ano e ao local da publicação, nem a

indicação do nome do tradutor, o que caracteriza que o texto não assume ser uma tradução, apesar de o nome do autor sugeri-la. Somente na página de rosto (Figura 21), sabe-se que se trata de uma tradução.

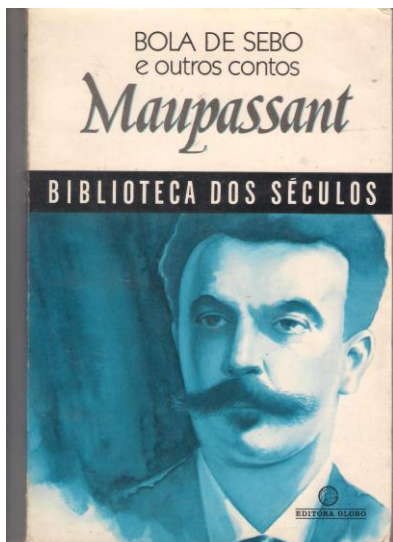


Figura 20

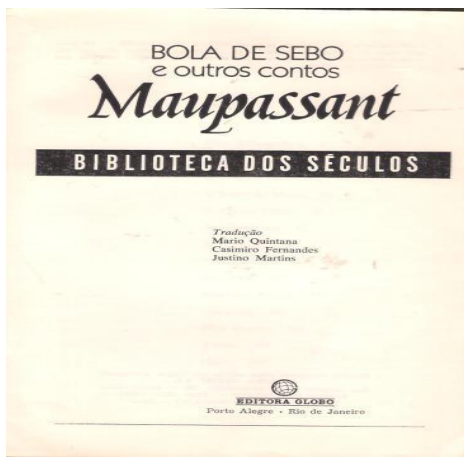


Figura 21

Na quarta capa figura o que Genette denomina de *Press-release*. Ela comporta um pequeno texto que enfatiza que os melhores contos do mestre do gênero estão reunidos neste volume e discorre em dez linhas sobre o conto *Bola de Sebo*. Em três linhas vem um texto sobre o local e a data de nascimento e morte de Maupassant. Nas orelhas do livro (Figuras 22 e 23) vem um texto que fala sobre Maupassant autor e discípulo de Flaubert, apresentando a diferença entre eles: Flaubert romancista e Maupassant contista. Mas apesar de diferentes, pode-se descobrir as semelhanças e influências que ele tinha com seu mestre. Um dos ensinamentos de Flaubert foi que Maupassant, como escritor, *observasse, tornasse a observar e observasse outra vez* (grifo meu). Como Maupassant seguiu à risca esse conselho, “seus contos sempre desenvolveram um assunto digno de epopéia. Assim, como garantem os críticos literários, seus contos são romances e seus romances são contos”.



Figura 22

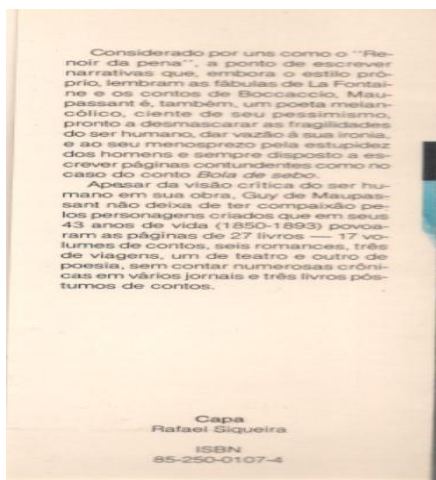


Figura 23

Resumindo:

Capa

	Título	Autor	Menção do tradutor	Editora	Coleção	Data da publicação
	Bola de Sebo e outros contos	Guy de Maupassant	Ø	Editora Globo	Biblioteca dos Séculos	Ø

Página de rosto – nela aparecem os elementos da capa acrescidos do nome dos tradutores e do local.

Título	Autor	Menção do tradutor	Editora	Coleção	Local	Data da publicação
Bola de Sebo e outros contos	Guy de Maupassant	Mário Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Editora Globo	Biblioteca dos Séculos	Porto Alegre – Rio de Janeiro	Ø

Esses quadros evidenciam:

- ✓ Que, ao observar a capa, é possível perceber que a tradução não é uma tradução assumida, porque não contém o nome do tradutor;
- ✓ Somente na página de rosto constata-se ser uma tradução

➤ **Bola de Sebo e outros contos**

A antologia que tem por título *Bola de Sebo e outros contos* foi publicada pela Editora Globo em 1987. Ela traz, em sua capa (Figura 24), o título da obra, o nome do autor e a referência à coleção *Clássicos Globo*, mas nela não figuram os nomes dos tradutores, nem fica esclarecido de qual língua ou de qual cultura esta antologia é traduzida. Nada indica, à primeira vista, que se trata de uma tradução. Os nomes dos tradutores não aparecem na página de rosto (Figura 25), o que não é comum nas traduções analisadas. Em geral, nas antologias de textos traduzidos, de Guy de Maupassant, os nomes dos tradutores vêm sempre na página de rosto. O único momento em que os nomes aparecem é no verso da página de rosto (Figura 26), mesmo tendo como um dos tradutores Mário Quintana, importante personalidade da literatura brasileira, poeta, tradutor e jornalista, considerado um dos maiores poetas brasileiros do século XX. O sumário vem em seguida. A terceira página traz o título e o nome do autor. Esta edição não traz nenhuma apresentação da obra nem divulgação de outras obras da editora. O livro apresenta, no final, uma cronologia de duas páginas (Figuras 27 e 28) sobre a vida e a obra de Maupassant.

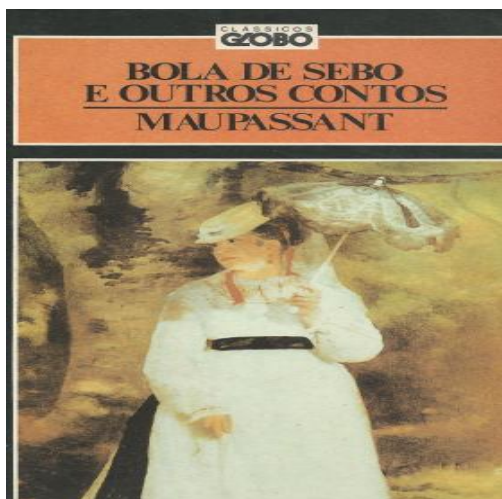


Figura 24

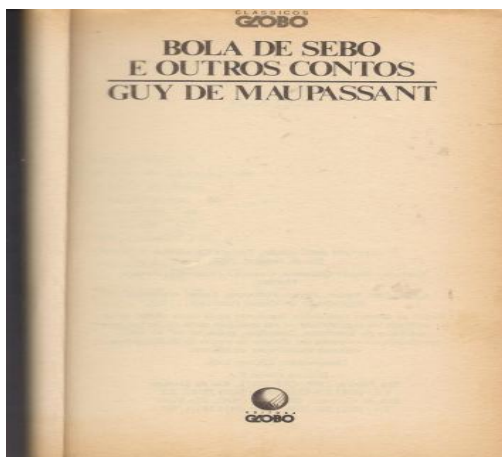


Figura 25

A capa de um livro, como se sabe, tem suas especificidades: promover, apresentar e notabilizar o livro. A capa desta edição traz uma clássica imagem da pintura impressionista francesa: *Lise à l'ombrelle*, um retrato de corpo inteiro de Lise Tréhot (1848-1922), amante e modelo de Auguste Renoir (1841), renomado pintor impressionista

francês. No retrato, Lise está em pé, sob as folhagens de uma clareira na floresta de Fontainebleau, perto de Chailly-en-Bière. Ao fundo do quadro, Renoir marcou suas iniciais sobre o grande tronco de árvore, um símbolo de sua associação com o modelo. Renoir pintou este quadro no início de sua carreira, em 1867. Hoje, ele está exposto no Museu Folkwang de Essen, na Alemanha.

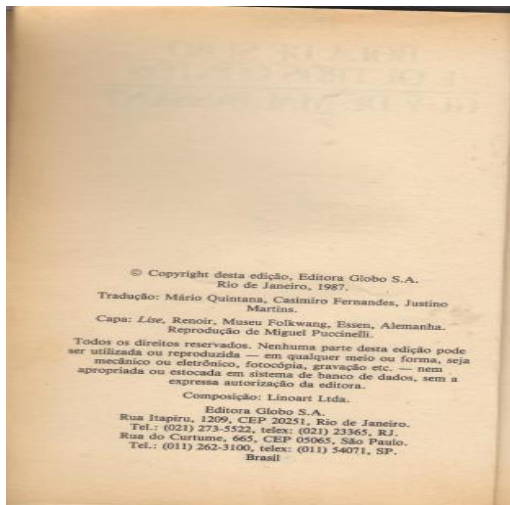


Figura 26

CRONOLOGIA

1850 A 5 de agosto, nasce Henri René Albert Guy de Maupassant, no castelo de Miromesnil, Normandia, filho de um pai violento e dissoluto, descendente de aristocratas falidos, e de uma mãe neurótica, descendente de plebeus.

1851-62 Após a separação dos pais, passa a infância sob os cuidados da mãe, que conhece Gustave Flaubert e cedo transmitiu ao filho seu gosto apaixonado pela literatura. Neste período, crescendo entre o campo, o mar e a leitura de clássicos, Maupassant viveu seus anos mais felizes, pois desfrutava de grande liberdade.

1865 Sua mãe manda-o para o seminário de Yvetot. Sentindo-se isolado, rejeita a companhia dos colegas. Alimenta uma antipatia pelos costumes religiosos que perduraria pelo resto de sua vida. Após cometer algumas faltas graves, é expulso e transferido para o Liceu de Rouen, onde se prepara para a profissão de advogado.

1870 Durante a guerra, engaja-se na seção de obstacimento do exército francês. O episódio da invasão prussiana da Normandia estaria presente em boa parte de sua vasta obra. Nesse período, lê Schopenhauer, escreve poemas de amor e sonha em se vingar dos alemães.

1871-79 Após o armistício, rumo para Paris. Aceita um emprego no Ministério da Educação Pública, onde se coloca mais como um espectador que conhece a vida burocrática do que como um funcionário exemplar. Gustave Flaubert estimula no jovem escritor o amor à arte, os princípios esté-

Figura 27

ticos do realismo, e lhe indica as melhores leituras. Pelas mãos de seu protetor, torna-se íntimo dos valores e ideais da época. Toma contato com o mundo literário francês: conhece Zola, Daudet, Huysmans. Por meio de suas novas amizades, passa a colaborar com diversos jornais.

- 1880 Publica seu primeiro livro, *Des Vers*, reunião de poesias escritas durante os últimos oito anos, e *Bola de Sebo*, incluído no livro de contos *Les Sœurs de Médau*, com vários outros. O sucesso o leva a abandonar emprego e projetos políticos. Morre Flaubert. Festejado por autores da época, passa a dedicar-se com afinco à literatura, rejeitando convites para se iniciar na vida dos salões e teatros da moda. Constrói uma residência na Normandia com os rendimentos proporcionados por seus livros. Lá, entrega-se à criação literária e a passios marítimas no litoral que adquirira.
- 1881 *La Maison Tellier*. Viagem à Argélia.
- 1882 *Mademoiselle Fifi*. Viagem à Inglaterra.
- 1885 *Contes de la Béauce, Une vie*.
- 1884 *Au soleil, Clair de lune, Le foup, Miss Harriet, Mon oncle Jules, Les soeurs Rondoli*.
- 1885 Surgem as primeiras manifestações de suas doenças nervosas, semelhantes às que levariam seu irmão Hervé à loucura e à morte, aos 33 anos. Para acalmá-las, entrega-se ao consumo de morfina e bexina. *Bel-Arsi, Contes de jour et de la nuit, Tontie*. Conhece a Itália.
- 1886 *Monsieur Parent, La petite roque*.
- 1887 *Le Horla, Mont-Oriel*.
- 1888 *Pierre et Jean, Le rosier de Madame Haxou*.
- 1889 Agravam-se suas crises. Tomado por alucinações, expressa-se com incoerência. *Fort comme la mort, La main gauche, Sur L'eau*.
- 1890 *L'inutile beauté, Notre coeur, La vie errante*. É enviado aos Alpes e a Côte d'Azur para tratamento.
- 1891-92 Cede completamente à loucura. Durante uma das crises, tenta cortar a garganta com uma navalha.
- 1893 Após dezito meses de quase total inconsciência, é internado por amigos no manicômio La Maison Blanche, em Passy. A 6 de julho, morre vitimado pela paralisia geral.

Figura 28

O texto de quarta capa (Figura 29) traz texto resumido em dezenove linhas que retrata um pouco da obra do escritor francês, e mostra como ele apreciava escrever “contos mordazes e envolventes”. O texto tem o seu aspecto comercial ao afirmar que a edição é um espelho fiel do mundo e que foi escrito com uma linguagem clara e precisa, além de considerá-la um exemplar da literatura. Este texto é um apelo ao leitor para a leitura do livro.

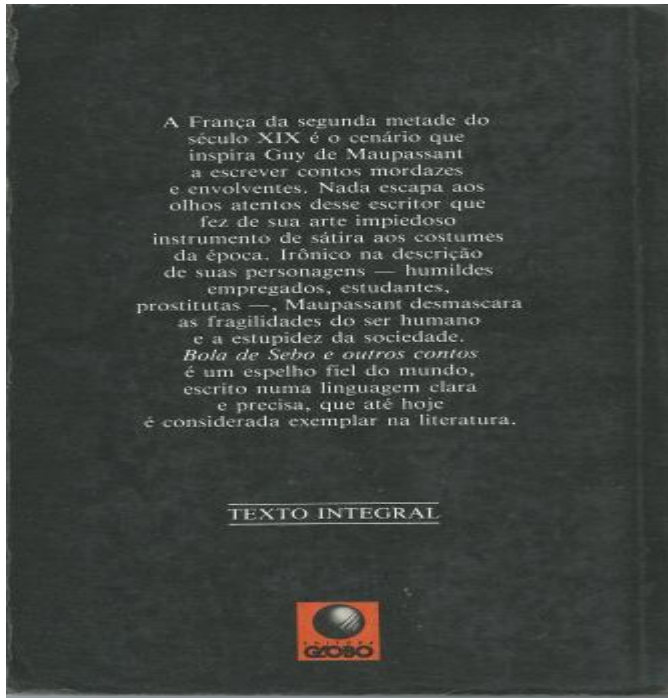


Figura 29

Recapitulando:

- ✓ A capa não traz o nome do tradutor, somente o título, o nome do autor e da Editora;
- ✓ Os nomes dos tradutores não aparecem na página de rosto;
- ✓ O único momento em que os nomes aparecem é no verso da página de rosto;
- ✓ Esta edição não traz nenhuma apresentação da obra nem divulgação de outras obras da editora.

➤ **Contos de Guy de Maupassant**

A antologia analisada *Contos de Guy de Maupassant*, lançada pela Editora Cultrix, em 1987, contém duzentas e quarenta e oito

páginas, e reúne 27 contos e um pequeno ensaio, que abre o volume, sobre o escritor. A introdução, seleção, o ensaio e tradução destes contos foram confiados à Ondina Ferreira. O livro traz, em sua capa colorida (Figura 30), o título, o nome do autor e da Editora. O desenho da capa é creditado a Mogens Ove Österbye. O nome de Guy de Maupassant vem na capa como autor do livro de contos, mas nenhuma menção é feita à tradutora, não assumindo, inicialmente, ser uma tradução.

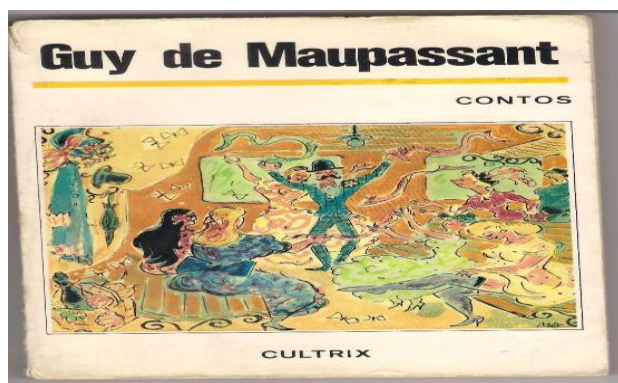


Figura 30

A página de anterosto que, segundo Genette, é o local da dedicatória, traz somente o título do livro. A página do verso desta, contém a ficha catalográfica (Figura 31). A página de rosto (mesma figura) apresenta o autor, o título, o nome da tradutora, a editora e o local, além de uma gravura, mas nenhuma menção sobre quem a fez.

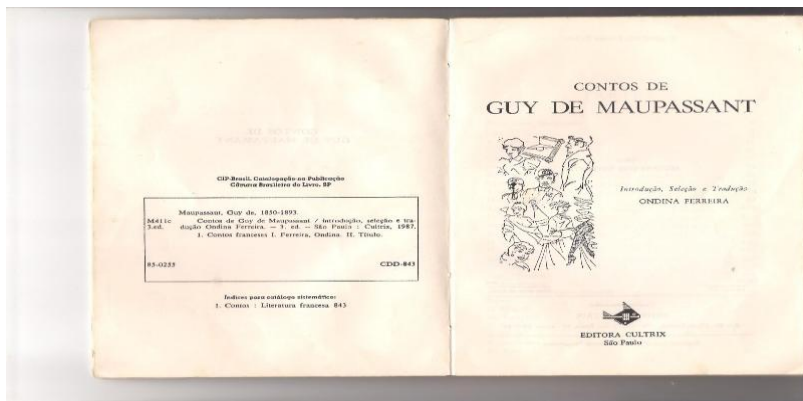


Figura 31

O índice (Figura 32) vem em seguida e lista a nota sobre Maupassant e a relação dos contos que, segundo Ondina Ferreira, foram omitidos durante a Seleção, alguns dos mais “festejados”, como por exemplo, “Bola de Sebo, O colar de diamantes, O Horla”, entre outros. Ela preferiu incluir na coleção outros menos divulgados como “A Máscara e Meu Tio Jules”, entre outros.

INDICE

Nota Sobre Maupassant	9
Luar	15
A Máscara	21
O Albergue	31
Um Sarau	45
Drama Humilde	55
Mademoiselle Perle	61
Quem Sabe?	77
A Estufa	89
Meu Tio Jules	95
Aparição	103
Uma Surpresa	111
Alexandre	119
O Medo	125
O Tio Amable	133
Uma Comsoda	153
Uma Paisada	159
A Noite	167
Uma "Vendetta"	173
O Abandonado	179
A Aventura de Walter Schnaffa	189
Pierrô	197
O Afogado	203
No Campo	211
O Armistício	219
A Morta	227
A Confissão	233
Na Água	241

Figura 32

Geralmente, o prefácio é um texto introdutório de um livro, onde se descreve, de forma sucinta, o objetivo da obra, sua estrutura e conteúdos, além de considerações sobre o autor. Ele também exhibe o que será introduzido nos capítulos. Às vezes, um prefácio, contém algumas impressões de terceiros sobre a obra. Sobre isto, Genette (2009:175) diz que

Uma pesquisa prévia, [...] convenceu-me da questão, aliás altamente previsível, de que todos os prefácios não “fazem” a mesma coisa – em outras palavras, as funções prefaciais diferem conforme os tipos de prefácio (GENETTE, 2009:175)

A autora do prefácio, afirma que a sua “escolha não obedece a outro critério a não ser o de apresentar através da diversidade das histórias, os múltiplos aspectos do talento de Guy de Maupassant” (FERREIRA, 1987:11,12), pois para ela “as histórias dos contos são tão diferentes entre si que, por assim dizer, cada uma delas constitui um gênero à parte, tornando embaraçosa a tarefa de ordená-las dentro de uma classificação mais ou menos rígida”. Algumas se referem à gente do campo, outras se revestem de uma aura de ternura, ou de poesia, algumas reproduzem delírios e alucinações, outras descrevem situações cômicas e pitorescas.

Algumas histórias, segundo a prefaciadora, se enriquecem com lances de tragédia grega, outras põem no palco a guerra e seus imprevistos, outras, ainda, apenas se ocupam com o coração humano e suas incoerências. Drama, comédia, farsa, nelas encontram-se todos os coloridos, todos os ritmos, todos os temas, assinalados pelo mesmo cunho de autenticidade. Ferreira faz também um breve relato dos contos.

Para Cruz (2007:102) tanto as imagens quanto os textos que compõem os paratextos devem ser lidos considerando sua duplicidade: a apresentação da obra ao leitor, com informações sobre o autor e a propaganda da editora e da edição. Os textos da quarta capa têm esta duplicidade, visto que estão destinados à apresentação publicitária da edição e são considerados por Patrícia Horta (2002:63) como “um recurso propagandístico, que procura divulgar as qualidades de uma obra com vistas a um determinado público”. Nesta perspectiva, ela aponta que as características em relevo na quarta capa podem

“determinar o horizonte de expectativas do futuro leitor” (Ibidem, p.64). Neste antologia, tem-se, na quarta capa (Figura 33), além do título, quatro parágrafos.

No primeiro parágrafo ela traz um breve relato da vida de Maupassant. O segundo parágrafo destaca a fecundidade de Maupassant que surpreende até os que estudam a sua obra. Ele ressalta a facilidade com que o autor francês escrevia e como ele sabia transformar pequenos episódios em contos perfeitos na forma e no conteúdo. Ainda neste parágrafo, Maupassant é considerado o grande mestre do conto, pela variedade e originalidade dos temas, pelo poder descritivo e agudeza de observação. O terceiro parágrafo apresenta a antologia e a editora. No quarto e último parágrafo a tradutora e autora do pequeno ensaio é apresentada.

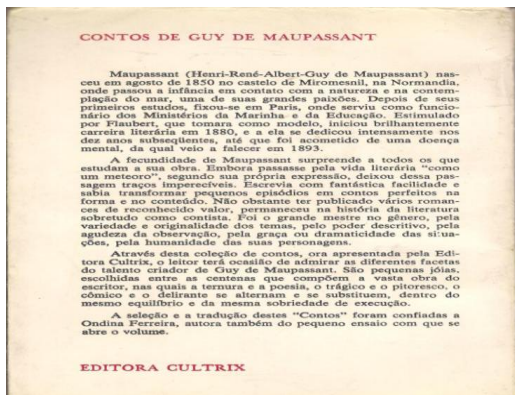


Figura 33

Recapitulando:

- ✓ O livro traz, em sua capa colorida (Figura 30), o título, o nome do autor e da Editora;
- ✓ O nome de Guy de Maupassant vem na capa como autor do livro de contos, mas nenhuma menção é feita à tradutora, não assumindo, inicialmente, ser uma tradução;
- ✓ A página de rosto apresenta o autor, o título, o nome da tradutora, a editora.

➤ **Madame Hermet e outros contos fantásticos**

O próximo livro analisado é *Madame Hermet e outros contos fantásticos*, publicado pela Editora da UFSC, em 1999, uma edição bilíngue que traz uma seleção de nove contos fantásticos do contista francês. Ele tem 230 páginas, em sua capa (Figura 34) reproduz a obra de Rodrigo Haro, artista plástico surrealista, muralista, pintor, desenhista, gravador, escritor, poeta e membro da Academia Catarinense de Letras. Nascido em Paris, em 1939, quando o seu pai, um consagrado pintor catarinense, morava na França, confecciona painéis de pequenos mosaicos. Diversos deles encontram-se no prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.

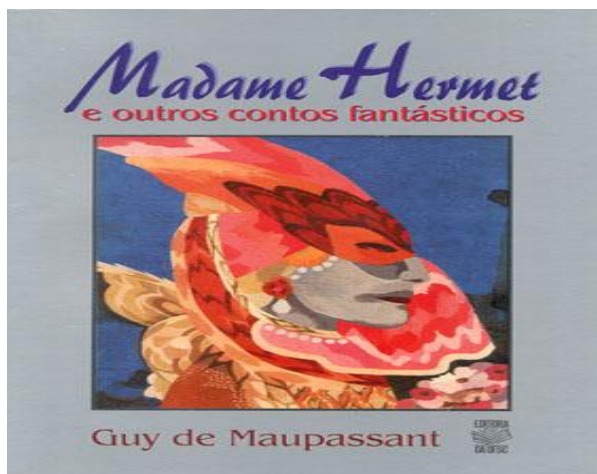


Figura 34

Para iniciar a análise, apresento, a capa do livro escolhido. Nela, figura o título que vem em dois tamanhos, cores e fontes diferentes, além de aparecer na lombada da mesma forma. O nome de Guy de Maupassant vem na capa como autor do livro de contos, mas nenhuma menção é feita às tradutoras (Carmen Lúcia C. L. Gerlach e Maria José W. Salles) não assumindo, a edição, inicialmente, ser uma tradução. A página do anterosto que, segundo Genette (2009:34), é o local da dedicatória que traz somente o título, em alguns casos, resumido, apresenta o título completo. A página do verso desta, contém informações editoriais tais como a Editora, o local, o conselho editorial e as Instituições que apoiaram a publicação.

A página de rosto (Figura 35) apresenta o autor, o título, o nome das tradutoras, a editora, o local, o ano, além de explicar que é uma edição bilíngue. Apesar de constar o nome das tradutoras, nada indica que se trate de uma tradução da língua francesa, apesar de o nome de Maupassant nos fazer inferir esta informação. No verso da página de rosto lê-se sobre a publicação em geral, como por exemplo, que os contos originais encontram-se no livro *Contes fantastiques complets de Guy de Maupassant*, o endereço da editora, o responsável pela capa, editoração, supervisão, revisão e ficha catalográfica. A sétima página, antes do sumário, traz uma foto, em preto e branco, do túmulo de Maupassant, mas nenhuma menção ao local onde este se encontra. O sumário vem em seguida e lista o prefácio, a nota das tradutoras e a relação dos contos em francês e em português, que são dez contos em francês e dez em português. O conto *Le horla* foi traduzido nas duas versões (1886 e 1887).



Figura 35

O prefácio de doze páginas que precede a nota das tradutoras é assinado por uma das tradutoras do livro, Carmen Lúcia Gerlach. Para ela, o assunto do livro e Maupassant não se opõem em suas histórias, mas sim, confundem-se. Ela apresenta o autor e algumas de suas obras, além de explicar o porquê de reunir os contos fantásticos num livro, justificando que são contos que reproduzem delírios e alucinações presentes na vida do autor como também a sua atração pelo estranho, pelo mistério.

Ainda no prefácio, a tradutora fala sobre as várias interpretações da palavra *Horla*, título de um dos contos, que ela considera enigmático e que é interpretado por Louis Forestier como anagrama de “Choléra”, e outras interpretações, que não anulam a associação com o cólera, mas que ligam *Horla* à palavra *Horlville*, um lugarejo na Normandia, a *horsin*, que quer dizer estrangeiro no dialeto normando, a *Horka*, nome relacionado ao planeta Saturno, no Egito, levando a crer que Maupassant nutria amor pela astrologia. Outras interpretações são citadas e uma ordem cronológica dos contos fantásticos presentes no livro é apresentada. Após toda apresentação do livro, Carmen nomeia os índices geradores do fantástico na obra de Maupassant, dos quais cito: “ligação entre contos fantásticos e loucura, influência do niilismo de Schopenhauer, fim de século, espírito decadente, entre outros”. A autora ainda afirma que Maupassant sentia perturbações oculares, paralisia progressiva, sífilis mal curada, fazia abuso do éter e uso do ópio, etc.

A próxima página é a nota das tradutoras, na qual elas se apresentam como estudiosas de Maupassant, autoras de ensaios e que se esmeraram em fazer uma tradução que fosse a mais fiel possível ao intento do mestre, portanto, optaram por uma tradução literal. Elas examinaram as traduções de contos já existentes e perceberam que alguns tradutores usaram um registro de língua elaborado, enquanto Maupassant escolheu utilizar um léxico que recaí sobre palavras simples. Além do agradecimento à Editora da Universidade que publicou o livro, as tradutoras explicam que o título do livro se deu pelo impacto causado pela primeira leitura de *Madame Hermet*, afirmando que são poucos os contos “em que enlouquece uma tão bela figura feminina”.

Em seguida à nota das tradutoras, surge uma página com um retrato de Maupassant, em aquarela, pintado por Henry Gerveux e Jean-Batiste Guth, apesar de ele considerar que a escrita deveria ser o único peso de sua glória e não querer exibir o seu retrato. Logo após a nota das tradutoras, os contos aparecem, em francês e em português.

A quarta capa apresenta um resumo da vida do autor e informações sobre suas obras, mas não há nenhuma informação sobre a tradução, as tradutoras nem sobre o editor. Trata-se de um texto de vinte e seis linhas sugerindo que a doença que aniquilou o autor influenciou na sua escrita, pois quando os primeiros sintomas apareceram ele estava sujeito a alarmantes desvios da imaginação. No final da quarta capa há uma menção ao apoio cultural recebido para a publicação do livro, além do código de barras com o ISBN do livro. Nas orelhas do livro, aparece

um texto que fala sobre a vida de Maupassant e um pouco sobre sua obra.

Discutir os elementos paratextuais do livro de contos fantásticos de Maupassant me fez refletir sobre a importância do espaço que o tradutor e o (s) editor (res) têm para discorrer sobre o processo tradutório e sobre a edição do livro, respectivamente, e onde encontro, também, as respostas para as dúvidas que envolvem este processo. Os paratextos de um livro permitem ao leitor enriquecer as informações que ele tem ou ainda acrescentar às que ele não tem sobre o autor, as suas obras além do momento vivido por ele quando da sua escrita.

Recapitulando:

- ✓ nenhuma menção é feita às tradutoras (Carmen Lúcia C. L. Gerlach e Maria José W. Salles) não assumindo, a edição, inicialmente, ser uma tradução;
- ✓ A página de rosto apresenta o autor, o título, o nome das tradutoras, a editora, o local, o ano, além de explicar que é uma edição bilíngue;
- ✓ O sumário lista o prefácio, a nota das tradutoras e a relação dos contos em francês e em português, que são dez contos em francês e dez em português;
- ✓ O conto *Le horla* foi traduzido nas duas versões (1886 e 1887);
- ✓ A nota das tradutoras menciona dados da tradução.

3.2.3. Antologias publicadas no século XXI

➤ **As grandes paixões**

A antologia *As grandes paixões* publicada pela Editora Record em 2005 reúne, em quatro partes, os contos e as novelas de Guy de Maupassant. A primeira parte, *As pequenas manobras* reúne textos que falam da invasão prussiana, da guerra, da pesca e da caça. A segunda parte, *Por trás da máscara* aborda a relação cidade-campo. *A loucura e alienação* traz as duas versões do *Horla*, e *As libertinas ingênuas* traz os mais interessantes tipos femininos existentes na grande burguesia francesa do século XIX. A obra faz parte da *Coleção Grandes Traduções*,⁵⁶ que reúne livros fundamentais - de ficção e não-ficção - que nunca foram lançados no Brasil, que estão há décadas fora de

⁵⁶ http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=22046 Acesso em 20/01/2014.

catálogo ou tiveram uma circulação restrita. A ideia da coleção é reapresentá-los ao mercado em edições traduzidas e comentadas pelos melhores profissionais em atividade no país. A seleção dos textos e a tradução foram feitas por Léo Schlafman. Na capa (Figura 36) aparece nome do tradutor, mas em letras muito pequenas e em cor clara que dificulta a visibilidade. Há uma imagem de Maupassant, outra de várias pessoas reunidas, como se estivessem num salão de festas. É uma imagem colorida que sobrepõe um texto escrito em português.

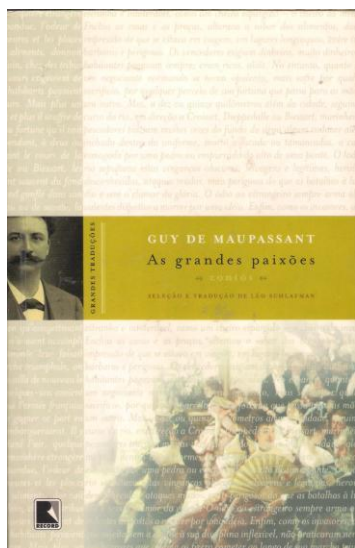


Figura 36

A quarta capa (Figura 37), que tem uma imagem muito distorcida, apresenta duas considerações sobre Maupassant, uma de Otto Maria Carpeaux e outra de Flaubert. Carpeaux considerava que “Maupassant acreditava saber quem tem razão. Não aceitou a fantasia, mas disse a verdade. (...) Não tinha filosofia nem ideologia, nem ideais nem fé nenhuma. Mas em cada uma de suas páginas vive a verdadeira existência humana, embora sem amor, sem ódio e sem esperança”. E Flaubert diz que “Reli *Bola de Sebo* e sustento que é uma obra-prima”. A escolha destes fragmentos não parece ser aleatória, visto que Flaubert afirmou que se Maupassant escrevesse uma dúzia de textos assim, ele seria um homem, e isto foi um aval para que ele, em um curto espaço de tempo, produzisse toda a sua obra, o que permitiu que estes contos chegassem até aos leitores do mundo inteiro através da tradução de sua

obra. Como destacou Carpeaux, “ele construiu a maestria da técnica”. Maupassant era profundo na superficialidade, pois reconhecia o vazio da vida corporal, só prazer e depois a destruição total (SCHLAFMAN, 2005:7,8).

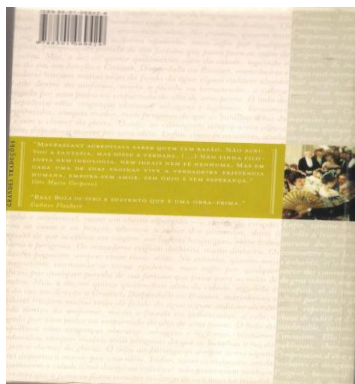


Figura 37

As orelhas do livro apresentam a antologia e Maupassant escritor. No final da orelha direita do livro há um texto, em nove linhas, que fala do local de nascimento e morte de Maupassant, além de afirmar que ele, como autor de contos, novelas e romances, focalizou a psicologia e os costumes da sociedade francesa. Cita *Uma vida*, *Bel-ami*, *Pedro e Joao* e *Forte como a morte* como os seus romances que mais se destacam. O texto das orelhas do livro mostra a vida meteórica do contista francês, que, como dito anteriormente, teve uma rica produção em dez anos, quando escreveu toda a sua obra. Segundo o texto, “É uma produção prolífica, mas não dispersiva”. Maupassant se submeteu, como bom discípulo de Flaubert, a uma disciplina rigorosa, o que ocasionou, apesar da abundância, um máximo de clareza que lançou raízes em seu país e no mundo. Para o autor do texto, Maupassant exerceu influencias, na *short story* americana (Henry James, O. Henry, Ambrose Bierce), e também pelo mundo afora, em Kipling (o Maupassant anglo-saxão), Somerset Maugham, Strindberg e os contos campestres de Pirandello.

Ao apresentar a antologia, o autor, das orelhas, explica que o título *As grandes paixões* não pertence a Maupassant, mas lhe acentua a tônica. Para ele, toda obra de Maupassant reflete o desdobramento de que foi vítima antes de afundar na loucura, mas quando ele se servia,

para um conto ou romance, de episódios da própria vida, nunca era ele quem os narrava. Cada um dos contos que encabeçam as quatro partes desta antologia é considerado um prodígio no seu gênero, a exemplo de *Bola de Sebo*.

A terceira página traz somente o título. A página de rosto (Figura 38), além do título, ela cita o tradutor, o nome do autor dos contos e o nome da editora, com data.



Figura 38

A página da ficha catalográfica, além do texto de praxe, traz o logotipo da Editora afiliada à Record – a ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

A introdução, vinda após o sumário, traz um texto de Léo Schlafman, em doze páginas. O texto fala de Maupassant enquanto escritor e homem da sociedade francesa da sua época, que se transformou, após aprovação de Flaubert de seus textos, no perfeito contista cuja influência ainda não cessou de produzir efeitos. O homem que sofria de enxaquecas e fazia uso imoderado do éter. O escritor que, “dada a profusão de sua produção, diziam-no menos fino do que Stendhal, menos poderoso do que Balzac, menos amplo do que Zola e menos profundo de que Flaubert, seu pai espiritual”. Além destas

informações, ele resume alguns contos da antologia. O texto da introdução não tece comentários sobre como a tradução foi feita, nem traz nenhuma informação ou nota de Schlafman como tradutor.

Recapitulando:

- ✓ Apesar de o nome do tradutor aparecer na capa, ele vem discretamente, em cores claras e não muito visível, pois está escrito em letras pequenas;
- ✓ A antologia pertence à coleção Grandes traduções;
- ✓ A introdução, escrita pelo tradutor da antologia, não fala sobre a sua tradução.

➤ **125 contos de Guy de Maupassant**

A décima segunda antologia a ser analisada é a *125 contos de Guy de Maupassant*, com oitocentas e vinte e uma páginas. Reúne, como diz o título, 125 contos do contista normando, os quais foram escolhidos por Noemi Moritz Kon e traduzidos por Amilcar Bettega. Escritor gaúcho de São Gabriel Bettega, que mora em Paris há mais de seis anos, fez a tradução dos contos com quase um ano de trabalho diário. Durante uma entrevista⁵⁷ ao Diário de Santa Maria, em 01/07/2009, ele disse que a tradução nos impõe uma camisa de força, visto que devemos ser fieis ao texto e isto se configura uma restrição a um escritor, como ele, “acostumado a trabalhar com a liberdade absoluta do texto a ser inventado”. Ele afirmou não ser um tradutor de ofício, que a sua tradução não segue uma determinada linha, e que não teve e não tem uma estratégia de tradução, pois queria que ficasse a impressão de que Maupassant escrevia em português. Noemi Moritz Kon⁵⁸ nasceu em São Paulo, em 1960. É Psicanalista vinculada ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Mestre e Doutora pelo Departamento de Psicologia da USP.

A capa (Figura 39), creditada a Jeff Fisher, é da cor roxa com marron, traz números cor de rosa e letras brancas, apresenta o nome do tradutor e da organizadora da obra. A edição, de 2009, foi lançada pela Companhia das Letras, que segundo Cruz (2007:80) surgiu em São Paulo, em 1986, sucedendo a Brasiliense como a editora da moda, e que

⁵⁷ BETTEGA, Amilcar. Entrevista: Obra de Guy de Maupassant é revisitada. Diário de Santa Maria, em 01/07/2009 Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4,1300,2563706,12628> Acesso em 25 de fevereiro de 2011.

⁵⁸ <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01936>

um dos fundadores da Companhia tinha sido um dos editores da Brasiliense. Com o tempo, a migração de muitos autores da antiga editora para o catálogo da nova foi inevitável e, em 1990, esta foi reconhecida como uma das mais importantes do país, o que perdura até hoje.

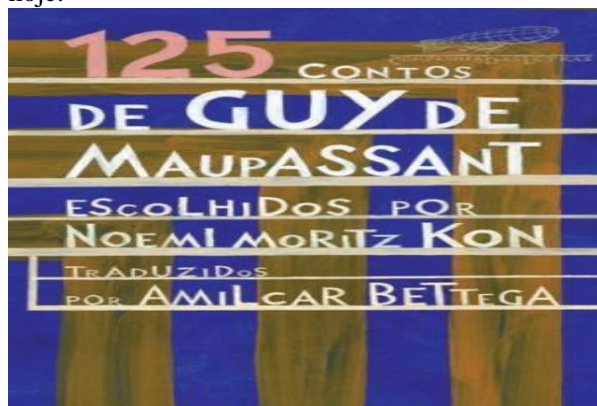


Figura 39

Esta edição assume, já na capa, sua natureza de texto traduzido, visto que nela conhecemos o tradutor da obra, além do nome da editora. A página de anterrosto traz somente o título da obra, em seu verso, na página quatro, uma nota explicativa sobre a madeira utilizada para a fabricação do livro, a qual provém de florestas de origem controlada. A próxima página, a página de rosto, contém o nome da obra, do autor, da organizadora e do tradutor, além das informações editoriais tais como a reimpressão e a Editora. Em seguida, no verso da página, são apresentados o Copyright, os créditos da capa, da preparação e da revisão, a ficha catalográfica, a data e o endereço da editora. O sumário, com quatro páginas, vem em seguida, elencando a apresentação, os contos e uma nota sobre o autor, no final do livro. No que concerne o discurso de acompanhamento, verifico a apresentação feita por Noemi Moritz Kon, com a biografia de Maupassant, em dezesseis páginas. Nela, a autora relata que a educação literária do escritor ficou por conta de Mme de Maupassant, sua mãe, e de Flaubert, que exigiu que ele praticasse a escrita, sem cessar, até que estivesse pronto para publicar. Ela conta sobre a infância, adolescência e juventude de Maupassant, além de apresentar a importância destes momentos na vida de escritor do contista francês. A influência de escritores e filósofos na vida de Maupassant também nos é apresentada por Noemi, que também discute

a presença do fantástico em sua obra e elenca alguns contos deste gênero. Ainda no espaço deste discurso de acompanhamento a autora discorre sobre o objetivo da obra, que é o de “trazer aos leitores uma amostra consistente” da qualidade literária. Ela afirma que os 125 contos escolhidos estão apresentados na ordem cronológica em que apareceram na imprensa e representam as várias vertentes e os mais variados temas presentes na extensa obra de Maupassant. Nos contos traduzidos, tanto os nomes e os sobrenomes dos personagens quanto os nomes dos lugares são mantidos em francês.

Na última página vem a nota sobre o autor francês em uma única página, mas o livro não apresenta nenhuma nota/menção sobre o tradutor. Ele é apenas mencionado na capa, na página de rosto e no seu verso. Essa antologia de textos traduzidos não contém ilustrações, não traz divisão em capítulos, e após um conto, inicia-se imediatamente o outro, até o final de todos os contos.

A quarta capa, que geralmente contém um texto impresso, é “quase muda”, pois só traz a continuação do desenho da capa e o código de barras. Segundo Genette (2009:29) “essa descrição é evidentemente um sinal exterior de nobreza”, pois, para ele, a quarta capa “é outro lugar estratégico que pode conter uma nota biográfica e/ou bibliográfica, um release, menções de outras obras publicadas pelo mesmo editor”, entre outros itens. A *lombada* da antologia de textos traduzidos, traz o título do livro numa impressão horizontal. O livro não contém orelha ou desdobros.

Recapitulando:

- ✓ Esta edição assume, já na capa, sua natureza de texto traduzido, visto que traz o nome do tradutor da obra;
- ✓ Apesar de trazer o nome do tradutor na capa, não apresenta nenhuma menção sobre o mesmo;
- ✓ A quarta capa não traz texto escrito;
- ✓ O livro não tem orelhas;
- ✓ A *lombada* traz o título do livro numa impressão horizontal.

➤ **Bola de Sebo e outros contos**

A última antologia a ser analisada é a *Bola de Sebo e outros contos*, da Hedra. Ela foi publicada em 2011, a mais recente encontrada durante a pesquisa. A sua capa (Figura 40) é creditada a Ronaldo

Alves⁵⁹, um *designer gráfico*, formado em Comunicação Social, de Brasília. Nela, constam o nome do autor, o título da obra e o da editora. O nome do tradutor não vem na capa, o que caracteriza uma tradução não assumida, de imediato, visto que o nome do tradutor, Plínio Augusto Coelho só aparece na página de rosto e na ficha catalográfica (Figura 41). A sua página de rosto (Figura 42) traz, além do título, dos nomes do autor, do tradutor e da editora, o local e a data da publicação. Esta antologia traz imagens e textos muito distorcidos, encontrei dificuldades em colocar figuras visíveis neste trabalho.

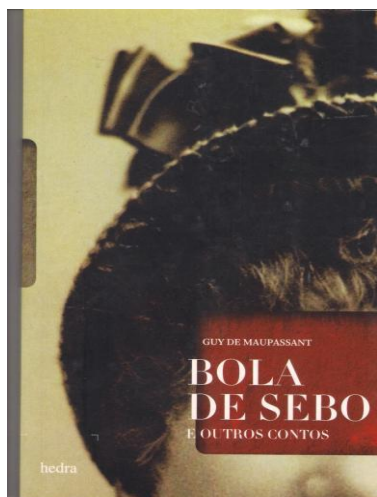


Figura 40

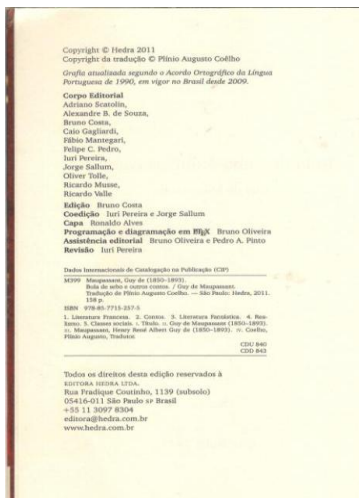


Figura 41

⁵⁹ <http://naldoartedesigner.wordpress.com/about/> Acesso em 10/04/14.

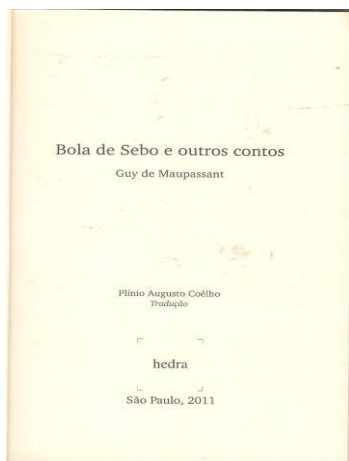


Figura 42

Os contos são iniciados sem nenhum prefácio ou introdução, apenas no apêndice aparece um texto sob o título *Guy de Maupassant* no qual o autor Joseph Conrad discorre sobre Maupassant escritor, sobre o seu estilo. Este texto foi extraído de *Notes on Life and Letters*, originalmente publicado como prefácio à edição de *Guy de Maupassant. Yvette and Other Stories. London, 1904*. A tradução, de B. Costa, inédita, em português, de um ensaio em que Joseph Conrad “fala sobre a coragem do escritor ao assumir uma representação realista e trágica da vida diante de um público que tantas vezes espera dos autores uma redenção nem sempre possível”. Nenhuma nota sobre a tradução ou o tradutor desta antologia consta no livro. Em suas orelhas (Figuras 43 e 44), o texto fala sobre Maupassant e sobre os contos reunidos neste livro, que são uma amostra da grande prosa francesa do século XIX. Além disso tece comentários sobre alguns contos da edição.

Apesar de ter sido publicada no século XXI, esta antologia não dá visibilidade à tradução nem ao tradutor.

O texto de quarta capa (Figura 45) afirma que Maupassant, “com suas tintas realistas, nas quais o narrador rara vezes se permite conduzir o leitor”, não se consagrou somente por sua concisão e precisão, mas ajudou a consolidar o gênero conto, “conferindo-lhe um lugar de destaque na produção do século XIX”. O autor também diz que

esta edição reúne nove de suas histórias mais marcantes, como *Bola de Sebo* e o *O Horla*.

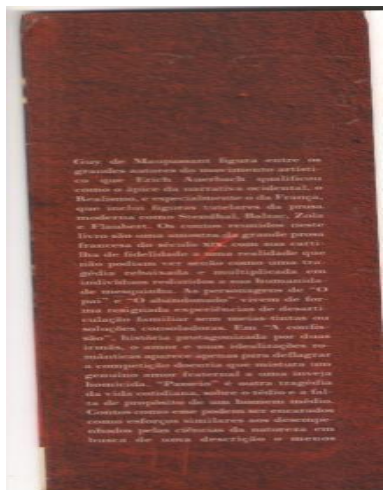


Figura 43



Figura 44



Figura 45

Recapitulando:

- ✓ A capa não indica ser uma tradução, visto não trazer o nome do tradutor;
- ✓ O texto das orelhas apresenta a antologia, resume alguns contos, mas não fala sobre a tradução dos mesmos;
- ✓ O texto de quarta capa, em doze linhas, fala de Maupassant e do ensaio de Joseph Conrad.

Conclusão

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar os elementos paratextuais presentes em doze antologias, dos séculos XX e XXI, traduzidas no Brasil, de Guy de Maupassant, pretendendo, assim, revelar como o autor e sua obra são apresentados ao leitor brasileiro, através dos paratextos. Antes de realizar a análise discorri sobre o momento literário do século XIX, apresentei quais as antologias de textos traduzidos, de Maupassant, no Brasil, forneci o perfil dos tradutores de Maupassant, no Brasil, das editoras que publicaram a sua obra e de seus estudiosos em várias partes do mundo com o intuito de reiterar a sua importância no sistema literário nacional. Ainda apresentei os contos mais traduzidos.

Neste trabalho destaca-se a importância dos paratextos como elementos mediadores entre o texto e o leitor de uma obra. Paratextos, que segundo Pessoa (2009:40) são as produções verbais ou não verbais que apresentam a obra literária ao mundo e a acompanham. Eles, segundo a autora, podem estar inseridos no livro, como o nome do autor, do tradutor, os títulos, os subtítulos, os prefácios, os posfácios, as introduções, as notas e as ilustrações. Ou ainda fora dele, tais como os divulgados na mídia, como as críticas literárias, as resenhas, as entrevistas e os comentários feitos em jornais, revistas e obras de referência em geral. Eles tornam o livro conhecido e levam o leitor a lê-lo. E, segundo Genette (2009:9), paratexto “é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. São, ainda segundo Genette, os *limiars* da porta de entrada para o livro⁶⁰.

Para este trabalho, selecionei um *corpus* constituído de doze antologias do contista francês Guy de Maupassant, traduzidas para o português e analisei os paratextos destas antologias. Existe, no Brasil, uma carência de material do autor francês. Apesar de Maupassant ter sido apresentado aos leitores brasileiros positivamente, percebi que a sua obra e o material à disposição de pesquisadores e estudiosos ainda é escasso o que tornou mais difícil a minha investigação. Analisei as capas, notas, quartas capas, orelhas, índice/sumário e página de rosto das antologias de textos traduzidos de Guy de Maupassant no Brasil, visto que estes elementos paratextuais contêm informações importantes

⁶⁰ http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710553_09_pretextual.pdf Acesso em 01/06/14

sobre o autor, a obra e a edição, além de verificar se há visibilidade do tradutor na obra analisada.

Considero que a análise da obra de Maupassant aponta para a necessidade de uma ampliação da pesquisa, devido um leque de informações abrangentes existentes no Brasil, no que concerne o contista normando, além de indicar a importância da tradução para o sistema literário nacional, apesar de sua obra ser escassa no país. Tradução que, ao longo do tempo, tem permitido o acesso a várias culturas e a concepções de mundo e de linguagem (ens), colocando-nos em contato com o pensamento de uma época.

A imagem de Maupassant no Brasil passa obrigatoriamente pela tradução de sua obra, a qual foi lida, citada e discutida por críticos, escritores, historiadores e leitores, dentre os quais destaco José Veríssimo, Otto Maria Carpeaux e Mário de Andrade, já citados anteriormente.

Verifiquei, ao longo da pesquisa, que as traduções não fazem referências aos textos originais, que os discursos de acompanhamento são, geralmente, notas bibliográficas, notas do tradutor e a apresentação da antologia, mas não têm uma análise da tradução dos contos nem menção à cultura de origem do texto-fonte. Somente na antologia *Madame Hermet e outros contos fantásticos*, a nota das tradutoras menciona dados da tradução. Nenhum outro tradutor tece considerações sobre o seu trabalho. Alguns falam da escolha dos contos e da edição em si.

Os textos das quartas capas das antologias de textos traduzidos trazem um resumo com dados sobre o escritor, fragmentos dos contos traduzidos, comentários sobre a edição, apesar deste espaço ser, geralmente, destinado à apresentação publicitária da edição. Os tradutores estão invisibilizados nas quartas capas. Das doze antologias de textos traduzidos analisadas, apenas uma, *Contos*, de 1987, traduzida por Ondina Ferreira, cita a mesma em sua quarta capa, em três linhas, o que me faz inferir que existe uma resistência à divulgação do nome do tradutor.

Oito antologias trazem textos de orelhas, alguns usam este espaço para divulgar outras obras da editora, abordar um pouco sobre o autor traduzido e a edição.

Das doze antologias de textos traduzidos, quatro têm, no título, o nome *Bola de Sebo*, a primeira novela de Maupassant, *Boule de Suif*, publicada em 1880 (Bola de Sebo), pela Maison de Georges Charpentier. Este fato se justifica porque ela o projetou na literatura francesa e, depois, na literatura mundial, após o grande sucesso

alcançado. Da mesma forma, duas antologias trazem, no título, o nome *Contos*, pois, as antologias, além de trazerem os contos de Maupassant, ratificam a ideia de que ele é considerado um dos maiores contistas de todos os tempos. Nove, das doze antologias, não assumem, serem, de saída, uma tradução, pois nome do tradutor não aparece nas capas. Como em todas as antologias, o nome de Guy de Maupassant vem nas capas, o que permite inferir ser um texto traduzido. Somente nas antologias *Contos* (edições de 1955 e 1958), *As grandes paixões* (2005) e *125 contos de Guy de Maupassant* (2009), o nome do (s) tradutor (es) aparece (m) em suas respectivas capas, o que me fez perceber que o tradutor ainda continua invisível em seu trabalho.

Pretendi, com esta pesquisa demonstrar a importância do paratexto ao leitor, para que ele possa entender as escolhas do tradutor, apesar de que as antologias analisadas pouco trouxeram de informações sobre as traduções e os tradutores nelas envolvidos. Creio que esta pesquisa possa levantar uma discussão sobre a importância do papel do tradutor e da tradução na análise paratextual, que mesmo sendo invisibilizados nestes livros, devem reivindicar a sua visibilidade como forma de reconhecimento de seu trabalho. Pretendi, também, revelar os aspectos privilegiados pelo tradutor na mediação de uma tradução entre texto e leitor, através do estudo do paratexto dos contos mais traduzidos, de Guy de Maupassant, em doze antologias dos séculos XX e XXI.

BIBLIOGRAFIA

- AGARD, Brigitte et ali. **Le XIXe Siècle em Littérature**. Paris: Hachette, 1986:8,421,420,543.
- ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense; Martins; INL, 1972: 7-10. O artigo data de 13 set. 1938.
- _____. Seleção de textos, notas, estudos bibliográfico, histórico e crítico por: João Luiz Lafetá. 2ª ed. São Paulo. Nova Cultural, 1988.
- ASSIS, Roberto Carlos. A transitividade na representação de sethe no corpus Paralelo beloved-amada. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Banco de Teses e Dissertações da CAPES.
- ASSIS, Roberto Carlos de. Agentes e ações na criação de uma disciplina: o caso dos Estudos da Tradução no Brasil. 2008. Disponível em: <http://cfcul.fc.ul.pt/projectos/cc%20humanas/TextosOficina.pdf>
- AUBEL, François et ali. **Le Mystère Maupassant**. Le Magazine Littéraire. Paris: G. Canale, 2011:56.
- AZENHA, JR João. In: CRUZ, Celso. **Metamorfoses de Kafka**. São Paulo: Annablume, 2007.
- BAKER, Mona. **Corpus-based Translation Studies: The Challenges that Lie Ahead'**, in Harold Somers (ed) *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language. Engineering in Honour of Juan C. Sager*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- BARCELLOS, Marília de Araujo. APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO LIVRO NOBRASIL: Uma aventura pelos anos de 1930 a 1950. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/57145133/artigo-HISTORIA-DO-LIVRO-NO-BRASIL> Acesso em 17/11/2011.
- BATALHA, Maria Cristina et ali. Tradução. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BENHAMOU, Noëlle. **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007:7.
- _____, Noëlle. **Faiseur ou précurseur?**. Le Magazine Littéraire. Paris: G. Canale, 2011:58.
- BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.
- BETTEGA, Amilcar. **125 Contos de Guy de Maupassant**. Seleção e apresentação de Noemi Moritz Kon. Tradução Amilcar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras, 2009:9-25, 821.

- BETTEGA, Amílcar. Entrevista: **Obra de Guy de Maupassant é revisitada**. Diário de Santa Maria, Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,1300,2563706,12628>
Acesso em: em 01/07/2009.
- BRANCO, Sinara. *The Application of Chesterman's (1997 & 2000) Translation Strategies to the Analysis of Translated Online News Reports Following Nord's (1991 & 1997) Functionalist Approach*. (Tese apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Inglês e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2007.
- BRUM, José Thomaz. **O Horla e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963:2422-2433. v. V.
- _____. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982:1592-1594. v. V. 2ª edição, revista e atualizada.
- CHIANCA, Rosalina Maria Sales. L'interculturel: découverte de soi-même et de l'autre. João Pessoa: Idéia, 2007.
- COUTINHO, Carlos Nelson. In: MAUPASSANT, Guy de. **Bola de Sebo e outros contos e novelas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- CRUZ, Celso. **Metamorfoses de Kafka**. São Paulo: Annablume, 2007.
- DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. 1ª edição. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1995.
- DIAS, Alice. **A obra romanesca de Guy de Maupassant – primeira parte**. 2012:1.
Disponível em: <http://www.literaturaemfoco.com/?p=37288> Acesso em 05/10/2012.
- DRANENKO, Galyna. **L'histoire de l'héritage maupassantien em Ukraine**. In: **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.
- DULAU, Alexandra Viorica. **La réception de Maupassant en Roumanie**. In: **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.

DUMESNIL, René. **La Normandie de Maupassant**, Le Mercure de France, CCXLI, 1º de janeiro de 1933.

Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k202152q/f25.image.r=Ren%C3%A9%20DUMESNIL%20La%20Normandie%20de%20Maupassant.langFR> Acesso em 14 de dezembro de 2012.

FARHAT, Arselène Ben. **La réception de Maupassant dans les pays arabes: étude des stratégies paratextuelles dans les récits traduits**. In: **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.

FÄRNOLÖF, Hans. De la motivation du fantastique. In: **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007:45.

FERREIRA, Ondina. **Contos de Guy de Maupassant**. Introdução, Seleção e Tradução de Ondina Ferreira. São Paulo: Cultrix, 1987.

F.M.O. Angela. A Teoria dos Polissistemas – Itamar Even-Zohar. Disponível em: <http://culturaetravesseiro.blogspot.com/2011/03/teoria-dos-polissistemas-itamar-even.html> Acesso em 20/11/2011.

FORESTIER, Louis. **Contes et Nouvelles**. Introduction, texte établi et annoté. Chronologie et avertissement. Paris: Gallimard, 1974: XXI-LXXXV.

FURLAN, Mauri. La retórica de la traducción en el Renacimiento: Elementos para la constitución de una teoría de la traducción renacentista. Barcelona, 2002.

GASPAR, Ana Cristina Jorge. **Thus much I thought proper to tell you” – o perfil textual e paratextual do público-alvo em tradução**.

Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1933/1/ulfl072334_tm.pdf Acesso em 30/05/14.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GÉRAUDELLE, Alain. Le Horla et autres contes fantastiques. Paris: Hachette, 1994:182-183.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HARDER-SIMILLION, Marie-Claude. **Contes et Nouvelles de Maupassant**. Tome II. Paris: Larousse, 1973.

HERVOT, Brigitte. **A mentora literária de Guy de Maupassant**. São Paulo: Lettres Françaises, 2010. p. 225-252.

_____. **Tagarelíce espirituosa: as cartas de Maupassant**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

HORTA, Patrícia. **O potencial de recepção de Jorge Amado na Alemanha**. Dissertação em Letras. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH – USP. São Paulo, 2002.

KON, Noemi Moritz. **125 Contos de Guy de Maupassant**. Seleção e apresentação de Noemi Moritz Kon. Tradução Amilcar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras, 2009:13.

LANOUX, Armand. **Maupassant Vivant. Contes et Nouvelles**. Paris: Gallimard, 1974 : IX-XIX.

LEFEVERE, Andre. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London/New York: Routledge, 1992.

MASSON, Nicole. **La Littérature Française**. Paris: Eyrolles, 2007.

MAUPASSANT, Guy de. **Contos e Novelas**. Tradução de Temístocles Linhares. Belo horizonte: Itatiaia, 1983.

MAUPASSANT, Guy. **125 contos de Guy de Maupassant**. Seleção e apresentação de Noemi Moritz Kon; tradução de Amilcar Bettega – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Contes et nouvelles**. Préface d'Armand LANOUX. Introduction de Louis FORESTIER. Paris: Gallimard, 1974.

_____. **Le roman. Romans**. Texte établi par Louis Forestier. Paris: Gallimard, 1987. (Bibliothèque de la Pléiade). pp. 703-715.

_____. **Madame Hermet e outros contos fantásticos**. Tradução de Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria José Werner Salles. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. **Contos**. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo: Editora Globo, 1958.

_____. **Contos de Guy de Maupassant**. Introdução, Seleção e Tradução de Ondina Ferreira. 3ª Edição. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. **Bola de Sebo e outros contos**. Tradução de Mario Quintana, Casimiro Fernandes, Justino Martins. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.

_____. **Contos fantásticos – O Horla e outras histórias**. Tradução de José Thomas Brum. Porto Alegre: L&PM, 1997.

_____. **Obras de Guy de Maupassant**. Edição Organizada por Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

MENDES, Oscar. Um crítico julgador. In: VERÍSSIMO, José. Alguns livros de 1900. **Estudos de Literatura Brasileira**. 3ª série. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1977:3-8.

MEYER, Denis C. **Force et suggestion**. University of Hong Kong (2003-2009). Disponível em:

http://www.french.hku.hk/dcmScreen/lang3035/lang3035_maupassant.htm Acesso em 06/10/2012.

MITTERAND, Henri. **Maupassant – Paris – Normandie**. Paris: Editions Hazan, 2010.

MONCKS, Joaquim. **Antologia e Coletânea – Uso e significado**. A FABRICAÇÃO DO REAL. 30.08.2013. In:

<http://www.recantodasletras.com.br/tutoriais/4458236> Acesso em 10 de dezembro de 2013

NEVES, Angela das. **A volta do Horla: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil**. 2007. 288 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. (Banco de Teses e Dissertações da Capes).

_____, Angela das. **Releituras de Guy de Maupassant**. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2039/1667> Acesso 25/05/2012.

_____, Angela das. **Contistas à Maupassant: A recepção criativa de Guy de Maupassant no Brasil**. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. (Banco de Teses da Capes).

PESSOA, Mariluce Filizola Carneiro. **O paratexto e a visibilidade do tradutor**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

PAES, José Paulo. **Tradução: ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PORCHER, Louis. **La civilisation**. Paris: Clé International, 1986.

POTELET, Hélène et ali. **Guy de Maupassant Contes et Nouvelles**. Paris : Hatier, 2004:4-10.

PYM, Anthony. **Method in Translation History**. Manchester: St Jerome, 1998.

RAMOS, Paula Viviane. **Artistas Ilustradores – A Editora Globo e a Constituição de uma Visualidade Moderna pela Ilustração**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2007.

- RITCHIE, Adrian. Maupassant em 1881: entre le conte et la chronique. In: **Guy de Maupassant – Études réunies par Noëlle Benhamou**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007:11.
- SANTOS, Maria dos Remédios Moraes. **Traduction en portugais du conte Une heure Ou la Vision de Charles Nodier**. São Luiz, Ma.: 2002. (Monografia).
- SATIAT, Nadine. **Maupassant – le papa de Simon et autres nouvelles**. Paris: Flammarion, 2006:7-17.
- _____. **Maman, oui**. Le Magazine Littéraire. Paris: G. Canale, 2011:66.
- _____. **Maupassant**. Grandes Biographies. Paris: Flammarion, 2003.
- SERRANI, Silvana. **Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico**. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200008 Acesso em 03 de junho de 2013.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira. IN: TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento**. Volume 1. Tubarão: Copiart, 2011.
- SOUZA, Felipe Freitas de. **Um estudo em tradução cultural no século XIX: Rui Barbosa e o ensino de desenho**. Revista Espaço Acadêmico. Nº 113. Outubro 2010.
em:<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10223/650>, em 10 de junho de 2012.
- TAUVEL, Jean-Paul. **Cinq Contes – Guy de Maupassant**. Paris: Hachette, 2004:5-8.
- THÉRENTY, Marie-Ève. **Les mouvements littéraires du XIX et du XX Siècle**. Paris: Hatier, 2001.
- TORODOV, Tzevan. **A definição do fantástico**. In: *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004: 29-63.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento**. Tradução de Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Volume 1. Tubarão: Copiart, 2011.
- _____. **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises dès lettres brésiliennes**. France: Artois Presses Université, 2004.
- TROYAT, Henri. **Maupassant**. Paris: Flammarion, 1989.

VASCONCELLOS, Marianna Fernandes de. **Maupassant entre jornalismo e literatura**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. (Banco de Teses da Capes).

VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. Routledge, London and New York, 2000.

VERÍSSIMO, José. Alguns livros de 1900. **Estudos de Literatura Brasileira**. 3ª série. Introdução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1977:9,131-134.

_____. **Teoria, crítica e história literária**. (Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa). Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1978: 208.

ANEXOS

I - As obras originais em língua francesa cadastradas na BN

Autor	Título	Editora	Ano
1. Guy de Maupassant	Émile Zola	A. Quantin	1883
2. Guy de Maupassant	Les soeurs Rondoli	P. Ollendorff	1884
3. Guy de Maupassant	La petite Roque	V. Havard	1886
4. Guy de Maupassant	Le Horla	Paul Ollendorff	1887
5. Guy de Maupassant	Au soleil	V. Harvard	1888
6. Guy de Maupassant	L'inutile beauté	Victor – Havard	1890
7. Guy de Maupassant	Notre coeur	P. Ollendorff	1890
8. Guy de Maupassant	Musotte, pièce en trois actes	P. Ollendorff	1891
9. Guy de Maupassant	Bel-ami	P. Ollendorff	1895
10. Guy de Maupassant	Miss Harriet	P. Ollendorff	19.. (?)
11. Guy de Maupassant	La petite Roque	Michel	19.. (?)
12. Guy de Maupassant	Contes choisis	P. Ollendorff	1905
13. Guy de Maupassant	Le horla	Société D'Éditions Littéraires et Artistiques – Libr. P. Ollendorff	1905
14. Guy de Maupassant	Fort comme la mort	Société D'Éditions Littéraires et Artistiques – Libr. P. Ollendorff	1905
15. Guy de Maupassant	Yvette	P. Ollendorff	1906
16. Guy de Maupassant	Pierre et Jean	P. Ollendorff	1908
17. Guy de Maupassant	Contes de La bécasse	Paris: L. Conard,	1908

18.Guy de Maupassant	Oeuvres complètes de Guy de Maupassant	L. Conard	1908 – 10
19.Guy de Maupassant	Contes de Normandie et d'ailleurs	Lib. D. Ollendorff	1911
20.Guy de Maupassant	Oeuvres choisies de Guy de Maupassant; poésies, contes, Roman et nouvelles, théâtre	C.Delagrave	1911
21.Guy de Maupassant	Sur l'eau	C. Marpon et E. Flammarion	1925
22.Guy de Maupassant	Sur l'eau	A. Michel	1925
23.Guy de Maupassant	Monsieur parent	A. Michel	1925
24.Guy de Maupassant	Au soleil	A. Michel	1925
25.Guy de Maupassant	Les manches d'un bourgeois de Paris	A. Michel	1925
26.Guy de Maupassant	Le rosier de Mme. Husson	Albin Michel	1927
27.Guy de Maupassant	Les soeurs Rondeli	A. Michel	1927
28.Guy de Maupassant	Des vers	A. Michel	1927
29.Guy de Maupassant	Yvette	Amerc. Edit.	1943 (?)
30.Guy de Maupassant	Vingt contes	Americ-Edit.	194 ?
31.Guy de Maupassant	Pierre et Jean	Americ. Edit.	194 ?
32.Guy de Maupassant	Fort comme la mort	Americ Edit.	1944
33.Guy de Maupassant	Correspondance inédite	D. Wapler	1951
34.Guy de Maupassant	Le Horla	Paul Ollendorff	1987
35.Guy de Maupassant	Conte et nouvelles	Gallimard	1974 – 1979
36.Guy de Maupassant	Le rosier de Mme Husson	P. Ollendorff	19 ?
37.Guy de Maupassant	Fort comme la mort	P. Ollendorff	?

38.Guy de Maupassant	L'héritage	C. Marpon et E. Flammarion	?
----------------------	------------	----------------------------	---

II. Obras traduzidas de Maupassant cadastradas na BN

Autor	Título	Tradutor	Editora	Ano
1.Guy de Maupassant	Pedro e João	-----	Liv. de A. M. Pereira	1895
2.Guy de Maupassant	Vogando	-----	Laemmert	1896
3.Guy de Maupassant	Forte como a morte	-----	Laemmert	1897
4.Guy de Maupassant	Pedro e João	-----	Laemmert	18- ?
5.Guy de Maupassant	Pedro e João	-----	Ed. Universal	1932
6.Guy de Maupassant	Bola de Sebo	-----	Gráfico Ed. Unitas	1933 (?)
7.Guy de Maupassant	Segredos do coração	Tradução de Alvaro Gonçalves	J. Olympio	1944
8.Guy de Maupassant	Forte como a morte	Tradução de Accioly Neto	J. Olympio	1944
9.Guy de Maupassant	As termas de Mont-Oriol	-----	Ed. Vecch	1944
10.Guy de Maupassant	Contos	-----	Liv. Globo	1946
11.Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	-----	Edições Miniatura	1948
12.Guy de Maupassant	Novelas e contos	-----	Ed. Globo	1951
13.Guy de Maupassant	Uma vida, Pedro e João	-----	W. M. Jackson	1952
14.Guy de Maupassant	Bola de Sebo e outras histórias	-----	Ed. Saraiva	1953
15.Guy de Maupassant	O vestal da senhora Husson	Wilson Martins e Joaquim Novas Teixeira	Martins	1953
16.Guy de Maupassant	Forte como a morte	-----	Liv. Martins	1953
17.Guy de Maupassant	Pai Milon	-----	Liv. Martins	1953
18.Guy de Maupassant	Nosso Coração	-----	Liv. Martins	1953

19. Guy de Maupassant	Bel – Ami	-----	Liv. Martins	1953
20. Guy de Maupassant	Uma vida	-----	Liv. Martins	1953
21. Guy de Maupassant	Monte Oriel	-----	Liv. Martins	1953
22. Guy de Maupassant	Contos da galinhola	-----	Liv. Martins	1953
23. Guy de Maupassant	Monsieur Parent	-----	Liv. Martins	1953
24. Guy de Maupassant	A pensão Tellier	-----	Liv. Martins	1953
25. Guy de Maupassant	Os domingos de um burguês de Paris	-----	Liv. Martins	1953
26. Guy de Maupassant	As irmãs Rondoli	-----	Liv. Martins	1953
27. Guy de Maupassant	Tonico	-----	Liv. Martins	1953
28. Guy de Maupassant	Ivete	-----	Liv. Martins	1953
29. Guy de Maupassant	Caprichos do coração	-----	Liv. Martins	1953
30. Guy de Maupassant	Luisa La Roque e o Horla	-----	Liv. Martins	1953
31. Guy de Maupassant	Mademoiselle Fifi	-----	Liv. Martins	1953
32. Guy de Maupassant	Pedro e João	-----	Liv. Martins	1953
32. Guy de Maupassant	Bel – Ami	-----	Liv. Martins	1953, 1956
32. Guy de Maupassant	O Prazer	-----	Casa Ed. Vecchi	1954
35. Guy de Maupassant	A pensão Tellier	-----	Liv. Martins	1955
36. Guy de Maupassant				
37. Guy de Maupassant	Ivete	-----	Liv. Martins	1955
38. Guy de Maupassant	Vogando	-----	Livraria Americana	?
39. Guy de Maupassant	Os domingos de um burguês de Paris	-----	Liv. Martins	1955

40.Guy de Maupassant	Caprichos do coração e Misti.	-----	Liv. Martins	1955
41.Guy de Maupassant	As irmãs Rondoli e contos do dia e da noite	-----	Liv. Martins	1956
42.Guy de Maupassant	Contos da galinhola	-----	Liv. Martins	1956
43.Guy de Maupassant	Luisa La Roque	Lauro Almeida	Liv. Martins	1956
44.Guy de Maupassant	Bel-ami	-----	Liv. Martins	1956
45.Guy de Maupassant	Contos escolhidos	-----	Ed.Melhoramentos	1956
46.Guy de Maupassant	Uma vida	Departamento Editorial de W. M. Jackson Inc.	W.M. Jackson Inc.	1959
47.Guy de Maupassant	Histórias eternas	-----	Ed. Cultrix	1959
48.Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos e novelas	-----	Civilização Brasileira	1970
49.Guy de Maupassant	Bola de Sebo	Edmundo Lys	Bruguera	1971
50.Guy de Maupassant	Mademoiselle Fifi	Aurea Brito Weisemberg	Bruguera	1971
51.Guy de Maupassant	Contos escolhidos	Edmundo Lys	Bruguera	1971
52.Guy de Maupassant	Mille. Fifi	-----	Ed. Três	1974
53.Guy de Maupassant	A inconstante	-----	Clube do Livro	1976
54.Guy de Maupassant	Bel Ami	-----	Circulo do Livro	1981 (?)
55.Guy de Maupassant	Bel Ami	Clovis Ramalhete	Abril Cultural	1981
56.Guy de Maupassant	Contos de Guy de Maupassant	Ondina Ferreira	Cultrix	1985
57.Guy de Maupassant	Uma vida	Ascendino Leite	Abril Cultural	1985
58.Guy de Maupassant	O Horla e outras histórias	José Thomaz Brum	L&M	1986

59. Guy de Maupassant	Bola de Sebo e outros contos	Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Globo	1986
60. Guy de Maupassant	Uma vida	Marques Rebelo	Tecnoprint	1986 (?)
61. Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins	Globo	1987
62. Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1988
63. Guy de Maupassant	Pensão Tellier	Augusto de Sousa	Tecnoprint	1988
64. Guy de Maupassant	Os melhores contos de Guy de Maupassant	Ondina Ferreira	Círculo do Livro	1988
65. Guy de Maupassant	Gustave Flaubert	Betty Joyce	Pontes	1990
66. Guy de Maupassant	Uma vida	Elias Davidovich	Tecnoprint	1991
67. Guy de Maupassant	Pensão Tellier	Augusto de Sousa	Ediouro	1993
68. Guy de Maupassant	O cordão	Elisa Tamajusuku ... [et al]	Paraula	1993
69. Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1993
70. Guy de Maupassant	Forte como a morte	Sergio Rubens	Ediouro	1993
71. Guy de Maupassant	Uma vida	Marques Rebelo	Ediouro	1993
72. Guy de Maupassant	O abandonado e outros contos	Plínio Augusto Coelho	Scrinium	1997
73. Guy de Maupassant	A herança	Augusto de Souza	Ediouro	1997
74. Guy de Maupassant	Contos fantásticos: O Horla & outras histórias	José Thomaz Brum	L&M	1997

75.Guy de Maupassant	Os anos cor de Rosa, casa turca	Clémence M. C. Jouët-Pastré	Cone Sul	1998
77.Guy de Maupassant	Bola de sebo e outras histórias	Paulo Mendes Campos	Scipione	1998
78.Guy de Maupassant	Madame Hermet e outros contos fantásticos	Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria Jose Werner Salles	Editora da UFSC	1999
79.Guy de Maupassant	Contos fantásticos: O Horla & outras histórias	José Thomaz Brum	L&PM	1999
80.Guy de Maupassant	Bola de sebo e outros contos	Pietro Nasseti	M. Claret	2003
81.Guy de Maupassant	A noite: pesadelo	José Bento Ferreira	CosacNaify	2004
82.Guy de Maupassant	125 contos	Amilcar Bettega	Companhia das Letras	2009
83.Guy de Maupassant	Bel Ami	Leila de Aguiar Costa	Estação Liberdade	2011
84.Guy de Maupassant	O Horla	-----	Artes e Ofícios	

III. Obras de Maupassant em espanhol, alemão e inglês cadastradas na BN

1.Guy de Maupassant	La loca	Casa Ed. Mauci	1905
2.Guy de Maupassant	Ein menschenleben (roman)	E. Fleischel	1919
3.Guy de Maupassant	Die schnepfe	E. Fleisachel & co.	1919
4.Guy de Maupassant	Short Stories	J. M. Dent & sons itd	1951

IV. Contos mais traduzidos e a sua posição nas antologias

Antologia	Contos mais traduzidos	Posição do conto na antologia
Novelas e Contos	As tumulares	2º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos) – (1986)	As tumulares	5º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	As tumulares	5º conto
125 Contos de Guy de Maupassant	As sepulcrais	124º conto
Novelas e Contos	História de uma criada de granja	4º conto
As grandes paixões	História de uma rapariga de granja	12º conto
Novelas e Contos	Uma aventura parisiense	5º conto
As grandes paixões	Uma aventura parisiense	21º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Uma aventura parisiense	5º conto
Novelas e Contos	Um filho	8º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Um filho	9º conto
Novelas e Contos	Um ardil	11º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Um ardil	13º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Um ardil	10º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Um ardil	10º conto
Novelas e Contos	O lobo	12º conto
O Horla e outras histórias (1986)	O lobo	1º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O lobo	20º conto
Novelas e Contos	Madame Batista	14º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Madame Baptiste	22º conto
Novelas e Contos	A louca	15º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A louca	23º conto
Novelas e Contos	Dois amigos	17º conto
As grandes paixões	Dois amigos	3º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Dois amigos	28º conto
Novelas e Contos	Aparição	19º conto
O Horla e outras histórias (1986)	Aparição	4º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Aparição	33º conto
Novelas e Contos	O caso da Sra Luneau	24º conto
As grandes paixões	O caso da Senhora Luneau	11º conto

125 contos de Guy de Maupassant	A Confissão 1	46º conto
Novelas e Contos	A Confissão 1	26º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	A Confissão 1	6º conto
Contos de Guy de Maupassant	A Confissão 2	26º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A Confissão 2	81º conto
Novelas e Contos	O pai	28º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	O Pai	9º conto
Novelas e Contos	Rosa	31º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Rose	57º conto
Novelas e Contos	O guarda-chuva	33º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O guarda-chuva	59º conto
Novelas e Contos	A patroa	35º conto
As grandes paixões	A patroa	23º conto
Novelas e Contos	A herança	36º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	A herança	6º conto
Novelas e Contos	Adeus	37º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Adeus	65º conto
Novelas e Contos	O medo 1	38º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O medo 1	74º conto
Contos de Guy de Maupassant	O medo 2	13º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O medo 2	17º conto
O horla e outras histórias	O medo 2	3º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Uma venda	43º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Uma venda	62º conto
Novelas e Contos	A confiança	43º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A confiança	89º conto
Novelas e Contos	A imprudência	44º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A imprudência	91º conto
Novelas e Contos	Mademoiselle Perle	46º conto
Contos de Guy de Maupassant	Mademoiselle Perle	6º conto
Novelas e Contos	O velho Amable	51º conto
Contos de Guy de Maupassant	O Tio Amable	14º conto
Novelas e Contos	A noite	53º conto
Contos de Guy de Maupassant	A noite	17º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A noite	111º conto
Novelas e Contos	O afogado	55º conto
Contos de Guy de Maupassant	O afogado	22º conto
Novelas e Contos	Um retrato	56º conto

125 contos de Guy de Maupassant	Um retrato	117º conto
Novelas e Contos	O mascarado	57º conto
As grandes paixões	O máscara	7º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O máscara	119º conto
Contos de Guy de Maupassant	A máscara	21º conto
Novelas e Contos	Alexandre	59º conto
Contos de Guy de Maupassant	Alexandre	12º conto
125 contos de Guy de Maupassant	No campo	18º conto
Contos de Guy de Maupassant	No campo	23º conto
Novelas e Contos	Quem sabe?	62º conto
Contos de Guy de Maupassant	Quem sabe?	7º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Quem sabe?	122º conto
Contos de Guy de Maupassant	Na água	27º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Sobre a água	1º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Bola de Sebo	1º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Bola de Sebo	2º conto
Bola de sebo e outros contos	Bola de Sebo	1º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	Bola de Sebo	1º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Bola de Sebo	1º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	Bola de Sebo	1º conto
As grandes paixões	Bola de Sebo	1º conto
O Horla e outras histórias	Magnetismo	2º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Magnetismo	2º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Magnetismo	8º conto
As grandes paixões	Louco?	15º
125 contos de Guy de Maupassant	Louco?	11º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	A empalhadora	11º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A empalhadora	12º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Sonhos	3º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Sonhos	10º conto
Contos de Guy de Maupassant	Luar	1º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Luar	16º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	O porco do Morin	13º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Aquele porco do Morin	21º conto
Bola de Sebo e outros contos	O porco do Morin	3º conto

(1987)		
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	O porco do Morin	3º conto
As grandes paixões	Aquele porco do Morin	17º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Conto de Natal	25º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Conto de Natal	8º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	O colar de diamantes	2º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O colar	61º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	O colar de diamantes	2º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	O colar de diamantes	5º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	A pensão Tellier	4º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	Pensão Tellier	2º conto
As grandes paixões	A pensão Tellier	6º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	A pensão Tellier	4º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	A pensão Tellier	15º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Em família	6º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Em família	6º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Em família	19º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	“Mademoiselle” Fifi	7º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	“Mademoiselle” Fifi	7º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	Mademoiselle Fifi	4º conto
As grandes paixões	Mademoiselle Fifi	2º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Mademoiselle Fifi	20º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Encontro	8º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Encontro	8º conto
As grandes paixões	O encontro	20º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Encontro	21º conto

125 contos de Guy de Maupassant	Encontro	64º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Monsieur Parent	9º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Monsieur Parent	9º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Monsieur Parent	23º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Miss Harriet	11º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Miss Harriet	11º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	Miss Harriet	3º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Miss Harriet	24º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Yvette	12º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Yvette	12º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Yvette	28º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	Horla	13º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	Horla	13º conto
O Horla e outras histórias (1986)	Horla – primeira versão	8º conto
O Horla e outras histórias (1986)	Horla – segunda versão	9º conto
Bola de sebo e outros contos e novelas (Civilização Brasileira)	Horla	5º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	Horla	2º conto
As grandes paixões	Horla – primeira versão	13º conto
As grandes paixões	Horla – segunda versão	14º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Horla	38º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Horla – primeira versão	103º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Horla – segunda versão	109º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Horla – primeira versão	7º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Horla – segunda versão	8º conto
Bola de Sebo e outros contos (1987)	O Sinal	14º conto
Bola de Sebo e outros contos (Biblioteca dos Séculos)	O Sinal	14º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão	O Sinal	41º conto

e 3ª Edição		
125 contos de Guy de Maupassant	O Sinal	96º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	Mohammed Bandalino	3º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Mohammed Fripouille	30º conto
O Horla e outras histórias (1986)	A mãe dos monstros	5º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A mãe dos monstros	36º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	O abandonado	4º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O abandonado	77º conto
Contos de Guy de Maupassant	O abandonado	19º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Passeio	70º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	Passeio	5º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Passeio	31º conto
Bola de Sebo e outros contos (Hedra)	Berthe	7º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Berta	29º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Berthe	80º conto
O Horla e outras histórias (1986)	Carta de um louco	6º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Carta de um louco	86º conto
O Horla e outras histórias (1986)	Um caso de divórcio	7º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Um caso de divórcio	99º conto
Contos de Guy de Maupassant	A morte	25º conto
O Horla e outras histórias (1986)	A morte	10º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A morte	110º conto
As grandes paixões	A aventura de Walter Schnaffs	4º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	A aventura de Walter Schnaffs	17º conto
Contos de Guy de Maupassant	A aventura de Walter Schnaffs	20º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A aventura de Walter Schnaffs	34º conto
As grandes paixões	O barrilzinho	8º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	O barrilzinho	32º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O barrilzinho	68º conto
As grandes paixões	Mosca	9º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Mosca	44º conto

125 contos de Guy de Maupassant	Mosca	121º conto
As grandes paixões	As irmãs Rondoli	16º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	As irmãs Rondoli	22º conto
As grandes paixões	Châli	18º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Châli	33º conto
O Horla e outras histórias (1986)	O homem de Marte	11º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O homem de Marte	123º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Madame Hermet	37º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	Madame Hermet	9º conto
Contos de Guy de Maupassant	Pierrô	21º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Pierrô	14º conto
Contos de Guy de Maupassant	O albergue	3º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O albergue	100º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	A mão	2º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	A mão	5º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A mão	52º conto
Madame Hermet e outros contos fantásticos	A cabeleira	6º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A cabeleira	69º conto
Contos de Guy de Maupassant	Meu tio Jules	9º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Meu tio Jules	40º conto
Contos de Guy de Maupassant	O armário	24º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O armário	83º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Santo Antônio	16º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Santo Antônio	32º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	As joias	18º conto
125 contos de Guy de Maupassant	As joias	31º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	A desconhecida	25º conto
125 contos de Guy de Maupassant	A desconhecida	85º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	O Batismo	26º conto
125 contos de Guy de Maupassant	O Batizado	84º conto
Contos - 1ª Edição – 4ª impressão e 3ª Edição	Raivosa?	42º conto
125 contos de Guy de Maupassant	Raivosa?	41º conto

V – Obras Traduzidas - Index Translationum da UNESCO

- 1 Bel-Ami [Portugais] / **Ramalhete**, Clovis
São Paulo: Círculo do Livro [**Brésil**], 1981. 322 p. Bel-ami [Français]
- 2 Bel-Ami [Portugais] / **Ramalhete**, Clovis
São Paulo: Abril Cultural [**Brésil**], 1981. 319 p. Bel-ami [Français]
- 3 Bola de sebo [Portugais] / **Lys**, Edmundo
Rio de Janeiro: Bruguera [**Brésil**], 1971. 160 p. Boule de suif [Français]
- 4 Mademoiselle Fifi [Portugais] / **Weisemberg**, Aurea Brito
Rio de Janeiro: Bruguera [**Brésil**], 1971. 160 p. Mademoiselle Fifi [Français]
- 5 Uma vida [Portugais] / **Leite**, Ascendino
São Paulo: Abril Cultural [**Brésil**], 1985. 256 p. Une vie [Français]
- 6 Contos [Portugais] / **Ferreira**, Ondina
São Paulo: Cultrix [**Brésil**], 1985. 246 p. 2. ed. [Français]
- 7 Bola de sebo e outros contos [Portugais]
Quintana, Mário; **et al.** / Rio de Janeiro: Globo [**Brésil**], 1987. 322 p. Boule de suif [Français]
- 8 Pensão Tellier [Portugais], A herança [Portugais], Bola de sebo [Portugais] **Sousa**, Augusto de / Rio de Janeiro: Tecnoprint [**Brésil**], 1988. 171 p., ill.
L'heritage [Français], Boule de suif [Français], La maison Tellier [Français]
- 9 A casa Tellier [Portugais], Bola de sebo [Portugais]
Saint-Aubyn, Isabel María / Lisboa: Círculo de Leitores [**Portugal**], 1992. 242, (1) p.
Boule de suif [Français], La maison Tellier [Français]
- 10 Gustave Flaubert (traducao: Betty Joyce) [Portugais]
Campinas, SP: Pontes [**Brésil**], 1990. 128 p. Pour Gustave Flaubert [Français]
- 11 Bel-Ami [Portugais]

- Viegas**, Margarida / Madrid: S.A.E.P.A. [**Espagne**], 1994. 367 p. Bel-ami [Français]
- 12 Bel-Ami [Portugais]
Brasil, Jaime / Barcelona: RBA [**Espagne**], 1995. 281 p. Bel-ami [Français]
- 13 Bel-Ami [Portugais]
Brasil, Jaime / Lisboa: Vega [**Portugal**], 1994. 289 p. [Français]
- 14 A heranca [Portugais]
Souza, Augusto de / Rio de Janeiro: Ediouro [**Brésil**], 1997. 125 p. L'heritage [Français]
- 15 Bel-Ami [Portugais]
Plantier, Carlos / Madrid: S.A.E.P.A. [**Espagne**], 1997. 367 p. Bel-ami [Français]
- 16 Sobre a água [Portugais]
Pedrosa, Inês / Lisboa: Expo'98 [**Portugal**], 1997. 45 p. Sur l'eau [Français]
- 17 Bel-Ami [Portugais]
Plantier, Carlos / Madrid: SAPE [**Espagne**], 2002. 367 p. Bel-ami [Français]
- 18 Madame Hermet e outros contos fantásticos [Portugais] (ISBN: 8532801706)
Gerlach, Carmen Lúcia Cruz Lima; **Salles**, Maria José Werner Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina[**Brésil**], 1999. 229 p., ill. Ed. bilíngüe. Contes fantastiques [Français]
- 19 Uma vida [Portugais] (ISBN: 85-00-21243-8)
Rebello, Marques / Rio de Janeiro: Ediouro [**Brésil**], 1993. 162 p. Une vie [Français]
- 20 Forte com a morte [Portugais] (ISBN: 85-00-32500-3)
Rubens, Sergio / São Paulo: Ediouro [**Brésil**], 1993. 223 p. Fort comme la mort [Français]
- 21 O cordao ; Meu tio Julio : dois contos [Portugais]
Tamajusuku, Elisa; **et al.** / Porto Alegre: Paraula [**Brésil**], 1993. 61 p. Ed. bilingue.

- La ficelle, etc. [Français]
- 22 Pensao tellier [Portugais], A heranca [Portugais], Bola de sebo [Portugais] (ISBN: 85-3-071182-3)
Sousa, Augusto de / Rio de Janeiro: Ediouro [**Brésil**], 1993. 171 p.
L'heritage [Français], Boule de suif[Français], La maison Tellier [Français]
- 23 Contos do insólito [Portugais] (ISBN: 972-665-487-4)
Costa, João / Lisboa: Guimarães Editores [**Portugal**], 2004. 234, 2 p. [Français]
- 24 O horlá [Portugais]
Reis, Jorge / Lisboa: Difel [**Portugal**], 1987. 78, 1 p.
Le horla, le vagabond [Français]
- 25 Santo António; Imprudência; A casa Tellier [Portugais]/ Lisboa: Correio da Manhã [Portugal], 1991. 61, 3 p. [Français]